



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS –
CAMPUS IV COLEGIADO DE HISTÓRIA**

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA

**MULHERES RURAIS: COLETÂNEA DE ENTREVISTAS DE
TRABALHADORAS DE QUIXABEIRA-BA (2008-2020)**

**JACOBINA-BA
2024**

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA

**MULHERES RURAIS: COLETÂNEA DE ENTREVISTAS DE
TRABALHADORAS DE QUIXABEIRA-BA (2008-2020)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas *Campus IV* Jacobina, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^aMa. Maria Sandra da Gama

**JACOBINA-BA
2024**

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA

**MULHERES RURAIS: COLETÂNEA DE ENTREVISTAS DE
TRABALHADORAS DE QUIXABEIRA-BA (2008-2020)**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Comissão Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina – BA, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^aMa. Maria Sandra da Gama (UNEB)

Membro da Banca Examinadora

Prof.^aDra. Maria Dalva de Lima Macedo (UNEB)

Membro da Banca Examinadora

Prof.^aDra. Polliana Moreno dos Santos (UNEB)

JACOBINA-BA

2024

Dedico esse trabalho a minha querida filha, que esteve comigo desde o primeiro dia
dessa jornada universitária.

Nossos direitos vêm! Nossos direitos
vêm! Nossos direitos vêm! Se não vêm
nossos direitos, o Brasil perde também.
(Quebradeiras de Coco Babaçu)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu grandioso Deus por ter me permitido chegar até aqui. À Nossa Senhora e a Santa Luzia, pelas interseções e atendimento às minhas orações.

Agradeço também à minha filha Ster, por ter me acompanhado desde o primeiro momento em que descobri que passei no vestibular, e que apesar de às vezes não entender os motivos de não estar com ela, sempre foi tão carinhosa e prestativa.

Ao meu esposo Timóteo, agradeço por aguentar meus choros frequentes por não conseguir fazer um texto, por me incentivar a não desistir todas as vezes em que eu falava que não iria conseguir e por sempre estar presente nas minhas conquistas.

Agradeço também aos meus pais, Edilza e Elizeu, que me deram a vida, amor e auxílio, pois, sem eles eu não teria conseguido continuar indo às aulas na UNEB. À minha irmã, Lanna, por sempre estar presente quando mais precisei.

Aos demais familiares que não vou conseguir citar o nome de todos, pois, não quero que fiquem chateados se eu esquecer de alguém (risos), agradeço a vocês por todo o apoio e torcida que cada um me deu durante toda a minha vida.

Meus agradecimentos sinceros a todas as mulheres da AMTQ, que me auxiliaram nessa jornada. Em especial as associadas que me concederam a oportunidade de entrevista-lás, obrigada: Eva, Lucilia, Maria José, Edenilza, Hilda, Eliene, Fidelcina e Nelcimária, e também à presidente Elâine, por me ajudar a realizar esse trabalho sobre a Associação.

Agradeço também à minha orientadora professora Maria Sandra, por toda a sua dedicação para comigo, por esses quase dois anos de orientação.

Meu muito obrigada às professoras: Maria Dalva e Polliana Moreno pelas importantes contribuições que trouxeram ao trabalho com suas leituras cuidadosas, sugestões e participação na banca. Para finalizar, agradeço a todas as minhas amigas, amigos e colegas que me apoiaram nessa longa jornada.

ENTREVISTA STER

Enquanto realizava minha primeira entrevista alguém ficava a me observar, aquele olhar curioso e que queria participar. Prometi que se ela esperasse a entrevista com sua bisá acabar, eu também iria lhe entrevistar. Fiz para satisfazer a vontade e a curiosidade de uma criança, mas que também se tornou um registro lindo, o qual quero compartilhar!

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Qual é o seu nome? Sua idade? Qual é o seu nome...

STER DE SOUZA QUEIROZ: O meu nome é Ster, eu tenho quatro anos e eu moro no Ramal, eu sou da minha mamã... mãe, hum, mamãe, espera! Ei, é ma... mãe, espera, (risos) mamãe... mamãe Darlane.

D: E você faz o quê?

S: E eu faço...

D: O que você faz da vida?

S: Eu faço na vida, bin... brincar, assistir também.

D: É?! Você estuda?

S: Estudo! (voz da bisachamando-a)

D: Você tá em qual série, você sabe?

S: Hum... no sério quatro!

D: No sério quatro? (risos) Ahm...

S: E, e eu gosto muito da minha maaamãe, mãe Darlane!

D: É?!!

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal a construção de uma coletânea de entrevistas das Mulheres Rurais que estiveram e estão presentes na organização da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira – AMTQ, preservando a memória e podendo assim, servir como fonte para futuros trabalhos acadêmicos ou em outros espaços. Os estudos foram pautados em relação à história da mulher e o trabalho da mulher no meio rural, salientando a importância de suas histórias, finalmente, sendo contadas nos últimos anos. A investigação parte dos papéis desenvolvidos pelas mulheres na economia familiar e na produção agrícola do município. Ao longo das entrevistas as mulheres vão evidenciando, em suas falas, as trajetórias de luta por meio dos movimentos sociais e na sua vida privada, demonstrando a força da mulher no campo que luta não só por seus direitos, mas também pelos de suas companheiras. O trabalho é credor das obras de Verena Alberti e Amadou Hampaté BÂ os quais foram imprescindíveis para o amparo teórico-metodológico das entrevistas, já que eles auxiliam nas diversas etapas da realização da pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres rurais. Associação. Coletânea de entrevistas. História Oral.

ABSTRACT

This work's main objective is to build a collection of interviews with Rural Women who were and are present in the organization of the Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira – AMTQ, preserving the memory and thus being able to serve as a source for future academic or other work. spaces. The studies were based on women's history and women's work in rural areas, highlighting the importance of their stories finally being told in recent years. The investigation starts from the roles played by women in the family economy and agricultural production in the municipality. Throughout the interviews, the women highlight, in their speeches, the trajectories of struggle through social movements and in their private lives, demonstrating the strength of women in the field who fight not only for their rights, but also for those of their companions. The work is based on the works of Verena Alberti and Amadou Hampaté BÂ, which were essential for the theoretical-methodological support of the interviews, as they helped in the various stages of carrying out the research.

Keywords: Rural women. Association. Collection of interviews. Oral History

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Território de Quixabeia.....	20
Mapa 2: Mapa da Bahia destacando o Território de Identidade Bacia do Jacuípe.....	21
Fotografia 1: Reunião da AMTQ para organização da comemoração do dia das mulheres.....	27
Fotografia 2: 1ª Bicicletada da AMTQ.....	106
Fotografia 3: Marcha das Margaridas de 2011.....	107
Fotografia 4: ‘Cantigas’ de roda, comemoração ao Dia Internacional da Mulher em 2022....	107
Fotografia 5: Comemoração ao dia da mulher em 2023.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFACAMUQ - Associação das Famílias Carentes do Municípios de Quixabeira
AMTQ – Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira
APPJ – Associação dos Pequenos Produtores de Jaboticaba
AQPACA – Associação Quilombola dos Produtores de Alto do Capim e Adjacências
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
B.O. – Boletim de Ocorrência
CAR – Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CESOL – Centro Público de Economia Solidária
CETEP - Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão do São Francisco
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
COFASPI – Cooperativa de Trabalho e Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte
COOPES – Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina
EFA ou EFAJ – Escola Família Agrícola de Jaboticaba
EMBASA – Empresa Baiana de Águas e Saneamento
FETAG – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado da Bahia
INDE - Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais
IPB - Instituto de Permacultura da Bahia
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IRPAA – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
MMTQ – Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira
MOC – Movimento de Organização Comunitária
MMTR/NE - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais - Nordeste
PAA – Programa de Aquisição de Alimentos
PFEM - Policial Feminina
PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar
PT – Partido dos Trabalhadores
SICOOB – Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil
SENAR – Sistema Nacional de Aprendizagem Rural
STTR – Sindicato dos trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
HISTÓRIA DAS MULHRES E O TRABALHO RURAL	14
MEMÓRIA E ARQUIVO.....	23
PERCURSO METODOLÓGICO	26
MULHERES RURAIS	30
ENTREVISTAS.....	33
EVA CARVALHO FAGUNDES	33
LUCILIA MOURA SANTOS	37
MARIA JOSÉ OLIVEIRA DE SANTANA (ZEZÉ)	47
EDENILZA DE MELO RIOS ARAUJO (NILZA)	59
HILDA RIOS DOS SANTOS.....	65
ELIENE ALVES ANDRADE VIEIRA (LENE).....	74
FIDELCINA FRANCISCA DA CRUZ (DONA FIDEL).....	80
NELCIMÁRIA SANTOS MORAES.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE.....	105

APRESENTAÇÃO

Em pleno início do primeiro semestre, um dos professores entrou na sala e fez uma pergunta para toda a turma: vocês já sabem qual o problema de pesquisa do TCC de vocês? Naquele momento fiquei um pouco perdida, “ué, mas já?”, “acabei de entrar e já tenho que saber isso?”. Eram inúmeras as linhas de pensamentos que eu poderia seguir, mesmo assim, comecei a rabiscar na última folha do caderno, enquanto cada pessoa da turma ia comentando suas ideias, eu ia pensando sobre o que me interessava e só passava na minha mente que queria escrever sobre as ‘mulheres’, esse era o meu objetivo. Esse momento marcou muito e graças a ele passei o curso pensando: “o quê e como escrever meu TCC?”.

Prosseguindo com o curso, e mesmo após muitas reflexões, eu ainda não sabia exatamente sobre o que, especialmente, pesquisar/escrever sobre as mulheres: a história da mulher no geral? Ou sobre feminismo? Mas qual feminismo? O seu surgimento ou o feminismo negro? Ou até mesmo sobre as próprias mulheres que não se viam dentro do movimento, mas estavam ali presentes na luta? Os professores sempre chamaram a minha atenção: o seu tema ainda é muito amplo e deve restringi-lo, ser mais direta, circunscrever melhor o objeto, constituir um problema. E lá se foram alguns semestres refletindo e analisando, como eu poderia trazer algo mais focado para as investigações? O que, de fato, me instiga a aprofundar estudos? E ainda, qual a função social que meu trabalho de conclusão de curso poderia ter?

Assim, foram surgindo inúmeras ideias no caminho, pensei em estudar sobre o extrativismo do licuri, grande fonte de renda para muitas famílias e que é realizado majoritariamente por mulheres, na região onde resido, porém, ainda faltava algo. E, ao final, o tema estava do meu lado o tempo todo: “As Mulheres Rurais”, especificamente mulheres de Quixabeira, uma pequena cidade no interior da Bahia, que, com muita dedicação e luta, conseguiram se organizar e criaram a Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira, conhecida como a AMTQ. Criada nos Movimentos Sociais – participando de reuniões de base do Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA¹, indo à reuniões e intercâmbios da AMTQ, nas atividades populares dentro da Igreja Católica e estudando na Escola Família Agrícola de Jaboticaba - EFAJ, cresci vendo as mulheres da minha família conquistando seus espaços no mundo, lutando não só por elas mesmas, mas por várias ao nosso redor. Essas imagens de mulheres fortes como minha mãe, minha avó e tias, consanguíneas ou não, me fizeram entender

¹ Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA é um movimento voltado para a luta camponesa no Brasil. Disponível em: <https://mpabrazil.org.br/> Além da Forma-Movimento: Compilações do Movimento dos Pequenos Agricultores Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595765944004/595765944004.pdf>

a importância que nós, mulheres do campo, mulheres rurais, temos dentro de nossas famílias, e também no fortalecimento da luta feminina na sociedade em que vivemos. Foram elas que me inspiraram a escrever sobre essas mulheres, a entendê-las melhor, conhecendo um pouco de suas histórias, saber de onde vieram e o que as tornaram quem são hoje.

HISTÓRIA DAS MULHERES E O TRABALHO RURAL

Com essa perspectiva anunciada no item anterior, a escrita deste texto acadêmico levanta temas como história das mulheres, trabalho rural, memória e arquivo. Nesta dimensão, a realização dessa coletânea pretende contribuir para ampliar o campo de estudo sobre Mulheres Trabalhadoras Rurais, em particular, as da microrregião de Quixabeira, pois, o tema ainda é carente de debate, bem como de visibilidade.

Vale destacar que o espaço geográfico de atuação das mulheres ligadas à AMTQ, é uma presença forte na apresentação e execução de projetos ligados ao mundo rural, dentre eles, é possível indicar que se ocupam sobretudo de proposições para a melhoria de vida: produção, comercialização e valorização de culturas agrícolas, que são realizados, através de parcerias com entidades do próprio Território e/ou estaduais, tais projetos muitas vezes acolhem essas mulheres².

Os estudos sobre as trabalhadoras rurais ainda são poucos, quando comparados aos demais temas relacionados ao mundo do trabalho. Paul Thompson³ reflete que, até o século passado, a história das mulheres ainda era ignorada pelos próprios historiadores, em parte, ele coloca que essa limitação ocorre pelo fato da falta de registros do cotidiano das mulheres, já que sua vida ligada ao lar ou aos seus trabalhos eram pouco documentados. Ainda assim, ele traz algumas contribuições notáveis referente à história das mulheres, e elas são, em sua maioria, compostas por biografias e documentais, feitas pelas próprias mulheres. As mulheres, por muito tempo foram vistas como frágeis e que sua principal função era cuidar da casa. Entretanto, através da história das mulheres, dos estudos das relações de gênero, essa concepção tornou-se “atrasada” e equivocada, principalmente porque as pesquisas construídas nessa estrada contribuíram tanto para denunciar a oportuna invisibilização da mulher como umas das muitas formas de manutenção das desigualdades entre as pessoas, quanto para evidenciar jornadas múltiplas e sobrecargas vividas pela mulher, esteja ela nas áreas urbanas ou rurais. As mulheres do campo, por vezes sustentavam e/ou sustentam suas famílias através de trabalhos rurais –

² Parte dessas atividades são oriundas de projetos como o Conviver – APPJ, que tem como objetivo impulsionar a melhoria das condições de vida da mulher e do homem do campo através de alternativas de convivência com o semiárido. Disponível em: <https://appj.org.br/programa-conviver.php>. E Pró-semiárido e Bahia Produtiva projetos do Governo Estadual que realizou parcerias com as associações do município para implantação de projetos das cadeias produtivas como o licuri, avicultura, caprinocultura, apicultura, horticultura, entre outros. Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido> e <https://www.car.ba.gov.br/projetos/bahia-produtiva>

³ THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 134

extrativismo e cultivo da roça -, estudam, cuidam da casa e de seus familiares⁴.

Em sua pesquisa Maria Costa⁵, observa que apesar desses avanços, as mulheres entrevistadas, mesmo tendo uma jornada múltipla de trabalho, sentem-se responsáveis pelo cuidado da casa e agem apenas como auxiliadora na renda final da família, pois, o homem é visto como o mantenedor.

As mulheres por muito tempo foram deixadas em segundo plano na história, as suas representações, em sua maioria, foram visões romantizadas, fragilizadas ou até mesmo paranoicas. Para alguns, as mulheres tinham um papel oculto por trás de uma figura masculina ou eram reduzidas à educadora do lar⁶.

Segundo Michelle Perrot “O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem história no masculino.”⁷. A história foi construída por homens e para eles, os materiais utilizados como fontes – biografias, arquivos diplomáticos e administrativos, etc. –, em sua maioria, foram escritos ou direcionados por eles. Para as mulheres, restavam ser coadjuvantes da história. Com o passar dos anos, não muito distante, as discussões sobre gênero começaram a tomar força, a mulher iniciou o processo de ter sua própria voz, dita a partir de suas gargantas, ouvidas. Antes, mesmo em ambientes de luta, essa voz não era levada em conta. Assim, as mulheres começaram a participar da história “oficial” e a também escrevê-la. Assim, foram retomados alguns fatos que, antes, “ficaram” esquecidos.

É importante ressaltar também que as visões sobre a história são variadas, elas dependem dos contextos nos quais estão inseridas. Ao se falar sobre histórias coletivas, é importante ressaltar também que há indivíduos que não se sentem contemplados por elas, por motivos de não se estar inserido em determinado local.

A história das mulheres rurais é de suma importância para a compreensão da sociedade brasileira como um todo, já que o trabalho delas se constituiu e se constitui como fundamental na produção de alimentos essenciais, através da agricultura familiar –que engloba todo o contexto rural como a pecuária, o extrativismo, olericultura, dentre outros –, responsável

⁴ Independente da escolaridade da mulher, por muitas vezes elas acabam dedicando-se mais que os homens nas tarefas domésticas. ZART, Paulina E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminino e o princípio da igualdade: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico**. Orientadora: Ms Gimena Sichonany Samuel. 2019. p. 45. Trabalho de Conclusão (Artigo) - Bacharel em Direito, UNIVATES, Lajeado-RS, 2019.

⁵ COSTA, Maria U. da S. **A importância da mulher no contexto rural: desafios e perspectivas no ambiente doméstico**. Orientadora: Rosalina Semedo de Andrade Tavares. 2019. p. 12. Artigo (Bacharel em Administração Pública) - UNILAB, 2019, p. 8

⁶ Debate utilizado por Michele Perrot em **As mulheres, o poder, a história**. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história** [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros. Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; Tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

⁷ PERROT. 2017, p. 170

por parte da alimentação do brasileiro. Porém, esse trabalho ainda não está sendo devidamente valorizado. Já que para alguns o trabalho não formal/pago, exercido por elas, não são “trabalhos”, e desse modo, são tratadas, muitas vezes, como uma “ajudante” de um outro alguém.

Mesmo quando realiza atividades voltadas para o fim produtivo da agricultura, designadas geralmente como “masculinas”, a mulher é vista como uma “ajudante” e normalmente recebe baixa remuneração (ou mesmo nenhuma remuneração) por seu trabalho. As atividades agrícolas exercidas por elas são vistas como uma extensão intrínseca às suas atribuições de mãe e esposa.⁸

A autora Vera Ferrante⁹ apresenta em seu texto, uma reflexão sobre a “Lei versus Realidade” do trabalho da mulher do campo no início da década de 1980, mas que ainda é possível se sentir os vestígios. Primeiro, as leis e acordos pontuados para essas trabalhadoras rurais foram cópias das leis trabalhistas direcionadas às mulheres urbanas, excluindo todo o contexto que difere as duas áreas. As primeiras leis para a regularização dos trabalhadores rurais deixavam brechas, principalmente direcionada às mulheres, facilitando o controle do empregador sobre elas. Outro ponto, é o da informalidade, já que parte dessas trabalhadoras rurais não tinham trabalhos assalariados, mas “ajudavam” seus pais, esposos e filhos, participante ativa da economia familiar, elas não recebiam o pagamento pela execução desses serviços, pois, o ganho já estava atrelado à família.

Os trabalhos exercidos por essas mulheres no campo acabam sendo camuflados pelo próprio trabalho doméstico, já que muitas terminam por considerar essas tarefas uma extensão da sua vida doméstica¹⁰. No início do século XXI começaram a surgir políticas públicas voltadas ao acesso da mulher à independência financeira, como o acesso facilitado a créditos (projetos voltados para fomentar recursos para o desenvolvimento agropecuário), o surgimento de programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE¹¹ e o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA¹² e outros projetos que têm o foco em assistência técnica voltado

⁸ BRUMER, 2004 apud HERRERA, Karolyna M. Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012, p. 2.

⁹ FERRANTE, Vera. **Situação legal e real da mulher trabalhadora no campo**. Perspectivas, São Paulo 5: 97 – 114, 1982.

¹⁰ PAULILO, 2012, Apud. HERREIRA, 2012, p. 6.

¹¹ O Plano Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, consiste no repasse de recursos financeiros federais para o atendimento de estudantes matriculados em todas as etapas e modalidades da educação básica, como objetivo de fornecer melhores condições nutricionais e alimentares aos alunos. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae> e <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pnae#:~:text=Com%20o%20objetivo%20de%20melhorar,das%20redes%20p%C3%ABlicas%20de%20ensino>.

¹² Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, tem como objetivos promover o acesso de pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar e nutricional a alimentos de boa qualidade, através da aquisição de produtos oriundos da agricultura familiar e assim, incentivando o desenvolvimento da agricultura familiar. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-rural/paa>

para as mulheres e/ou que requerem ao menos que uma parte dos beneficiários sejam mulheres para melhoria de suas produções. Isso se deve também aos longos períodos de luta das mulheres¹³.

Há uma parcela das dinâmicas familiares do campo que ainda são direcionadas pelas relações patriarcais e hierárquicas. Isso é, ainda utilizam da divisão sexual do trabalho, interpretada por uns como uma questão biológica, mas está ligada ao campo social. Além da separação dos trabalhos, ditos como os das mulheres: alguns tipos de plantio e colheita, cuidado com animais de pequeno porte, e principalmente os cuidados da casa e da família e o beneficiamento dos alimentos e dos homens: principalmente a capina e cuidado com animais de grande porte, há uma sobrevalorização quando o trabalho é realizado pelo homem¹⁴.

Segundo Celina Sales¹⁵, o despertar da luta coletiva pelos direitos do trabalho das mulheres se iniciou por volta da década de 1980, pelo mundo. Iniciando uma grande adesão de mulheres no meio político, sendo ele político partidário, e/ou funções sociais em sindicatos, associações e movimentos sociais, no Nordeste, principalmente no Ceará. Foi a partir dessas lutas que nasceram os coletivos de mulheres, incluindo o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste – MMTR. Que permanecem como inspiração para novos grupos.

Com relação ao formato desta coletânea, de início, a ideia era a de deslindar a história da Associação desde seu começo, ainda nas reuniões de base até os dias de hoje. Mas como escrever a respeito dessa trajetória, sem antes mostrar quem estava por trás dessa construção? Sem antes aprofundar na vivência das lutas das mulheres que ‘deram a cara a tapa’ para enfrentar os desafios que a sociedade lhes impusera e saber em quais lugares estavam/estão inseridas nessa sociedade? Foi aí, então, que ganhou destaque a ideia de pesquisar sobre o cotidiano dessas mulheres trabalhadoras rurais, mas onde encontrar essas respostas? Os grupos organizados, associações e sindicatos são ricos pontos de documentação, como a própria AMTQ, onde se encontra mulheres de todo o território do município reunidas.

A essa altura, a estudante cheia de dúvidas do primeiro semestre, já tinha “o quê?”, agora, faltava o como, o pesquisar e escrever. Foram mais alguns semestres para realmente

¹³ BUTTO, Andrea. Políticas para as mulheres rurais: Autonomia cidadania. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (org.) **Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011, passim

¹⁴ FARIA, Nalu. Mulheres rurais na economia solidária. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (org.) **Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011, passim.

¹⁵ SALES, Celina. de M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. Universidade Federal do Ceará. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007.

construir os objetivos, o que, de fato, focar nas trajetórias das mulheres ou até mesmo da AMTQ. A princípio realizei a busca por fotografias, pelos estatutos da associação e de suas atas de criação e assembleias para poder analisá-las e utilizá-las na construção de uma monografia ou um artigo monográfico. Entretanto, devido às dinâmicas da minha vida no último ano, como: exercer o papel de mãe, de dona de casa, de estudante – realizando o estágio supervisionado – , sair de um emprego e ingressar em outro devido à aprovação recente em concurso, que me deixaram acarretada nas múltiplas tarefas e com o tempo limitado para a confecção da monografia. Nesse entretempo algo mudou quando a Prof.^a Maria Sandra sugeriu a construção de uma Coletânea. Mas como seria isso? O que se poderia fazer para se construir uma coletânea? Era algo novo para mim no sentido de trabalho acadêmico.

Após algumas pesquisas e indicações da professora, consultei e pude constatar alguns trabalhos que se utilizam dessa ideia de coletânea de entrevistas como da autora Verena Albert nos seus trabalhos: “Movimento negro e ‘democracia racial’ no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro”, no qual ela examina as entrevistas do projeto *História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral*, na busca de compreender a formação do movimento contemporâneo; e o próprio *Manual da História Oral*, que auxilia na construção de programas de arquivo e pesquisas com a História Oral, e o Trabalho de Conclusão de Curso de Luciara dos Anjos, aluna também da UNEB do Campus XVIII, com o título *Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança: Coletânea de entrevistas de alguns moradores/as de São João do Paraíso- Mascote Bahia*, no qual ela buscou organizar uma coletânea das memórias dos moradores de São João do Paraíso, Mascote, trazendo à tona relatos sobre o cotidiano das pessoas, que, por muitas vezes ficam esquecidas da história. Assim, comecei a me interessar e entender o quanto interessante e importante esse trabalho poderia se tornar, pois, ele sai dos modelos tradicionais que, em sua maioria, são vistos em universidades, além disso, esse formato de produto já foi produzido também no *Campus IV*, caso dos trabalhos de Fabrícia Paiva: *História das mulheres quebradeiras de coco babaçu da comunidade do Coxo de Dentro, em Jacobina* e o de Tainá Neves, intitulado: *Entre prensas e fornos: história de vida dos trabalhadores de farinha em Canarana-BA*, que seguiram por esse caminho, mostrando-se viável essa experiência e com êxito.

Diante desse cenário, me propus a investigar sobre a posição das mulheres na agricultura familiar, sobre quais os papéis que elas desenvolviam na economia familiar e como isso se apresentava na produção agrícola do município, através das suas atividades domésticas, do cultivo da roça e da sua inserção na AMTQ.

Seguindo as trilhas das que vieram antes de mim, este trabalho teve como objetivo principal a construção de uma coletânea de entrevistas das Mulheres Rurais que estiveram e estão presentes na organização da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira – AMTQ. Devido aos aspectos apontados acima, sobretudo no tocante ao tempo exíguo para a presente produção acadêmica, não é o objetivo do trabalho, neste momento, a análise das entrevistas. Entretanto, pelos dados levantados, é possível demarcar os anos de 2008 – fundação da associação – a 2020 como baliza temporal para aprofundamento dos estudos.

É importante salientar que a sugestão de tal recorte não é uma proposta fechada, já que a história é processo, é possível voltar a anos anteriores tais como a virada dos anos noventa para o início dos anos dois mil, no quais as mulheres foram construindo e partilhando experiências. Já a sugestão do recorte final em dois mil e vinte, está ligada ao fato de ser o ano de um dos últimos eventos significativos para as mulheres antes da pandemia – a comemoração do dia da mulher no dia 8 de março –, bem como o fato de ser também um dos períodos mais ativos da associação, como o fortalecimento da Tenda Solidária. Diante do objetivo apresentado acima, espera-se que a presente coletânea possa contribuir para a preservação das memórias dessas mulheres, servindo de fontes que poderão ser utilizadas, futuramente, em outros trabalhos dentro ou fora do espaço universitário.

A catalogação dessas memórias não são importantes apenas no sentido acadêmico, mas também para cada mulher que compõe a AMTQ, bem como para tantas outras, na microrregião, que compartilham experiências parecidas, já que as lembranças aqui rememoradas são um pedaço de cada uma delas, uma parte de suas histórias que serão expostas para quem tiver acesso. Durante as entrevistas, percebi que elas não relatavam apenas lembranças de seus cotidianos, não eram apenas a experiência individual, mas sim coletiva, cada resposta que era dada se transformava numa peça de um quebra-cabeça, montando assim também, a história da AMTQ, tal perspectiva coaduna com o pensamento do filósofo Paul Ricoeur¹⁶ ao afirmar que “[...] a memória compartilhada [passa] gradativamente à memória coletiva”, assim, essas lembranças que foram compartilhadas por elas em algum momento da vida, de alguma forma ajudam na construção de uma história “maior”.

Através de parcerias com outros grupos organizados de mulheres como o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR-BA, o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira – STTR e outras associações, as mulheres quixabeirenses criaram o Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira em 2008. Apesar de não ter “Rural” nome,

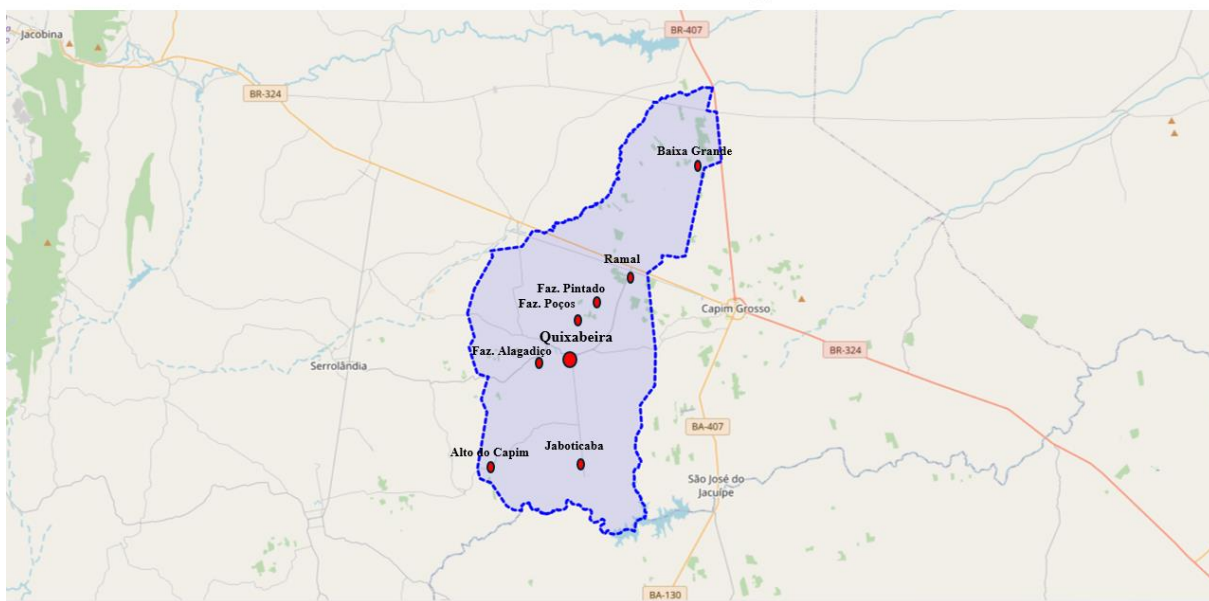
¹⁶ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et.al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 157

boa parte dos membros, desde sua fundação, são agricultoras rurais.

Através do apoio da AMTQ, as mulheres rurais de Quixabeira conseguiram ingressar em alguns projetos voltados ao trabalho no campo, como o “Mulheres Organizadas: um desejo, nossa ação”, realizado pelo Instituto de Permacultura da Bahia. A Tenda Solidária em parceria com o Centro Público de Economia Solidária – CESOL Território Bacia do Jacuípe, com foco na comercialização de produtos da agricultura familiar de mulheres quixabeirenses e de outros grupos da micro e macrorregião. Também tiveram acesso ao Projeto Jovens Mulheres Rurais, Protagonismo e Cidadania no Sertão da Bahia, realizado pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – Região Semi-árida-BA – MMTR/BA, onde foram selecionadas algumas jovens na região Sisaleira e da Bacia do Jacuípe que possuíam algum vínculo com as organizações de movimento de mulheres rurais, como AMTQ, para realizar uma formação de jovens lideranças.

Mapa 1 - Território de Quixabeira – sinalizando a dinâmica geográfica das entrevistadas.

MAPA TERRITORIAL DE QUIXABEIRA



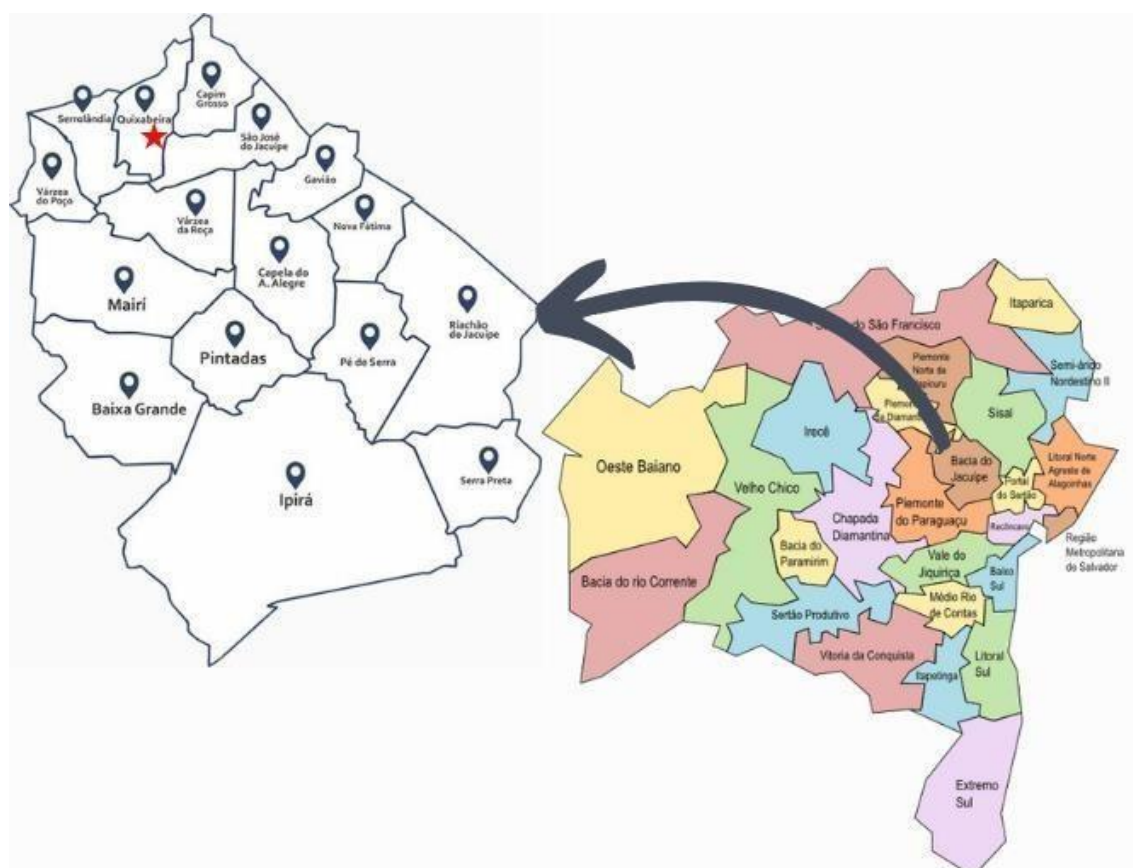
Fonte – Compilação da Autora ¹⁷

Apesar da distância entre as moradias das entrevistadas, todas são residentes do município de Quixabeira. O município de Quixabeira fica localizado no Território de identidade Bacia do Jacuípe na região Centro Norte 4 da Bahia, a 300 km da capital Salvador. O município limita-se com os municípios de Jacobina ao norte, São José do Jacuípe e Várzea da Roça ao sul, Capim Grosso ao leste e Serrolândia ao oeste.

¹⁷ Disponível em: <https://www.quixabeira.ba.gov.br/site/dadosmunicipais> Acesso em: 09/06/2024

Segundo o portal oficial da Prefeitura de Quixabeira¹⁸, através do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2022, revelou que a população de Quixabeira é de 9.461 habitantes. E dados do censo de 2007, mostraram que a maior partados habitantes estavam presentes na Zona Rural do município, caracterizando-se assim, como uma cidade Rural.

Mapa 2: Mapa da Bahia destacando o Território de Identidade Bacia do Jacuípe – a estrela vermelhaindica a localização do município de Quixabeira.



Fonte – Compilação da Autora¹⁹

Tendo em média 366.000 km² de território, é uma cidade consideravelmente pequenase comparada a outros municípios da região. Apesar de seu tamanho, a diversidade de produção é grande, enquanto em alguns povoados o ponto forte da economia local é o trabalho na extração do licuri, em outros é a produção de derivados da mandioca ou a produção de polpa de frutas, já em outros, estão mais focados na produção em sequeiro²⁰ e/ou de hortaliças e artesanato. E em todas essas atividades as mulheres estão presentes, sendo elas como as principais mãos de

¹⁸ Confecção de mapa através do INDE Disponível em: <https://inde.gov.br/>

¹⁹ Montagem através dos mapas Disponíveis em: <https://www.consorciocajupe.ba.gov.br/municipios-consorciados> e <https://www.portodalua.com.br/praiadofortebahia/mapa-bahia>

²⁰ A agricultura de sequeiro refere-se à produção de cultivares em áreas de baixa densidade pluviométrica, na região temos a produção nesse sistema de: feijão, milho, melancia, mandioca, aipim, andú (guandu), abóbora, entre outros, já que mesmo sem molhação constante essas cultivares conseguem se desenvolver e produzir.

obra ou não. Elas realizam a coleta, a quebra e a tirada do licuri, até agora manualmente, e vendem em feiras, cooperativas ou para atravessadores; outras possuem bancos de polpa de frutas para a comercialização e/ou para o consumo familiar; há as que produzem beiju e sequilhos derivados da mandioca; as que plantam em seus quintais produtivos e cuidam de suas roças; e tem as que conseguem trabalhar em todas essas atividades.

Essas atividades desenvolvidas refletem também e chamam a atenção pelo senso de coletividade que algumas comunidades desenvolvem, como é o caso das mulheresquebradeiras de licuri em Alto do Capim, que fazem mutirões para a coleta e quebra do coquinho, e durante o processo cantam toadas sobre o trabalho e o cotidiano. Dos vários grupos que já surgiram alguns já não existem mais, mas ainda estão marcados nas memórias das envolvidas como o grupo de Mulheres de Baixa Grande que, além dos trabalhos com derivados da mandioca, fazem produtos com licuri. E a riqueza dessas comunidades ainda vão além, nas suas representações culturais que estão se fortalecendo como samba de roda na comunidade de Alto do Capim, o Grupo Tecendo Cores, dança da fita em Ramal, e grupo de dança Fulô de Pimenteira na comunidade de Fazenda Pimenteira, entre outros. Muitos desses grupos, além de realizarem suas funcionalidades, produzir alimentos e renda, e apresentações culturais, ainda representam o papel de perpetuar a memória para as gerações descendentes.

MEMÓRIA E ARQUIVO

E nessa perspectiva a história da mulher do campo seguirá através dela, junto também aos seus ofícios (modos de fazer), memórias imateriais como modos de produção, na lavoura, no artesanato, na coleta e quebra do licuri, e em todas as suas tradições. Sendo assim, a oralidade se torna essencial para a preservação dessas histórias, pois, é a partir delas que se tem a oportunidade de conhecer de forma aprofundada a relação dessas mulheres com a vida no campo e suas relações sociais.

É, principalmente, através da oralidade que hoje é possível contar as histórias das inúmeras mulheres rurais, sejam elas em cantigas de roda, em histórias contadas pelos mais velhos, conversas nos mutirões/trabalhos coletivos e/ou em entrevistas para pesquisas, graças ao fato de a memória ser uma grande “fonte”. Para Thompson,

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos²¹

O compartilhamento de atividades e tradições semelhantes que antes precisava ser algo individual, passa a ser plural, tornando uma memória individual em coletivo. Algo que pode ser preservado/arquivado para a posteridade.

No Brasil as discussões e expansão do conceito de Patrimônio Imaterial são relativamente novas, e, oriundas de uma visão não ocidental. Marcia Sant’anna (2003), reflete sobre as diferentes perspectivas que as sociedades ocidentais e orientais têm sobre o que seria patrimônio, anterior a Segunda Guerra Mundial. Enquanto no mundo ocidental a associação de patrimônio era voltada a objetos de arte e edificações, para países asiáticos e outros tidos como Terceiro Mundo, prezavam pela preservação das suas práticas, conhecimentos e processos culturais, a tradição não estava no objeto em si, mas em comofazê-lo. No texto “A tradição Viva” Hampate Bá, traz a relação da oralidade e tradição e sua importância em relação à história africana, principalmente em sua região de atuação, entre a Savana e o Saara. Ele apresenta a tradição oral, como a “parte principal” dessas tradições, pois é, a partir dela que o conhecimento dos ofícios tradicionais ainda é transmitido.

Pela cultura ocidental herdada de séculos anteriores, ainda se pensa que espaços físicos como casarões, objetos, igrejas e prédios públicos são os únicos que realmente importam para a representação do passado. Porém, um objeto por si só, não consegue despertar a memória

²¹ THOMPSON, 1992, p. 17.

coletiva, mas através das cantigas de roda, danças, ofícios e feiras passadas de geração em geração pode-se ver e ouvir as dinâmicas que aquela sociedade praticava e/ou ainda pratica. Assim, fica evidente a importância do patrimônio imaterial para o fortalecimento da memória, principalmente da história local/regional.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, podem ser considerados como patrimônio imaterial as práticas e domínios da vida social: os saberes, ofícios e modos de fazer; as celebrações; as formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e lugares. Esse conceito se deve ao reconhecimento da existência de bens de natureza material e imaterial de diferentes grupos nacionais na Constituição Federal de 1988, em seus Artigos 215²² e 216²³. Apesar disso, a valorização de bens imateriais é recente no Brasil, e suas políticas também. É apenas a partir do ano de 2000, que a legislação para a regularização dos Patrimônios Imateriais começou a surgir.

Seguindo essas ideias de conservação do patrimônio e da memória, qual seria a importância do arquivamento da memória dessas mulheres? Justamente a preservação da história que, por vezes, não foi contada, ou pela falta de documentação acessível ou pelo esquecimento dessa minoria. Toda história é construída através de algum indivíduo. E como fazer isso?

Primeiro, é importante que se tenha ideia do que ela seja um arquivo²⁴, que pode ser resumido como o armazenamento de documentos variados, sejam eles documentos oficiais ou não, públicos ou privados, de pessoa jurídica ou física e estar disponível em diversos formatos como um documento escrito, uma gravação de áudio ou vídeo, para serem armazenados e conservados. Para autores como Dirlei Barros e Dulce Amélia (2008), os arquivos têm funções que vão além de tornar as informações disponíveis ao acesso. O arquivo torna-se um local

²² **Art. 215.** O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

²³ **Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

²⁴ CUNHA, Murilo B. da; CAVALCANTI, Cordélia R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008, p. 24.

voltado para a pesquisa histórica e na produção de conhecimento, um “lugar de memória”²⁵.

A entrevista é um dos tipos de fontes que podem ser arquivadas para que, posteriormente, seja revisitada, a sua utilização se vale pela confrontação direta com o passado. Porém, como Henry Rousso²⁶ afirma, um testemunho colhido ou um documento conservado, só passam a ser vistos realmente como uma “fonte histórica” a partir do olhar do observador, assim, será de responsabilidade do pesquisador analisar e identificar se determinada fonte poderá ser utilizada por ele em sua pesquisa e como será.

O testemunho colhido *a posteriori*, por sua própria natureza, é uma das características da história do tempo presente. Ele leva à criação de uma fonte singular na medida em que destinada desde o início seja a formar um arquivo, no sentido de conservar – eis aqui a memória de tal indivíduo ou de tal grupo –, seja a alimentar uma pesquisa específica. Nos dois casos, essa fonte está intrinsecamente ligada ao questionamento preciso do arquivista ou do historiador, voltada para um acontecimento, um indivíduo, um determinado processo histórico, e entra em sinergia ou em oposição com o discurso do ator assim erigido em “testemunha”²⁷.

Cada fonte tem uma origem e seu objetivo. O testemunho, por exemplo, é construído após o acontecimento, para chegar até ele existe uma preparação do indivíduo a ser consultado, o entrevistador deve preparar as perguntas, o vestígio induzido, aqui lido como instigado a falar sobre, muitas vezes o entrevistado pode não se recordar de algo, mas com a ajuda de um som, uma fotografia ou durante a conversa ele pode se recordar.

²⁵ Expressão criada pelo historiador Pierre Nora (1993), que reflete à vontade ou necessidade do coletivo em criar memórias. Esses lugares podem ser museus, arquivos, festa celebrações, e outros.

²⁶ ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

²⁷ ROUSSO, 1996. p. 87

PERCURSO METODOLÓGICO

Partindo das acepções acima, este trabalho recorreu ao esteio teórico-metodológico da obra da historiadora Verena Alberti, o *Manual de História Oral*. Desde sua primeira edição, o livro se tornou uma grande referência para pesquisadores que querem utilizar-se da história oral, já que ele auxilia em todas as etapas da pesquisa. Como o próprio nome já nos revela, é um manual que auxilia desde a escolha do método – será necessário ou não utilizar a história Oral na pesquisa? –, na escolha dos entrevistados, na formação da equipe, se necessário for, na escolha dos equipamentos, a preparação de roteiro de entrevistas e até mesmo como tratar o acervo. Ideias e informações necessárias para pesquisadores iniciantes ou até os mais experientes.

Segundo Paul Thompson²⁸, muitos historiadores não pensam em seu trabalho como História Oral, pois, o enfoque está no problema (tema), e não sobre os métodos utilizados. Mas, o historiador não deve esquecer a importância dessa abordagem, já que é graças a ela que temas, antes ignorados por outrem e tendo documentação escrita limitada, hoje estão sendo ampliados como a história da mulher e de outras minorias. A metodologia oral pode ser aplicada para qualquer tema, desde que ainda tenha alguém que possa conseguir realizar os relatos sobre o tema em questão. Sem testemunhos não há história oral.

Para Jorge Lozano (2006), além de ser um conjunto de métodos e técnicas, a história oral é uma construção de vários aspectos, ela conecta a história a outras ciências e troca saberes. Fazer história oral é bem mais que fazer as entrevistas, apenas como um relatório da vida, mas é produzir conhecimentos históricos e científicos partindo da memória de um sujeito.

Como inicialmente o objetivo do trabalho era outro, os primeiros contatos com a diretoria da Associação ocorreram no final do primeiro semestre de 2022, onde deu-se junto a presidenta, a procura por documentos como o estatuto, descobrindo aí existência de dois, pois houve uma reformulação; as Atas de fundação e das assembleias gerais; e ainda, arquivos fotográficos dos eventos realizados e/ou com o apoio da AMTQ. Realizei uma análise dos materiais e produzi um breve resumo das fontes que consegui.

No início do ano de 2023, avancei para uma conversa mais ampla com as associadas da AMTQ, participando de algumas reuniões falando um pouco sobre a pesquisa. Nesse primeiro momento ainda não tinha o roteiro organizado, mas expus sobre o tema, sobre as ideias que tinha e agendei com elas a possibilidade de, futuramente, procurá-las para realizar

²⁸ THOMPSON. 1992, 104.

entrevistas.

Fotografia 1 – Reunião da AMTQ para organização da comemoração do dia das mulheres



Fonte - Arquivo da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira – BA.

A coleta de informações e a leitura do texto “A Tradição Viva” ajudaram a descobrir o que eu precisava para a construção do roteiro das entrevistas. Com o roteiro pronto, logorealizei a primeira das entrevistas, disponibilizei as perguntas previamente antes de começar as gravações, essa etapa foi realizada com todas as entrevistadas para que elas pudessem se familiarizar com as questões e ajudá-las a revisitar as suas memórias. A escolha da prática da entrevista foi o diálogo, com questões semiestruturadas que auxiliaram a chegar aos objetivos das entrevistas, conhecer a trajetória de vida das mulheres rurais que compunham a diretoria da AMTQ.

Após a primeira entrevista, tive dificuldades para continuar o processo e só o retomei no segundo semestre de 2023. Quando retomei a pesquisa, participei de outra reunião da associação, e direcionei alguns pontos, principalmente para as mulheres que foram escolhidas para serem entrevistadas.

Essas escolhas foram baseadas a partir da leitura do Estatuto da associação e de sua ata de constituição, na qual constavam os nomes dos membros da direção da AMTQ no período de sua criação. Foram levantados os nomes de 15 mulheres, e dessas, oito foram escolhidas para serem entrevistadas. O critério utilizado foi de acordo com a facilidade de comunicação e acesso a elas, principalmente localização, já que algumas não residem mais no município ou a localidade onde moram que é de difícil acesso. As entrevistas ocorreram, em sua maioria, nas casas das entrevistadas, por escolha delas (Eva Carvalho, Edenilza Rios, Hilda Santos, Eliene Vieira e Fidelcina Francisca), mas, duas delas preferiram conceder a entrevista no salão do

sindicato (Lucilia Moura e Maria José) e outra, na casa da entrevistadora (Nelcimária), devido às agendas das entrevistadas.

Utilizarei os nomes próprios ou até mesmo seus apelidos, primeiro, porque me foi permitido por elas, e devido à proximidade compartilhada com as interlocutoras ou é como algumas são conhecidas por toda comunidade.

O roteiro criado contém 10 questões²⁹ semiestruturadas que serviram como base para as entrevistas. São perguntas que refletem sobre a trajetória de vida dessas mulheres, em seus tempos e espaços. Ricoeur³⁰ afirma que, "A dialética do espaço vivido, do espaço geométrico dos espaços habitados corresponde uma dialética semelhante do tempo vivido, tempo cósmico e do tempo histórico", tendo como ponto de ligação a principal para o estudo da associação, mas também o lugar onde vivem, as vivências familiares e suas jornadas nos Movimentos sociais que se assemelham, mesmo cada uma tendo suas particularidades. De acordo com as respostas dadas pelas entrevistadas um caminho era seguido, tornando cada entrevista única.

A grande base para a construção desse questionário veio através da reflexão do texto do autor Hampaté Bâ³¹, no qual ele reflete sobre a oralidade e tradição, onde o conhecimento é passado sem necessidade de outras ferramentas como a escrita. A partir disso direcionei as questões de forma explícita ou não para a localização dessas mulheres, trabalhos que já exerceram, o que lhes foi ensinado ainda na casa de seus pais, suas primeiras interações com o meio social, e seus costumes.

Para a transcrição das entrevistas foi decidido manter na escrita as palavras da forma em que foram pronunciadas.

O documento de história oral guarda uma especificidade que o distingue de outras fontes, convém preservar as características da linguagem falada. Assim, os critérios de "elegância" de um texto escrito não são empregados no tratamento da entrevista: na linguagem falada permitem-se repetições de palavras, frases inconclusas, expressões informais etc, que, no texto escrito, são evitadas.³²

Apesar dos vícios de linguagem, vindos também da entrevistadora, a fala é uma forma de expressão individual, é assim, que cada entrevista se torna única. O que não pode haver é a falta do texto, ou o seu excesso como palavras que não foram ditas.

A fase da transcrição foi demasiadamente pesada, principalmente no início, a exigência dos sentidos como a audição e visão, enquanto se escuta tem que saber o que vai escrever. As

²⁹ Disponível nos apêndices.

³⁰ RICOEUR. 2007, p. 162

³¹ BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

³² Alberti, 2004, Apud Anjos, 2021, p.29

horas passando e, por muitas vezes, não conseguia sair de uma frase. Porém, com o passar do tempo, fui aprendendo técnicas para não ficar voltando várias vezes ao mesmo segundo.

A escolha para a organização das entrevistas foi, principalmente, a de ordem cronológica de suas realizações. Pois, ao serem observadas de forma cronológica, percebe-se algumas mudanças que ocorreram, positivamente, nas entrevistas. Decorrente que, no início, ao realizar as primeiras entrevistas ainda me sentia muito engessada, presa nas palavras que estavam ali no papel. Esse também é um dos motivos do tempo relativamente grande entre a primeira entrevista e as demais, a insegurança de estar realmente fazendo um bom trabalho, ou de não estar fazendo corretamente as entrevistas, e outras inúmeras inseguranças. Após um período consegui retomar as entrevistas, agora com um pouco mais de segurança.

MULHERES RURAIS

Eva Carvalho Fagundes, natural da Fazenda Mulungú, no município de Quixabeira, casou quando tinha 18 anos, e desde então mora na Fazenda Ramal no mesmo município, onde criou suas 4 filhas e 1 enteada. Sempre morou na Zona Rural e se dedicou ao trabalho na roça, onde conseguia sustentar a família até se tornar Agente Comunitária de Saúde - ACS, mesmo assim, fazia seus serviços no campo, capinando, plantando e colhendo. Dona Eva ajudou na construção da Comunidade Católica no povoado de Ramal, onde ela iniciou os seus primeiros contatos com os Movimentos Sociais vinculados a Igreja. Quando concedeu a entrevista ela estava com 64 anos, e apesar de aposentada do trabalho ainda mantinha as atividades na roça, na associação (vários movimentos sociais) e na igreja.

Data: 15 de abril de 2023

Duração: 10:47

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 04

Lucilia Moura Santos, residente no Povoado de Alto do Capim, comunidade Quilombola, no município de Quixabeira. Lutou e representou as mulheres e a Comunidade Quilombola que vive, como vereadora do município durante 3 mandatos seguidos de 2008 a 2020. É formada em Assistência Social. Atualmente ela está se dedicando no desenvolvimento da sua propriedade e atuando como presidente da Associação Quilombola dos Produtores de Alto do Capim e Adjacências – AQPACA, que atua em benefício da população do povoado sede e vizinhos.

Data: 21 de setembro de 2023

Duração: 29:34

Local: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira.

Páginas: 10

Maria José Oliveira de Santana (Zezé), natural do município de São José do Jacuípe, veio morar em Quixabeira ainda nova, já morou em diversas localidades do município, mas sempre na região do Povoado de Jaboticaba, onde criou seus 5 filhos. É agricultora, mas também já foi educadora e presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira, ainda está presente na diretoria na função de tesoureira.

Data: 21 de setembro de 2023

Duração: 33:29

Local: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira.

Páginas: 12

Edenilza de Melo Rios Araujo (Nilza), desde que nasceu Nilza, como é conhecida, vive em Quixabeira. Passou períodos na sede da cidade, mas nunca deixou os trabalhos em sua roça. Atualmente mora na Fazenda Poços, e com seu esposo, ela tem um trabalho diversificado como a criação de animais, produção de polpas de fruta e horticultura. No período de funcionamento da Tenda Solidária, exercia a função voluntária de venda dos seus produtos e de suas companheiras da associação.

Data: 12 de outubro de 2023

Duração: 17:13

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 06

Hilda Rios dos Santos, nascida na Fazenda Várzea da Péia, é uma forte líder da Comunidade Católica de São José de Pintado, comunidade essa que reside desde que se casou, e criou seus 2 filhos. Atualmente assumiu a presidência do STTR de Quixabeira, já foi presidente da AMTQ e hoje assume o papel de tesoureira. Apesar da vida corrida, ela consegue conciliar sua vida social no sindicato, igreja e o engajamento em inúmeros Movimentos Sociais e sua vida na propriedade.

Data: 17 de outubro de 2023

Duração: 27:38

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 09

Eliene Alves Andrade Vieira (Lene), natural da Fazenda Jurema, hoje reside no Povoado de Baixa Grande, do município de Quixabeira. Lene é casada e tem 4 filhos. Atualmente se divide entre o seu emprego como Agente Comunitário de Saúde na área de Baixa Grande e suas atividades na lavoura. Também é líder da Pastoral da Criança na sua comunidade e trabalha no grupo de mulheres que confeccionam sequilhos oriundos da mandioca.

Data: 21 de outubro de 2023

Duração: 17:34

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 06

Fidelcina Francisca da Cruz (Dona Fidel), moradora da Fazenda Alagadiço no município de Quixabeira. Dona Fidel como é bastante conhecida, foi a primeira mulher a se sindicalizar no Sindicato Rural do município, desde mais nova luta pelos direitos das mulheres, principalmente as rurais. Ainda muito engajada nos Movimentos Sociais, aos 72 anos (a entrevista foi realizada exatamente no dia do seu aniversário) Dona Fidel desperta a vontade de luta por nossos direitos como mulheres e cidadãs.

Data: 27 de outubro de 2023

Duração: 26:15

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 09

Nelcimária Santos Moraes (Nina), natural da Fazenda Poços no município de Quixabeira, se formou como Técnica em Agropecuária, onde atua na área, e graduada em Licenciatura em Geografia na UNEB de Jacobina. Durante algum tempo morou fora para estudar e trabalhar, mas nunca esqueceu suas raízes. Casada e com um filho, Nina mora numa área rural onde tenta implementar os conhecimentos adquiridos na sua formação técnica e também das práticas em diversas visitas na Assistência Técnica.

Data: 08 de novembro de 2023

Duração: 31:52

Local: Residência da entrevistadora.

Páginas: 12

ENTREVISTAS

EVA CARVALHO FAGUNDES

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos; como foram realizados os trabalhos rurais e como se manifestavam na renda familiar; de onde veio a aprendizagem dos trabalhos agrícolas; contato com o Movimentos Sociais; quando as mulheres começaram a se organizar; parceiros do movimento; o que animou as mulheres; atividades que marcaram; ligação da entrevistada com a associação.

Data de nascimento: 13/08/1958

Duração da entrevista: 10:47 minutos

Data: 15 de abril de 2023

Local: Casa da entrevistada, Fazenda Ramal, Quixabeira – Bahia

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Eh... Primeira entrevista, dia 15 de abril de 2023, com a dona Eva, do Ramal. Eh... a primeira pergunta mesmo, é a Senhora se apresentar, seu nome, a idade, onde a Senhora morou, sempre viveu aqui em Quixabeira, região.

EVA CARVALHO FAGUNDES: Boa tarde, meu nome é Eva Carvalho Fagundes, nasci e me criei na Fazenda Mulungu, no município de Quixabeira. Hoje moro na Fazenda Ramal, também município de Quixabeira. Nunca saí pra fora, assim, pra morar, só pra passear, mas pra morar não, fora do município. Sempre trabalhei na... na agricultura, junto com meu pai, minha família, e depois junto com meu marido.

D: Eh... quais foram os trabalhos que a senhora desenvolveu, em toda a sua vida?

E: Trabalhei na Pastoral da Criança, comecei trabalhando na Pastoral da Criança e trabalhei como agente comunitária de saúde por 20 anos. Hoje sou aposentada, não trabalho mais nessa área, e já trabalhei em associação, já fui tesoureira de associação, já fui secretária, já fui presidente do Conselho Municipal de Saúde do município de Quixabeira. Já fiz vários trabalhos comunitário.

D: Eh... a senhora comentou que trabalhou também com seus pais, isso foi na roça, também, ou em alguns outros trabalhos que não fossem tanto plantio? Quais os trabalhos que você desenvolvia?

E: Era na roça mesmo. Meu pai plantava mandioca, plantava mamona. E a gente trabalhava um período em casa de farinha. Quando começava as tarefadas. A gente também trabalhava... Quebrava licuri, eu, minha mãe e as irmãs.

D: Esses trabalhos que a Senhora desenvolveu, como a senhora aprendeu? A Senhora falou que fazia com seus pais, mas eles mesmos lhe ensinaram as técnicas assim? Algumas a senhora aprendeu sozinha? Em que ambientes aprendeu?

E: É, quando eu trabalhava junto com meus pais, era vendo eles trabalharem e a gente aprendia também. Tanto eu como meus irmãos, aí aprendendo a trabalhar.

D: Eh... ainda nesse tema, eh... a senhora, nessas técnicas, aprendeu algumas tradições? Quais foram essas tradições no trabalho, no cultivo? Porque a gente vê muito que há alguns tempos atrás esse pessoal olhava bastante pra natureza, quadra de lua, a forma certa de colocar a maniva na terra. A senhora teve isso? Aprendeu?

E: Sim. A gente sempre tentava plantar as coisas na... na lua nova. Porque já era tradição. E pra plantar maniva também tinha maneira de plantar maniva. E pra colher também, tinha também uma época que a gente tinha que ter cuidado pra colher naquela época certa, no escuro (riso) que era pra poder o feijão não apodrecer.

D: Eh... e quando assim, iniciou realmente o seu contato com os movimentos sociais?

E: Em 1977. Foi quando eu comecei... quando no começo do meu namoro, com... com quem eu me casei, ele participava de movimentos sociais e eu comecei. E aí, hoje... até hoje, nunca parei. Não parei mais.

D: E qual foi esse primeiro encontro, assim, esse primeiro movimento? Qual era o que era desenvolvido?

E: No Sindicato de Trabalhadores Rurais. Tinha também, a gente fazia... (conversa externa)

[Pausa da entrevista no minuto 05:06]³³

E: No primeiro de maio, a gente comemorava o dia do trabalho. E aí tinha o primeiro de maio, que a gente comemorava também, fazia... até passeatas a gente fazia, fazia teatro, fazia várias

³³ A bisneta da entrevistada chegou chamando, querendo participar da entrevista.

coisas que a gente fazia no primeiro de maio.

D: Todos ligados, assim, os (ela sussurrou: movimentos sociais) movimentos sociais, principalmente rural, né?

E: Rural, é.

D: Eh... a senhora se lembra, assim, do início das atividades desses movimentos, principalmente o de mulher? Como foi que começou, quando começou, esse movimento em Quixabeira?

E: Em 2008, nós fundamos a Associação de Mulheres, da qual eu fiz parte da diretoria. Hoje não faço mais parte porque tem um período em que a gente sempre troca de... de... no caso, troca de lugar, né? Quem era presidente passa pra ser outra coisa ou escolhe outra pessoa, aí hoje não faz mais parte, faz parte como sócia, mas não como na diretoria.

D: Mas, assim, antes da criação do... do... da associação, assim, propriamente dita, né? Teve alguns trabalhos antes. Será que você lembra como foi que começou isso? Porque assim, não foi do nada, né? Lembra alguma coisa?

E: É, eu lembro que a gente se reunia, assim, as mulheres... Começou também já pelo sindicato, porque tinha várias mulheres que faziam parte do sindicato. Eu também fui associada no sindicato rural. E aí a gente começou por aí. Depois a gente chegou à conclusão que iria fundar uma associação de mulheres. E que até hoje tá, ainda atuando.

D: Eh... sobre isso ainda, teve a influência de mais alguma outra entidade fora o sindicato? Como o movimento mesmo de mulheres trabalhadoras rurais do Nordeste ou da regional, alguma coisa assim? Teve esse trabalho já de base do pessoal lá, dessas entidades?

E: Teve do CESOL, que sempre dá apoio a... a nossa associação de mulheres. Eh... que é uma entidade que tem aí na região de Pintadas, que dá todo o apoio à nossa associação, os nossos movimentos, principalmente aqui em Quixabeira. A gente tem todo o apoio desse pessoal do CESOL.

D: Mas eles estavam, lá no início, ou já foi mais...

E: No começo da associação, a gente já estava recebendo um grande apoio deles.

D: E do seu ponto de vista, eh... já é um pouco dessa... dessa parte, né?! O que foi que animou realmente essas mulheres? Então, foi o sindicato que mobilizou, né? Assim, tevesse despertar

foi no sindicato então?

E: Foi, no sindicato rural, trabalhadores e trabalhadoras rurais.

D: E qual, assim, das atividades idealizadas pela associação, a senhora, assim, no seu ponto de vista, eh... marcou a sua vida? Alguma viagem, intercâmbio, cursos, alguma coisa assim?

E: Ah, teve várias viagens. Nós fomos visitar umas outras associações. Fomos pra Serrinha, fomos pra Coité, Noventa, Pintadas. Várias cidades. Onde tem algum movimento diferente do que a gente tem aqui, a gente ia pra lá pra aprender com os outros. É uma troca de ideia.

D: E dessas atividades assim? Já é um pouco ligada a essa, né? Dessas atividades que a senhora viu que realmente fez um efeito, não só pra senhora, mas pras outras mulheres do... da associação, no caso?

E: É, teve projetos que as mulheres receberam kits pra... pra fazer assim, doce, fazer cocada de licuri, receberam fogão, receberam um kit completo, que agora eu esqueci o que é que tem nesse kit, mas receberam. Eu não recebi porque eu faço parte dessa associação, mas nesse... nessa época que veio esse kit eu trabalhava como Agente Comunitário de Saúde, então não recebi, mas eu dei todo o apoio pra aquelas que... que trabalham na agricultura, que receberam esse kit, que é chamado de... de Kit para Agricultura Familiar. Foram várias famílias beneficiadas.

D: A outra, a Senhora já respondeu, que seria se a senhora ainda está na associação, né?

E: Sim.

D: Não está na coordenação, mas está participando.

E: É. É como sócia, sou.

D: Então é isso. Obrigada.

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

LUCILIA MOURA SANTOS

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos; conciliação entre ser vereadora e agricultora; a economia familiar no campo; atividades realizadas em mutirões; contato com o Movimentos Sociais: participação da Conferência Nacional de Mulheres; membros da primeira diretoria; parcerias; participação de jovens; comemorações e luta; projetos ligados a associação; papéis assumidos; ligação da entrevistada com a associação.

Data de nascimento: 24/03/1969

Duração da entrevista: 29:34 minutos

Data 21 de setembro de 2023

Local: Salão do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira, Quixabeira - Bahia.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Hoje, é dia vinte e um de setembro de dois mil e vinte três e hoje estou entrevistando Lucilia. Eh... em primeiro momento eu queria que se apresentasse, com teu nome, idade, de onde é que tu vem, que... se é de um ambiente rural, se é aqui na cidade mesmo.

LUCILIA MOURA SANTOS: Eu sou Lucilia Moura Santos, eh... sou da comunidade Quilombola, sou quilombola da comunidade de Alto do Capim, tenho 54 anos, e sempre morei na zona rural e continuo até hoje morando na comunidade Quilombola de Alto do Capim.

D: Eeh... assim quais foram os trabalhos que (barulho)... que... tu desenvolveu até hoje? Assim, tanto no meio rural, como o social também.

L: Ah desde quando eu... eu... desde pequena eu sempre mexi no meio rural, depois eu entrei nos movimentos sociais, para o sindicato em noventa e cinco, Pastoral da Criança e depois eu continuei sempre no trabalho da comunidade, eh... da comunidade de Alto do Capim e depois eu entrei no Movimento de Mulher que parece que foi em 2010?! Antes era o movimento de mulher e depois a gente criou a associação de mulheres.

D: Eeh... tu também foi vereadora de Quixabeira. (risos) Durante um bom tempo, nesse período tu também conseguiu desenvolver alguma coisa na questão das mulheres, principalmente rural, como é que foi?

L: É, eu fui vereadora em três mandato, tive três mandato, e sempre fiquei engancha... engajada no trabalho de mulher, e foi assim, foi muito gratificante em 2004 a primeira Conferência

Nacional de Mulheres eu participei, foi a primeira conferência do Brasil, então, eu tenho até hoje a minha camisa, assim que é um momento marcante no Brasil que foi em 2004, depois do governo Lula a gente teve a primeira conferência. Eu participei da municipal, na época a municipal e na regional em Senhor do Bonfim, depois eu fui para Salvador, e lá eu fui eleita e participei em Brasília, assim foi um momento marcante porque eu sempre gostei de trabalhar em movimento, principalmente um movimento de mulheres e no sindicato, sempre no sindicato, eu, dess... dessa década a gente vem sempre trabalhando com mulheres e homens, porque o sindicato é sempre, era em todos, mas eu sempre tava todos os movimentos ligados as mulheres, eu participei, assim o que eu gosto, e fiz a formação também de serviço social, porque pra mim o que me interessava era tá trabalhando com o público.

D: Eh... e sobre esses, essas atividades rurais que tu desenvolveu, eeh... como é que eram essas atividades? Quais eram? Eeh... foi com tua família? Que praticava, foi na comunidade também?

L: Assim na comunidade rural com minha família junto, sempre plantei horta, é, plantei horta, roça acompanhei. E com a comunidade também eu tive um tempão, até hoje a gente acompanha também com as mulheres, a gente sempre fazia mutirão com a associação, que eu fui presidente da associação em 2008, e aí eu sempre fazia o trabalho já que naquela época que a gente fez acho que era em 2000, não lembro muito, já foi o trabalho que fez com a APPJ, que foi, eeh... das cisternas e aí eu já tava envolvida, sempre a gente fazia mutirão com as mulheres, com os homens, então eu tinha uns dois trabalho, com minha família: a roça, sozinha, mas eu sempre trabalhei com o coletivo, a gente fez hortaliça na comunidade de Alto do Capim, que era coletiva, fez bastante horta, não deu assim alguns frutos, depois a gente vai pra outra coisa, a gente sempre, sempre eu tô no movimento ligado às mulheres e também a comunidade.

D: Então essas atividades que tu desenvolveu principalmente no meio rural, eh... por muito tempo foi o que sustentou mesmo, tua família, a tu, filhos?!

L: Foi... foi a economia, assim importante pra... pra família, porque sem a roça a gente não tem sua sobrevivência, foi assim muito gratificante e até hoje eu tô no meio rural, até hoje faço minhas coisas rural, porque a gente não tem outra profissão, e com essa forma que a gente vai garantir o sustento da família, pra gente sobreviver.

D: Eeh... ainda assim, né? Nesses trabalhos rurais, eh... como foi que tu aprendeu realmente a trabalhar na roça, eh... foi teus pais que te ensinaram, foi, eh... técnicas vindas de (de) fora e como foi que elas chegaram até tu, né?

L: Assim desde criança, eu com meus pais, eu sempre trabalhei na roça, mas as outras áreas de... (pausa) eeh.... horta pra gente produzir os alimentos sem agrotóxico, aí foi através dos técnico, que a gente foi acompanhada pelos técnico, antes era da Escola Família Agrícola, naquela época o projeto era, não era brasileiro, que foi pela, (sussurro: deixa eu ver se lembro aqui meu Deus, o nome do projeto), que aí eles ensinavam como a gente, écuida da roça, as queimadas, eu me lembro muito bem que a gente aprendeu, porque a gente queimava tudo, como tratar é para não ter as erosão, e depois, e inovou e os técnico começa a passar as informação pra gente. Mas assim, muito gratificante, porque sem os técnico também a gente não aprende 100%, (humhum), porque a gente aprende daquela forma né, antiga, então a gente tem que tá cada vez mais se modernizando.

D: Eeh... com tu falou, tu vem de uma comunidade quilombola, eeh lá vocês têm alguma tradição, algumas técnicas que vem de gerações?

L: Tem, a comunidade de Alto do Capim teve sempre essa tradição de trabalhar em mutirão, os grupo de home e das mulheres. As mulheres sempre quebra licuri in dupla, entendeu?! Aí essa tradição, também a cultura é uma parte forte que tem na comunidade que assim é bem forte mesmo a cultura e a questão sempre trabalhou em grupo, mesmo num seno pela associação antes e nem pelos movimento lá eles tem o mutirão, é cinco mulher vai ou dez mulheres vai pra quebrar licuri, os homens também na roça faz rodizio, aí juntamente a semana quase toda eles tinha mutirão, sempre tinha esses hábito.

D: Eeh... aí trazendo um pouquinho mesmo, né? Com esse, lado mais dos movimentos, eeh... quando foi que insi..., iniciou mesmo esse teu contato com os Movimentos Sociais? Tu lembra o ano ou alguma coisa assim mais específica?

L: Desde quando, 97 que eu entrei logo no sindicato eu já participei de várias coisas, o grito do excluído³⁴ eu lembro que participei em Brasília foi em 97?! Aí já comecei a ter os contato, porque quando eu comecei a entrá no sindicato eu já comecei os contato. Tem algumas coisas que deixa marcado, né? Gratificante nos movimentos que eu participei de várias coisas do movimento e participei também na área rural, que era, eu participei de uma feira ni 2003, parece que participei de uma feira ne Rio Grande do Norte, que era uma... uma feira agrícola que a gente foi conhecer à parte... eeh... do caprinocultura que até hoje eu lembro assim que ficou

³⁴ Grito dos Excluídos e Excluídas é um conjunto de manifestações populares que ocorrem desde 1995 pelo território brasileiro. <https://www.gritodosexcluidos.com/sobre-grito-dos-excluidos-e-excluidas>

marcante, a gente foi conhecer a, é a parte de caprinocultura dos animais, e a experiência, essa troca de experiência como lá é difícil, e como sobrevive, entre uma cidade diferente, né? Que é Nordeste, mas diferente e foi assim gratificante. E também quando foi assim alguma coisa marcante que... que até hoje eu lembro foi o movimento de mulher, porque a gente quando criou a gente comemorava, comemorou o movimento de mulher em 2010, se não me engano, parece que foi 2010, aí a gente comemorava o dia, eeh... da mulher 08 de março e a gente fazia tanta comemoração, a gente fez uma, é uma eu lembro parece que foi em 2014 ou foi 20... foi a gente fez o desfile de bicicleta, e foi marcante pra gente e porque nós mulheres a gente precisa tá nos seus diálogos buscar junto com as outras mulheres pra desenvolver o nosso município e todo Brasil. Eu participei de várias conferências, várias, eu já participei de conferência de mulher, já participei de conferência é... da saúde, já e já participei de conferência também... as conferências de mulher eu participei da primeira e da segunda, da terceira e da quarta, parece que agora é a quinta não é?! (sussurro: acho que sim) É eu participei de todas, tanto municipal, como estadual que a última conferência, queria registrar, aqui, foi em 2016, (ela sussurra: se não lembro foi 2016 ou foi 2018, não foi 2016) que eu fui pra conferência e eu fiquei presa no avião! (sussurro: aí, eu lembro, ouvifalar) Ou foi em 2014, eu não tô lembrando a data não eu tenho que olhar lá.

D: É que as conferências são de quatro em quatro anos né?

L: É, eu fiquei presa no avião, com uma falta de respeito porque a gente, foi em 2016³⁵ porque foi no tempo já de que Dilma saiu foi 2014³⁶, (humhum), foi no impeachment de Dilma, a conferência aconteceu bem no impeachment de Dilma, aí a gente entrou no avião, tinha uma Deputada que tava dentro do avião e tinha um Deputado Jutahy Magalhães e a Tia Eron, (hunhum) que é uma deputada que chamava Tia Eron, nem conhecia, Jutai Magalhães eu conhecia, mas Tia Eron nem, aí a equipe que foi de Salvador, nem foi dá gente que tava, começou a vaiar ela e quando a gente chegou no aeroporto de...na hora que desceu do avião ela já chamou a Polícia Federal, e colocou que a gente tava é querendo como formação de quadrilha, pra fazer vândalos, e a Polícia Federal não deixou a gente sair, a gente passou duas horas dentro do avião e foi um conflito, porque as que fizeram a confusão era 70 mulher, saíram e a gente que tava, eu tava nas últimas cadeira no avião, eu não consegui sair, porque eles logo quando começou as delegadas (barulho) as delegadas que estão aí vão ficar presa no avião só com a Polícia Federal, aí ele não me deixou mais eu passar, como eu era vereadora na época, que 2016 até 2020 eu fui

³⁵ A 4ª Conferência Nacional da Mulher ocorreu do dia 10 a 13 de maio.

³⁶ Dilma Rousseff sofreu impeachment no dia 31 de agosto de 2016, porém ele já estava em processo desde o dia 02 de dezembro de 2015.

vereadora, eu era vereadora e ele ficou, a Polícia, aí eu falei: que eu não aceitava a polícia homem me revistar, que eles queriam que a gente entregasse os documentos, só com a PFEM, com a PFEM pra vim falar com a gente, aí eles não aceito, aí a gente ficou lá, aí do avião a gente não sai, ele disse que a gente tinha que sair do avião, com pressa para sair do avião, pra o avião seguir, aí a gente falou: já que a gente tá preso aqui, a gente não sai, a gente só sai com a advogada e cumo com a Ministra de Mulher que tava lá pra vim resolver o problema da gente, porque a gente não fez nada, é não fez nada, nesse fiquemos em entendé, outras passaram mal, mas eu fiquei tranquila, aí depois de duas horas com toda negociação lá que não entrou nenhuma PFEM pra vim falá com a gente. Aí duas horas mandou a gente sair do avião, aí mandou a gente sair pelos fundos, aí eu peguei e falei: é a falta de respeito, uma mulher, a gente é mulher digna e a gente sair como bandido pelos fundos do avião, aí quê que eles fizeram?: jogaram nossas malas na sede da Polícia Federal, a gente saiu de dentro do avião, entrou dentro de um ônibus e foi diretamente pra sede, da Pulíça, quando chegô lá nossas mala tava tudo jogada dentro de um ônibus e foi diretamente pra sede, da Pulíça, quando chego lá nossas mala tava tudo jogada, mas lá já tinha muita gente da conferência, todo mundo já tava lá, os repórter já tava lá e todo mundo aí começou a gritar, começou gritar que a gente queria os nosso direito, aí nois exigiu também, já que nos ia fazer nosso B.O., a gente exigiu que registrasse também, que a gente queria o nosso direito. Aí a TAM que era, foi o avião, pegou e retirou a queixa, nois, já que ela retirou a queixa, nós exigiu nossos 'B.O.' nossos boleto, nossos, aí a gente fez a certidão cada uma e a advogada acompanhou e depois de duas hora foi que liberou a gente. Foi muito ruim, horrível que a polícia fez, a falta de respeito, que na verdade era setenta mulher, mas depois de tudo só ficou vinte e seis, que ela, depois a puliça veio e pegou a identidade e ficava só me perguntando, Lucília Moura Santos você é da Bahia? E eu, por que tanto interrogatório? Por que eu sou vereadora do PT? Porque era o dia do impeachment de Dilma, então assim, uma coisa que ficou marcante, que até eu pedi lá que eu não queria ser ouvida mais em Brasília, queria ser ouvida na Bahia, porque foi a TAM que fez isso. Aí colocou esse processo, depois o Ministério Público mandou pra gente responder, eu respondi e até hoje, esse processo eu não sei como é que está, sei que o advogado respondeu e a gente que teve o prejuízo foi a gente, prejuízo foi a gente, porque a gente ficou com sede duas horas, sem tomar água, depois de duas horas eles veio dá água a gente não quis mais. Assim, as coisa marcante que a gente mulheres, é tem quitá no desafio, porque, se a gente não tiver nossos desafio como é que nois vai conseguir nossos direito, a gente já passou por várias coisas, mas a gente tem que insistir, que nois mulheres precisa de tá nos Órgão, né? Tanto é como nos legislativo, como no... seus trabalho como médica, advogada, a gente tem que tê nosso direito igual homi.

D: Isso é verdade, gente, a mulher passa por tanta, tanta coisa, né? Que era para ser normal. Mas é assim mesmo. E aí eu queria saber, assim, um pouco também, eh... se... oque... que tu lembra do começo, assim, da Associação, como foi que iniciou esses trabalhos, quem é que tava é, quais eram os movimentos que tavam fazendo parte dessa criação, porque primeiro era meio que um Movimento, né?...

L: Foi o MOC.

D: ... de mulheres também, aí veio a criação da Associação propriamente dita.

L: Primeiro, a primeira presidente da associação foi Edisônia, aí porque o membro era nove, dez pessoa, né? Ô, Eva a tua avó fez parte primeira, Edisônia, Maria José, eu, Hilda, deixa eu vê Nilza, deixa eu vê quem mais, Lene de Baixa Grande, que foi a primeira diretora, (humhum) Everilda, já tem dez aí? Não né?! Parece que foi.

D: Não falta umas.

L: Oi?

D: Falta algumas ainda.

L: Everilda, chovê quem mais. Nilza eu já falei, Everilda, Edisonia, eu, Zezé, Hilda, dona Fidelcina que foi a mulher que... a primeira mulher que se associou no Sindicato, (humhum) e parece que dona... a mãe de Ril, dona Armezinda, parece que ela participou, se eu não me engano. Chovê se teve outras, eu tenho que olhar porque, sim Evanilda, (humhum) Evanilda da comunidade de... de Cova do Anjo, também participou, foi a primeira. E assim, foi nois marcante, o nosso movimento de mulher a gente criou o objetivo era pra nois mulheres ficar mais unidas e buscar mais projeto, mas uma coisa que até hoje nossa associação de mulheres que faço parte, a gente não tem nenhum projeto, a gente já pediu vários, já se escreveu em edital, mas não conseguiu ainda pra terassim um Projeto, aqui é o projeto é de mulheres a sua sede, a gente não tem, (barulho) fica acompanhando com o sindicato, fazendo parceria com o sindicato, mas a gente numtem, que a gente deveria ter conseguido já um projeto voltado pra mulheres, e a gente. OMOC também ajudou bastante a gente, a gente teve bastante oficina com o MOC, foi aonde ajudou a gente o crescimento, através do MOC, e até hoje o Governador Jerônimo foi um dos nossos participante dos movimento (humhum) que ajudou a gente, é nos movimento de mulher e como na agricultura do Movimento do MOC. E o sindicato também, e as igrejas também, né? Que a Igreja Católica aqui também foi uma parte que era mais ligada a isso, e foi assim muito momento gratificante onde a gente mulheres, a gente se reuni, buscamos pro, assim

oficina, reunião que marcaram, fizemo reunião, comemoração, eeh... palestra com médico, ginecologista, sempre a associação de mulher, sempre buscou pra tá através da mulheres e a gente querendo que ainda avance mais, mas infelizmente ainda hoje é muito difícil projeto voltado a mulher, ainda são, a gente eeh... é muita dificuldade, a gente consegue uns... uns projeto ne outra associação, quando é a associação ligada a mulheres a gente não consegue. E ainda a gente vê ainda é um desafio muito grande, o preconceito quando ainda é ligada, é projeto ligado a mulheres, que a gente precisa de buscar muito com as mulheres, e também as mulheres tem que tá empoderada né?, porque muitas vezes a gente desanima, por questão de alguma coisa que acontece a gente desanima, a gente precisa buscar projeto voltado com as mulheres e também fazer curso de formação, porque se a gente não tiver preparada, a gente num, a gente logo desiste porque um desafio é muito grande.

D: (Sussurro: verdade viu). Aí, o quê que tu acha, assim, no teu ponto de vista que foi que animou essas mulheres da cidade de Quixabeira, a realmente criar uma associação? Criar, assim, o movimento, a associação em sim.

L: O que foi, porque as mulheres queriam tê um movimento de mulheres, delas mesmo pra ir buscar seus objetivo, porque a gente tem a associação, mas não era ligada as mulheres, tem um sindicato, mas é de todos, então a gente pensou: vamos criar a associação de mulher, e antes era movimento, é um movimento de mulher, pra gente ter o nome da gente, ser só de mulher. É tanto que no... eh... 8 de março que é a comemoração, a gente faz o projeto, é só mulheres, os homens participam, mas é muito pouco, porque é uma coisa ligada só mulheres, que os homem deveria ajudando os apoio, mas a gente faz. Então é por isso que a gente precisa de ter mais, eh... projeto buscando a mulher. Darlan também já participou de alguns curso, não foi Darlane?!

D: Sim. (risos)

L: E participou fora, a gente foi até pra Pernambuco, foi uma formação ótima de jovens de jovem liderança, não foi?

D: Isso.

L: Foi de jovem liderança, ligada pelo movimento de mulheres, onde foi Darlane, foi três que daqui, que participou?! Foi tu e Darlane...

D: Foi eu, Livia e Taina de Baixa Grande. (Lucilia sussurra: que a gente fazia)

L: E a gente vê essas menina que participaram, hoje Darlane tá fazendo UNEB, Ligia³⁷ hoje já é veterinária, né?! (sussurro: isso) Formação de Veterinária, a gente fica feliz como movimento de mulher ter colocado essas jovem. E teve vários cursos de jovem também que eu lembro que era o movimento de mulher, a gente ia pra Serrinha também, que é o MMTQ, que é o movimento de Mulher, porque a gente é o movimento de mulheres aqui, e o MTQ³⁸ que é o Nordeste, e aí através disso a gente participava de várias, participa de várias reunião. Agora depois da pandemia, a gente parou, que tem que voltar de novamente a nossos movimento.

D: Isso aí. Eh... tu já falou uma pouco, né? sobre algumas atividades e encontros que te marcaram, mas é, assim, da associação mesmo, idealizado pela associação, criado assim pela associação, qual foi uma atividade que te marcou muito? Marcou a tua, assim, não só marcou como uma lembrança boa, mas marcou a tua vida, que fez a diferença.

L: Foi o... foi o dia da... da do primeira, o dia que a gente criou a associação, foi muito bonito que a gente fez lá na praça, no coreto, naquele dia marcou, veio vários palestrante, Vandalva que era do MOC, foi assim um dia marcante. E os dias também das comemoração, que a gente comemorava, que a gente fez que marcaram porque foi tanta gente, todo mundo envolvido. Então a gente viu que o movimento de mulher depois que, que a gente criou, foi uma coisa muito gratificante, que até ajudou a autoestima da gente, né? Porque, principalmente eu, mulheres no poder difícil com preconceito tão grande, quando é uma mulher eleita, e aí no movimento de mulher marcou porque ajudou a gente a se desenvolver e ter sua autoestima. Que muitas vezes se a gente não tiver, é, empoderada a gente termina ficando esfraquecendo, por causa que ser mulher é muito difícil, tá nos movimento por questão ainda de do machismo, preconceito ainda muito grande através que a gente precisa de quebrar isso. Então, foi marcante esse dia que a gente fez a nossa primeira abertura que criou o Movimento de Mulher, porque foi na praça, no coreto e todo mundo, e depois disso que a gente criou, todo, é, todo dia internacional da mulher sempre comemorava, a gente sempre comemora esse ano que foimais...

D: Teve também.

L: Teve também, eu que não participei porque tive um acidente num participei, mas todo ano, o que marcou isso, porque todo ano, é, só tem o dia Internacional em comemoração com o Movimento de Mulher, se o Movimento de Mulher não tiver não acontece. Então, foi uma coisas

³⁷ A entrevistada se refere a Lívia, jovem citada anteriormente.

³⁸ A entrevistada se refere ao MMTR/NE.

boa que trouxe pra a cidade de Quixabeira, porque o movimento de Mulheré representado por todas elas do movimento e vem todas as comunidade.

D: (Sussurro: humhum) É, e também quais, assim, que tu acha que impactou as mulheres no geral aqui? No geral assim, que fazem parte também da associação, quais projetos que tu lembra que veio, que talvez não diretamente da associação, mas que veio em conjunto com a Associação de Mulheres.

L: Ah, o projeto de... das mulheres que tem de agroecologia, que elas até hoje tem já a sua tenda né que faz entrega, e que depois disso as mulheres se empoderaram, que até hoje tem, Darlane, que os grupinhos não tem no município todo, mas tem no Ramal tem, que tá aí vendendo os seus produto sem agrotóxico que é uma parte muito interessante, que tá aí vendendo seus produto, e continua o grupo de mulher que até hoje o que mais impactou através do Movimento de Mulher é isso também. Porque aí gerou renda nas família, e seus produto sem agrotóxico e a formação delas, que ganharam também os projetos da... de cisterna, que não foi bem do Movimento de Mulher, mas foi através do Movimento de Mulher de cisterna, é, pra cisterna calçadão pra fazer suas horta e aí foi um impacto muito interessante. Apesar da gente fez uns projeto, até hoje a gente não conseguiu dos banheiro pras mulheres que a gente não conseguiu, mas foi bem impactante essa parte, que até hoje ainda tem as suas as horta, as horta comunitária que tem que foio Movimento de Mulher, sempre tá acompanhando, com o CESOL, com o MOC, o MOC agora ultimamente eh... não tá acompanhando a gente não, mas o CESOL, o sindicato, aí todos foi um impacto que até hoje tem, né? E deixa essa marca aí pelo resto da vida, a parte da economia da família, principalmente da mulheres que é ligada às mulheres. Isso foi o que levou, é, essa parte mais interessante do município e também que gerou renda que até hoje as mulheres tem suas horta, é biscoito do licuri, e vende tudo através do esforço que teve o Movimento de Mulher pra buscar as oficina e os curso de formação, que o Movimento de Mulher sempre buscou os curso de formação pra essas mulheres, e com sem formação a gente não consegue nada.

D: Isso é verdade. Eeh... assim, tu ainda tá ligada de alguma forma a associação?

L: Tô, hoje eu sou presidente da Associação Quilombola da Comunidade de Alto do Capim. (humhum) Que eu tô sendo presidente, lá a gente tem uma agroindústria do licuri, e a gente tá aí junto com as mulheres e os homens, que não é só mulheres fazendo trabalho da agroindústria, da comunidade de Alto do Capim, e assim, é muito gratificante e uma coisa assim que marcou no movimento que até hoje eu lembro, sem ser movimento de mulheres, mas foi a minha pessoa,

foi quando eu fiz a... eh... a história, eu fui a historiadora da comunidade de Alto do Capim, e fiz... a gente conseguiu a certificação e a gente tem vários, até a UNEB foi lá em Alto do Capim, tem vários TCC da comunidade de Alto do Capim, que é feito tudo através da Comunidade Quilombola e algumas entrevistas, que... que... que os universitários passam. Ah, foi até esses dias a UEFS de Feira de Santana, através, assim é marcante pra mim porque a gente tá passando as informações que a gente teve e tá lembrando a parte, e que quem foi a escrava (barulho de notificação) que sou bisneta, foi uma mulher, né? Aí vem a geração toda de mulher ligada a mulher.

D: E a Associação de Mulheres, tu ainda faz parte da diretoria? É associada?

L: Sou, faço parte ainda da diretoria e a gente tá aí, dando os passos pra que a gente possa, é, desenvolver um trabalho junto com a mulher, a gente não pode parar né! Porque senão a gente não vai ter exemplo pra dar pra outras mulheres e as gerações mais novas, a gente, eu já tenho 54 anos, aí o jovem precisa, as mulheres jovens precisam se enquadrar. Aí, muitas, tem muitas mulheres novas ainda que tá aí no trabalho voltado à mulher, mas tem muitas jovens que não tem esse ligamento, e a gente precisa tá incentivando.

D: Pronto. Obrigada viu! (ela sussurrou: precisando) Se quiser falar alguma coisa, o espaço tá aberto (risos), mas muito obrigada por esse, tirar esse tempinho pra me conceder essa entrevista.

L: Mas aí, a gente é bom tá passando as informações, porque nós mulheres precisamos, uma coisa que a gente precisa de ter mais oficinas voltadas à mulher, que muitas mulheres ainda não sabem o seu papel, por questão de já nascer com esse preconceito, aí muitas mulheres impedem de tá no movimento de mulher porque foi difícil, na comunidade de Alto do Capim eu vejo, quando eu mandava os jovens, eles não queriam sair pra fora, eles não queriam, que tem preconceito, então precisamos de ter a formação, ter a formação contínua, continuada pra todas as jovens do município através do movimento de mulheres, principalmente do Movimento de Mulheres pra tá fazendo essa formação, e buscando parceria com as, as entidades, com as faculdades que eles que tem a formação pra tá passando pra gente, que a gente fica assim, muito gratificante quando vem alguns, é, de faculdade pra tá conhecendo o trabalho da gente do Movimento de Mulheres e também passando as informações, né? Pra gente.

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

MARIA JOSÉ OLIVEIRA DE SANTANA (ZEZÉ)**Sumário**

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos: educadora; desenvolvimento dos trabalhos rurais na juventude; conhecimentos tradicionais; junção dos conhecimentos; dedicação aos Movimentos Sociais; formação na EFA; entrada no sindicato; organização das mulheres; parceiros do movimento; atividades que marcaram; conquistas; ligação da entrevistada com a associação.

Data de Nascimento: 15/04/1966

Duração da entrevista: 33:28 minutos

Data: 21 de setembro de 2023

Local: Salão do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira, Quixabeira - Bahia.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Eh... 21 de setembro de 2023 a entrevista com Maria José. Eh... nesse primeiro momento, né? Eu queria que tu falasse teu nome, idade e de onde é que tu vem, o quê que faz está fazendo hoje em dia?

MARIA JOSÉ OLIVEIRA DE SANTANA: Meu nome é Maria José, Maria José Oliveira de Santana. Eu moro em Quixabeira desde menina, só não nasci aqui, mas moro desde menina, moro sempre morei na zona rural no Povoado de Jaboticaba exatamente na Fazenda Gameleira e sempre vivi da área rural e continuo até hoje, tenho 57 anos.

D: Eh... quais foram os trabalhos, assim que tu desenvolveu durante toda, vida até agora, tanto social, emprego fixo, no meio rural?

M: Quando eu era adolescente eu fui professora leiga com método Paulo Freire, eh... tinha uma turma de alunos variada, por que naquele período a gente ainda jovem as vezes não eram alfabetizados, então eu tinha alunos na faixa de 20 anos e alunos que chegavam mais de 70, e ensinei muito tempo, não tinha energia nesse tempo. Minha casa da... do salão onde a gente se reunia pra estudar era na faixa de 2 km, eu botava um lampiãozinho desses de bujãozinho pequeno na cabeça, e ia todos os dias de segunda a sexta, e com esse lampiãozinho a gente era a nossa, a nossa luz (risos) para funcionar a escola, e aí ficamos muito tempo fui professora dessa forma, com... através do método Paulo Freire muito tempo, e quem me orientava era um pessoal do Movimento de Mulheres de Jacobina através de Marlene, Marlene de Zé Lages e Izabel, esqueci a assinatura dela agora, mas um pessoal do Movimento de Mulheres de Jacobina. E olha essa escola deu bons frutos, porque os meus alunos e alunas a maioria eles, eles

conseguiram se alfabetizar, alguns só conseguiram fazer o nome, mas a gente teve muito sucesso. Aí foi a minha primeira experiência, assim fora da questão da área rural e eu também naquele tempo não tinha formação nenhuma só primário, mas sempre, sempre eu gostei de ler, e tinha em casa tinha dia que o nariz ficava escuro da fumaça do candieiro, porque eu gostava muito de ler eu lia de tudo o que tivesse ali de livrinho eu tava lendo, a gente não tinha muito recurso não tinha TV e isso me incentivou muito a puxa pra essa questão da escola, por isso ingressei nesse negócio de, de educação de educadora popular e entrei na associação, também participei muito tempo da comunidade Eclesial de base da Igreja Católica, que também segue essa linha de... de educação popular essas coisas. Depois de passado um tempo a gente tinha na comunidade um grupo comunitário, a gente fazia roçada mutirão, esse grupo passado um certo tempo virou uma associação que hoje é chamada APPJ, depois dessa associação, eh... a gente nessa associação a gente continuou o nosso trabalho de roças em mutirão, porque pra nós era uma solução pra aquele tempo de recursos escassos, então a gente se ajudava, porque naquele mutirão a gente limpava roça particular de cada um porque ninguém conseguia sozinho, e não podia também pagar um trabalhador, e ao mesmo tempo a gente, aqueles que tinham uma quantidade de terra maior emprestava a terra durante 1 ano, a gente fazia uma roça e a produção daquela roça comunitária a gente conseguia dividir, se fosse uma produção maior vendia e já era uma ajuda extra pra despesa em casa, se não era uma forma de aumentar a quantidade de alimento pra alimentar a família. E por conta disso, eh... com a nossa caminhada a Paróquia eles perceberam esse trabalho da gente, e a gente foi convidado a pesquisar sobre essa questão da Escola Família Agrícola, isso em associação através da APPJ, e a gente foi a uma cidade no oeste da Bahia chamada Riacho de Santana, conheceu a Escola Família Agrícola que existia lá, isso com ajuda do padre Xavier e a irmã Lídia, e a gente conseguiu trazer a escola pra cá que é nossa Escola Família Agrícola. Então, essa é minha caminhada além de agricultora minha caminhada pelos espaços do meio da educação, e atualmente tô no sindicato já faz tempo.

D: Já passou como presidente.

M: Ah, já!

D: Vários... vários cargos. (Risos)

M: Já! Inclusive na associação eu fui sócio fundadora, fui presidente, secretaria... sim, voltei a estudar nessa própria Escola Família Agrícola e consegui completar o meu curso, eh... nível fundamental e nível médio e técnico pela Escola Família Agrícola, eu e mais os filhos que já estavam grandinhos e aí acabei sendo até colega de filhos na escola.

D: Eh... e sobre esses trabalhos que foram desenvolvido no meio rural, quais eram essas atividades? Como elas se manifestava, assim, na renda familiar, era a base da renda da família, tanto quando ainda morava com os seus pais?

M: Sempre.

D: Quando foi morar na sua própria casa.

M: Sempre. Eeh... meu pai e minha mãe, eh... a gente era doze irmãos, e a feira que era feita durante a semana era no sábado e eles iam todo sábado pra fazer a feira, que era em São José do Jacuípe, e durante a semana cada um de nós tinha um chamado, eito, tinha roça de plantio de feijão, melancia, andú, eh... mandioca não plantava muito porque nossa área não era muito boa pra plantio de mandioca e aipim, e cada filho, os maiorzinho a partir de sete oito anos tinha seu eito, chamado eito, aí contavam uma quantidade de eito de milho e feijão e todo mundo tinha que dá conta daquela tarefa. A parte ruim, era que pra termina ligeiro a gente acabava deixando um pouquinho de mat... mato, e aí, eh... era chamado camboa os mato que a gente deixava, aí dizia: “ê, fulano deixou a camboa de mato” e tinha que volta pra limpar. E era assim, e foi assim, que a gente aprendeu a vivere na agricultura, isso não era ruim era muito divertido, né? Porque era uma turma de irmãos, e aí eu cresci, casei e a renda da minha família, pra ajuda a criar os meus filhos foi vindo toda da agricultura e a gente criar, sempre criou uma galinha, um porco, uma ovelha, uma vaquinha de leite já de pouco tempo pra cá, antes a gente não tinha tinha, mas antes era cabra de corda, (ham) meus filhos mesmo os primeiros foram alimentados com leite de cabra, porque a gente criava uma cabra de corda, a terra era pouca, inclusive essa cabra de corda a gente ganhou de um projeto, que nosso grupo comunitário conseguiu fazer um projeto e ganhou, algumas famílias ganhou uma cabra uma cabrinha pra alimenta os filhos que criava na corda e a cabra tinha nome até. (risos)

D: (Risos) Qual era o nome da cabra?

M: Era meia branca, porque tinha as patinhas branca. (risos)

D: Eh... a senhora meio que respondeu aí já que trabalha desde criança, então provavelmente aprendeu muitas técnicas e tradições com a família, mas eu queria saber assim, quais foram essas técnicas como elas eram implantadas, tem algum conhecimento, assim mais tradicional da família ou da comunidade que a senhora tava ali presente?

M: Ah, tinha muita coisa, por exemplo o, o plantio de algumas culturas tinham que ir pela quadra da lua, a colheita também (hum) porque tinha um período que, eh... se plantasse no período da

lua era mais favorável a produção ou menos favorável, a colheita também tinha que ser sempre colher mais no período da lua é escura, quando a lua tava escura porque aí dava menos gorgulho, no tempo lua clara dava mais gorgulho. Essa é uma das muitas das técnicas que... que... que a gente aprendeu, o cuidado mesmo com, com deita galinha por exemplo pra não da praga, colocava folha de fumo ou folha de cassutinga branca pra não dá praga, eh... se era pra colocar também no tempo de trovoada se deitassegalinha, um pedaço de carvão no ninho, que era pra os pintos, os pintinhos não morrer nacasca com o trovão, era muita coisa e a gente seguia e era certo, aquilo ali dava certo.

D: Humhum. Hoje em dia, né? A gente vê várias técnicas que provavelmente aprendeu também lá na EFA.

M: Ah, sim.

D: Deve ter ajudado também nessa...

M: É.

D: ... esses cultivos.

M: Aí, na EFA foi interessante, porque assim, até então pelo menos a... a... ao que a gente sabia era o que vinha mais da cultura dos nossos antepassados, e que pra mim davasuper certo, só que a gente percebeu quando começou ir pra EFA que, além dosconhecimentos que a gente tinha dos nossos antepassados, a gente poderia aprimorar comos conhecimentos científicos, e aí onde a gente conseguiu ver poderia aumentar aprodução, pra minha horta mesmo que eu gosto muito de horta, inclusive eu tenho até meu pé chuchu maravilhoso lá, depois de dez tentativa Darlane, consegui um pé de chuchu e tá lá maravilhoso, hoje tenho chuchu vendo, doou e tem chuchu a vontade, era o meu sonho. E aí eu tenho, eu tenho os hábitos mesmo de cultivo da minha horta, do meu quintal eu uso muito o que eu aprendi na... na... na EFA e também dos técnicos porque com projetos que a APPJ hoje tem um número grande de... de técnicos, os meninosdo SENAR também que Timóteo me acompanhou um tempo, a gente vai juntando aprendo um pouquinho daqui um pouquinho dali um pouquinho dacolá no fim a gente fica muito sabido pra, pra viver.

D: Eh... voltando um pouquinho, assim sobre os movimentos sociais mesmo, quando queassim acha, você acha que, eh... surgiu, eh... a tua vivência mesmo com os movimentos sociais? Pode ser ligados as mulheres, mas também os movimentos sociais que a gente vê, né? Hoje em dia e já vem de muito tempo de trabalho rural e tudo mais.

M: Como eu falei eu sempre fui, e... e continuo sendo rural e se tivesse que escolher escolheria novamente continuar no rural, porque é uma coisa que eu gosto mesmo, eu sou, eu assumo que eu sou lavradora pé rachado, pé rachado, é o sentido de dizer, meu pé tá limpinho viu (risos), é porque eu gosto mesmo da questão da agricultura e eu... eu... repete a pergunta por favor.

D: Quando... qual foi o início, quando iniciou o teu contato com esses movimentos sociais?

M: Ligados a... ah, sim. Dos movimentos sociais, pronto, é que quando vai falando da terra vai entrando na conversa (sussurro). Olhe com essa história de... de roça em grupo e participar da igreja, eh... teve um período dentro dessa... desse trabalho que eu fiz lá do... do educação Paulo Freire, que eu fui chamada pra ser professora municipal, leiga por que não tinha formação naquele tempo, você sabia um pouquinho já era chamada pra ser professora leiga, eh... ensina ali no primário e eu fui por uma... uma pequena temporada a ensinar meninos, crianças, mas nesse período, eh... já existia essa uma marcação política danada, e eu sempre gostei de, de segui as coisas que eu considero certo, e quando eu comecei a ensinar começaram a tipo, me vigiar, por que achava que já que eu tenho emprego na prefeitura não podia ser amigo de fulano, de fulano por que fulano e fulano não votava no prefeito. Aí eu comecei a perceber que existia uma perseguição, inclusive disseram pra mim que não deveria acompanhar o pessoal que participava da igreja, por que o pessoal da igreja é um pessoal muito falador mal de prefeitura, falar mal dos políticos e eu fui, aquilo foi me inquietando, até então eu não participava muito de movimento sociais a não ser do grupo, eu não tinha ainda uma caminhada de... no sindicato que é uma luta mais... mais definida, mais segura, e aí aquilo, aquela perseguição foi me agoniando e criou uma situação que considerava tipo uma fofoca, e chegou um momento, e eu, numa reunião foi até aqui em Quixabeira, uma reunião dessas política e eu me senti muito humilhada pelo que eles me pagavam que não era tanto, e... e eu falei assim: 'olha, eu não vou ficar passando por essa humilhação que vocês estão dizendo, eu não tenho nenhum intuito de tá pra falar mal ou falar bem, eu quero fazer meu trabalho fiquem com o dinheiro de vocês', falei bem assim Darlane: 'fiquem com o dinheiro de vocês, e eu posso continuar fazendo meu trabalho de educar as pessoas que estão em minha volta até onde eu sei, sem ganhar por que eu posso trabalhar na minha roça, como sempre fiz e ninguém morre de fome' e saí entreguei o trabalho. Acho que foi uma loucura muito grande, né? (risos) Porque eu não tinha nada pra viver, mas eu fiz isso, e aí, a partir daí eu entendi que os movimentos sociais eram muito importantes porque incomodava, e aí não voltei mais. Não tem volta, eu acho que o caminho de libertação pras pessoas, eh... da zona rural, as pessoas que tem, eh... que precisam conquistar seus direitos é se organizar em movimentos sociais, porque não existe outra saída, e enquanto eu

tiver voz, tiver energia, eh... eu vou me dedicar a essa questão e a gente tem conseguido muita coisa, porque ao contrário do que os políticos queriam naquela época, talvez muitos hoje também, ou a gente só conseguiu aumentar o número de pessoas organizadas em associação, em sindicato, e... e na Escola Família Agrícola e só... só aumentou e a gente tem conseguido muita coisa, tem melhorado a vida de muita gente através de bons projetos, e de acompanhamentos de tudo, pra mim é a solução hoje, e não a gente ficar mendigando empreguinho de contrato de prefeitura e de perseguição.

D: Eh... eh... acabei me passando um pouco, mas tu me falou que se formou lá na EFA...

M: Foi!

D: ... tu se formou quando? Lembra?

M: Aí, eh... olhe. Eu não lembro exatamente o ano, porque eu me mudei quando foi pra fundar, pra criar a EFA, eu saí da minha, da minha (barulho de buzina) áreazinha de terra, da minha casinha e fui morar com meu esposo e os meus filhos na casa na área da fazenda, onde foi comprada pra fazer a EFA, eu fui com meu marido morar nessa casa por que a... a área da escola onde é a EFA hoje, não tava pronto ainda, tava em construção, mas já precisava acontecer o primeira teste de adaptação, a primeira turma, (humhum) e aí, eh... a gente foi convidado se a gente queria, colaborar e a gente não pensou duas vezes, largamos tudo e fomos morar, (risos) era inteiramente apaixonado por essa ideia de que filho de agricultor podia ter uma escola diferente, né? Voltada pra o conhecimento da realidade deles e aí gente foi, e lá nessa fazenda a gente recebeu a primeira turma, lá a gente ajudava a cozinhar, fazia o fogo no chão colocava aqueles caldeirão, aquelas panelas grandes pra fazer as comida, lá os meninos tomavam banho, por que os dormitórios já tavam praticamente prontos pra receber os meninos, mas não tinha cozinha, eh... não tinha esse apoio pra alimentação e a casa como já tinha cozinha, já tinha uma estrutura mais arrumada dava pra fazer as comidas. E aí a gente fez isso, foi embora moralá e cuida desses meninos na... na... na alimentação desses meninos na EFA, e aí eu não podia estudar ainda, eu tinha a... eh... minha filha nesse tempo quando eu mudei pra lá tinha dois aninhos, Emanuela, (humhum) acho que isso tem uns vinte e... e... e oito anos à trinta anos que eu fiz essa, essa loucura junto com minha família, mas uma loucuraboa, e aí quando passou essa primeira turma, e que aí eu comecei a perceber que também era possível pra mim estudar, eu fui a princípio pra ajudar e pensando nos meus filhos, nos filhos dos outros ali, eh... dos outros vizinhos, e... e companheiros da minha volta e depois eu comecei a ver e também, o... o padre Xavier, a irmã Lídia, o pessoal, os munitores que tavam ali: 'Zezé por que você não estuda?'

Você pode completar’, aí eu: ‘não’, falei: ‘ah eu não já tô cheia de filho, não tenho tempo acho que eu não consigo’, ‘consegue, você consegue’, aí eu acreditei e fui, aí virei aluna, eh... eh... nesse tempo eu era aluna, diretora da associação e por incrível que pareça eu vivi uma experiência maravilhosa, junto com aquela turma de adolescente, eh... ao mesmo tempo que eu vivia a realidade deles, eu também era uma referência pra eles ali. E tenho ainda grandes amigos desse período, nós éramos uma turma, Darlane, de quase 80 alunos nessa seção, e foi assim que eu entrei naEFA. (risos)

D: É um pouquinho de gente, né? (risos)

M: É, foi muito bom uma experiência muito boa.

D: Pronto. Eh... a gente vai, volta um pouco, assim pros movimento de mulher. Eh... tu lembra qual foi o início, assim das atividades não só da associação em si, mas a pré associação, ali quando tava começando, por que antigamente a gente falava mais movimento de base, né?

M: Era.

D: No tempo atrás era movimentos de base, movimento de base de mulheres, quando foique inicio aqui em Quixabeira.

M: Você tá falando, ou quer falar da associação de mulheres?

D: Isso, (ela sussurrou: ah!) no caso essa pré... pré associação no caso, né? O que foi que... quais foram essas atividades tiveram? O que foi que despertou o interesse assim dessas, nas mulheres daqui?

M: Então, eh... deixa eu ver aqui, porque eu... eu entrei como presidente do sindicato, a gente não tinha ainda a Associação de Mulheres, eu entrei em dois mil... dois mil e oito, como presidente do sindicato, que aí eu já era diretora suplente, com a saída do companheiro presidente eu... eu assumi o lugar dele. E aí, daí então a gente começou, porque o sindicato no tempo que eu entrei ele ainda era uma... uma área muito... muito machista, no sentido de que a diretoria tinha na sua grande maioria homens, acho que tinha uma ou duas mulheres, e aí eu entrei como presidente, já encontrei muita dificuldade quanto a isso, por que era uma novidade naquele... naquele tempo ainda, uma mulher preta lá da zona rural, de repente tá a frente de um sindicato que até então sua história tinha sido só homens presidentes, e eu cheguei, confesso que eu sofri muito porque eu precisava entender aonde foi que eu entrei, aí que foi que caiu a ficha, que aquele mundo ali era muito... muito macho ainda, e aí, a gente foi entendendo que a

gente precisava ampliar esses espaços femininos, para que a gente se empoderasse um pouco mais, porque uma mulher sozinha é só uma mulher sozinha, mas uma mulher cercada de outras mulheres elas conseguem se empoderar, e mostra que elas são tão capazes quanto os homens que estão ali exercendo a mesma função. E daí, dessas discussões surgiram o movimento de mulheres, a gente conseguiu muita coisa através da... da... dessa associação de mulheres, inclusive a gente conseguiu aprovar a lei de preservação ao licuri, a lei municipal de preservação ao licuri, aqui no nosso município, falamos até isso no programa de rádio ontem, quando a gente tava falando do festival do licuri, que vai acontecer agora em... em outubro. Não sei se te respondi.

D: Foi mais ou menos isso mesmo. (risos)

M: Mas pode perguntar se não.

D: É que essa próxima pergunta também ela tá um pouco ligada. Que no teu ponto de vista o que foi que animou realmente essas mulheres? Quais eram os movimentos que tava junto dessas mulheres, pra a criação da associação? Que tavam ali no apoio, eu sei que o sindicato apoiou bastante desde o começo...

M: Sim.

D: ..., mas além do sindicato?

M: Eeh... além do sindicato, nós tivemos a Escola Família Agrícola, tivemos uma escola chamada Escola Umbuzeiro, que ela nos ajudou muito também, passou um bom tempo aqui, a gente tem a companheira Joilma, que ela é hoje vereadora no município de Várzeada Roça e tivemos, eeh... ajuda também de acho que Sicoob Coopere também, ainda nos ajudou trazendo um instrutor, um palestrante que tinha muito conhecimento nessa área que foi Marivaldo Sales, ele hoje tá no... na equipe da Escola Quilombo do Palmares que é uma escola muito boa, uma escola de formação. E a gente foi conseguindo, tivemos também, a... depois de um tempo, a ajuda da dali de Pintadas, do... aí esqueci o nome agora da... da turma de Pintadas também através da deputada Neusa Cadore também, a gente teve muita... muito apoio e a gente foi conseguindo, eh... pedindo o apoio de um de outro, a gente tem pouca ajuda, assim de projetos mesmo a gente tem pouco, mais a gente já conseguiu aqui, Darlane, fazer manifestações, fazer coisas que pra nós foi muito importante, é por que a gente já tem o quê?! A décima terceira comemoração ao 8 de março, de quando a gente fundou o Movimento de Mulheres, a Associação de Mulheres, a gente começou a comemorar o dia 8 de março, e cada comemoração de 8 de março antes de acontecer, a gente reunia e reuni nas comunidades, debate um tema, tipo,

um tema pertinente, que a gente tenha que a gente percebe que tá afetando bastante as mulheres, pegar um tema bem claro pra dá exemplo: tipo a violência contra as mulheres, e aí, saí nas comunidades debate esse tema com as mulheres lá na sua base, lá na sua comunidade durante um período, aí quando chega o 8 de março a gente faz um, um evento grande aquina sede do sindicato, ou em uma comunidade escolhida por todos, e a gente faz um dia de um grande encontro de manifestação da gente tem... tem falas, tem a partilha do almoçotem a gente trás pessoas pra falar é melhor sobre o tema que a gente quer ter mais conhecimento, quer aprender mais um pouco, e é um grande dia. A gente já saiu aqui na rua várias vezes com mulheres a gente já colocou aqui na rua 600, 700 mulheres com cartazes, faixas e gritando pelos seus direitos, a gente já fez desfile das mulheres, desfiledas mulheres teve um desses, desses anos, lembro que a gente é homenageou as nossas mulheres aqui e as mulheres que a gente considera é que nos espiram, tipo que a gente vestiu aqui nossas mulheres e fez um desfile, tipo Joana Angelica, Margarida Alves, chovê quem mais, mulheres empoderadas e que pra nós serve de inspira... inspiração e a gente fez um desfile maravilhoso vestiram elas todas de chita ficaram lindas maravilhosase fizemos o desfile. Teve também um desses, um desses eventos que a gente fez uma bicicletada, a gente saiu daqui pra o Ramal, dessa vez foi no Ramal, e aí a gente já tava muito ousada nesse tempo, que quem foi, a gente saiu madru... madrugada bem cedinho e o café da manhã teria que ser no Ramal, quem foi que fez o café pra gente? Os homens,(risos) quando a gente chegou no Ramal, a gente pedalou daqui até o Ramal, me arrepiava só de lembrar, foi a coisa mais linda, quando a gente chega no Ramal já tava tudo preparado, o café da manhã maravilhoso é na... no... no espaço da Igreja Católica que no espaço bem grande, um salão bem grande, então a gente receber um café da manhã que nunca tinha recebido, feito por os companheiros que com um grande número de homens que fizeram isso e tavam lá, com um maravilhoso café da manhã e depois o almoço. E é isso, a gente tem conseguido muita coisa bonita, e sem dinheiro viu! (risos) dinheiro muitopouco, que a gente tinha, mas a gente tem muita ousadia, muita coragem a gente acreditano poder da, do movimento social no poder das pessoas unidos, num só objetivo pra melhoria de vida de todos.

D: (Sussurro: humhum) Eeh... já citou algumas, né? Mas uma... uma atividade, qual atividade assim, tu acha que marcou a tua vida mesmo desde lá do início que foi idealizada pela associação? Qual que tu acha...

M: Pela associação de mulheres?

D: Sim, sim.

M: Aí, Darlane, eu acho que essa de mostrar pra as mulheres que elas são capazes, que elas podem ser muito mais do que simplesmente ser uma mulher, e achar que ela só nasceram ali pra viver só cuidando da casa, cuidar da casa é necessário, e é bom, mas a gente pode muito mais, a gente pode mudar o mundo, a gente pode melhorar o mundo. E pra mim o que mais marcou foi isso, a gente ouvia as mulheres dizer: ‘não eu sou mãe, eu sou esposa, mas também sou dona de mim, eu também posso, (humhum) eu posso tanto quanto ele, eu posso tanto quanto qualquer um, e isso pra nós é muito importante, agente teve uma reunião esses dias, eh... com algumas das mulheres não foram com muitas, foi uma pequena reunião e a gente percebe isso, que apesar de todos os desafios que elasm, mas elas sabem a força que elas tem, e que elas podem contribuir pra melhorar o mundo, pra melhorar o que tá na sua volta, isso pra mim é o que me move.

D: E dos projetos que a associação, ou idealizou ou teve alguma participação, que tu acha que assim empacotou? Na vida, talvez até das mulheres que não são associadas da associação, mas tu lembra de projetos, assim, que foi graças a esse movimento, que esses projetos vieram pra aqui, pra Quixabeira, pra essas mulheres rurais?

M: Lembro tem muita coisa, o Agroamigo por exemplo, hoje a gente, eh... a gente, ainda ontem a gente foi numa reunião de proposta do Agroamigo e o Agroamigo foi uma dessas conquistas porque a gente tem aqui o município de Quixabeira, como município mais pagador desses micro, micro-projetos e as mulheres por incrível que pareça são as que, mais, as que melhor paga dentro desses melhores pagadores, e por conta disso, não só pelo município de Quixabeira, mas já falo no geral, as mulheres conseguiram tirar o valor do projeto maior do que os homens e eles fala assim: ‘mas por que isso’, ‘isso aí... isso aí... é preconceito contra os homens não sei o que’, não, não é! E aí a gente... a gente sentem muito orgulho disso, porque com certeza isso foi pela luta das mulheres, que elas conseguiram, que eu digo que as vezes a gente precisa ser diferente pra igualar, né? (humhum) E nesse caso acho que... que isso é... é... uma... é uma forma de... de prática justiça com as mulheres que elas sempre foram visto como menos capazes que o homem, e agora é preciso que a gente em alguns casos seja, esteja um pouco mais a frente pra mostrar que a gente é tão capaz quanto eles, e... e esse é um dos projetos que a gente, eh... acha que foi uma grande conquista pras mulheres. Ah, uma coisa que a gente fez aqui a nível de município também, que foi muito interessante dentro da Associação de Mulheres, que foi criar um restaurante das mulheres, e nesse restaurante a gente fazia comida basicamente toda vindo da nossa produção, era o carneiro criado por a gente, a galinha, o ovos, tudo da nossa horta, então ali a gente planta, aquilo que a gente acredita que é importante pra alimentar nossa família, e

sempre tem o excedente, né? E aquele excedente a gente trazia ali pra aquele ponto de comércio, ali a gente vende, vendia e vende, ainda tem a barraquinha vende em natura, né? Vende o alface, vende o ovos, vende o licuri, é o maxixe, é a galinha, a tapioca e também a gente, antes da pandemia, por um tempo a gente vendeu o almoço pronto, dessas mesmos produtos que a gente trazia pra vender em natura, a gente oferecia nas quintas-feiras no dia da feira da gente, o almoço pra quem vinha pra feira, parar ali e se alimentar de um alimento total ou quase 100 % orgânico, né? Porque tem algumas coisas que a gente acabava tendo que juntar, tipo o arroz que a gente não produz, essas coisas, mas eram o alimento mais saudável possível, que a gente podia, a gente preparava por ali, e a gente serviu por um bom tempo e a barraca a gente continua até hoje, vendendo o nosso excedente, né? Dentro da Associação de Mulheres a gente traz e faz um rodízio de mulheres, cada semana uma vem fica e vende o produto das outras, porque todas são agricultoras a gente não tem alguém que tá ali só pra vender, a gente tá na roça produzindo e as mesmas produtoras elas fazem o rodízio cada quinta ou quarta, vem uma (barulho de alarme) e vende o produto das outras, e infelizmente o restaurante com a pandemia a gente teve que dá uma parada, né? Até hoje a gente não conseguiu voltar. Tem uma outra coisa que a gente também fez e faz, e se orgulha muito que é o sorvete que a gente desenvolveu, sorvete a base de licuri, e que também tem nos dado muito, muito retorno por que é saudável e é saboroso o sorvete do licuri, um dos grandes desafios que a gente tá agora é pra produzi o sorvete, eh... pra pessoas que tem intolerância, pra pessoas que são diabéticas pra vê (humhum) a gente tá com a nutricionista acompanhando a gente, e esse é um desafio pra a gente, tentar produzi além do sorvete que a gente já produz, esse sorvete diferente pra aqueles que tem alguma restrição alimentar.

D: Humhum. Aí, agora pra finalizar, aí eu queria saber se se ainda tá ligada a Associação de Mulheres, qual a função que assumiu hoje?

M: Se eu tô ligada? (risos)

D: Sim. (risos)

M: Não tem outro caminho, e pra mim, eh... eh... como eu falei no início, eu acredito e eu vivo isso, eu acho que é o caminho pra que a gente possa construir uma vida melhor, um mundo melhor o caminho é esse, a gente tá junto, tá unidos e luta em busca daquilo que a gente acredita, que vai melhorar a vida da gente e vai melhorar o mundo eu num... eu num tenho pra onde ir pra mim é o caminho melhor (risos) além desse.

D: Pronto, é isso obrigada!

M: Ah, eu que agradeço porque me... me permitiu a fazer assim um, um apanhado da minha... da minha vida, que quase nunca eu paro pra fazer essa reflexão, mas cada... cada lembrança que eu tive aqui é motivo de muito orgulho pra mim, eu acho que eu tô com meus 57 anos bem vivido, e... e... e eu tenho orgulho de cada, cada passo que eu dei. Nem sempre foi fácil, mas eu me orgulho muito da... de ser parte de um movimento que luta pra melhorar a vida do... das pessoas.

D: Muito obrigada viu.

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA

EDENILZA DE MELO RIOS ARAUJO (NILZA)

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos; quais e como foram desenvolvidos os trabalhos rurais; de onde veio a aprendizagem dos trabalhos agrícolas; contato com o Movimentos Sociais; quando as mulheres começaram a se organizar; parceiros do movimento; influência dos filhos como alunos da EFA nas atividades; atividades marcantes; ligação da entrevistada com a associação.

Data de Nascimento: 21/09/1971

Duração da entrevista: 17:13 minutos

Data: 12 de outubro de 2023

Local: Casa da Entrevistada, Fazenda Poços, Quixabeira - Bahia.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Dia 12 de outubro de 2023, entrevistada Adenilza³⁹. Eeh... Aí, primeiramente eu queria que tu falasse teu nome, idade, eeh... se sempre morou aqui em Quixabeira, de onde é que vem, se não for daqui (risos).

EDENILZA DE MELO RIOS ARAUJO: Eh... Meu nome é Edenilza de Melo Rios Araujo, (barulho de latidos), tenho 52 anos, sempre morei aqui no município de Quixabeira.

(Pausa prolongada)

D: Eeh... sempre foi aqui na zona rural? Eh... morou na cidade? Qual era teu contato maior, assim?

E: Sim, sempre. Hum, casei vim morar na zona rural, depois morei 7 anos em Quixabeira⁴⁰, e... voltei pra zona rural novamente, já tem mais de 15 anos, né? Que a gente... está aqui de volta, mais esse tempo, a gente nunca ficou, né? Sem ter o contato com... com a terra. Sempre trabalhou no meio rural.

D: Humhum. Eeh... quais foram os trabalhos que tu já desenvolveu, eeh... durante a vida até hoje? Tanto no meio rural, como na cidade;

E: Sempre trabalhei, eh... na zona rural como lavradora. Estudei, também quando morei na... na cidade passei um período, uns dois anos, eh... enquanto estudava também trabalhando

³⁹ Houve um equívoco na pronúncia do nome da entrevistada, o correto é Edenilza.

⁴⁰ A entrevistada está se referindo à cidade, parte urbana.

na... numa creche, mas foi pouco tempo.

D: Eeh... desses trabalhos desenvolvidos, que foram voltados para o meio rural, né? Quais atividades e como elas se manifestavam na renda da família? Tipo o quê é que tu fazia? Tu fa... eeh... trabalhava com plantio, de que? Era com animais? Era a principal renda, não era?

E: Eeh... a nossa principal renda... sempre foi, eeh... trabalhamos com... com o leite, né? Vaca de leite, e hortaliças, gosto muito também de... de fazer o aproveitamento das frutas como poupa. Então assim, sempre foi uma renda, né? Na família.

D: Eeh... e esses trabalhos que tu desenvolveu foi aprendendo como? Foi pela família, eeh... teve ajuda eeh... da comunidade assim... que Poços é uma comunidade pequena, mas tem vizinhos, né? (Ela sussurrou: humhum) Eh... foi troca de conhecimento com os vizinhos, foi apenas coisa da família?

E: Foram... tivemos assim muitos incentivos, também com alguns técnicos da Escola Família, da Associação APPJ, e os movimentos sociais como, na comunidade, no sindicato sempre nos ajudou, né? Assim, no acompanhamento de como a gente trabalha, sempre nos incentivou, a questão mesmo de hortaliças, na produção de poupa, né? Então assim foram... foram vários... vários conhecimentos os ten... técnicos pra gente chegar, né? Até onde a gente chegou.

D: E... com a família? Eeh... tem alguma tradição que vem de... assim, não só da tua família, mas teu marido também, de algum tipo de plantio, de como plantar tal coisa, como... eeh... criar um tipo de animal?

E: Sim, né? Meu esposo sempre, nasceu e se criou no campo, na zona rural e os pais sempre foram, né? Criadores de animais, inclusive o gado. Sempre tiro... tirou o leite, elevem esse, já com esse incentivo da família, né? E a mesma coisa a horta também, meus avós sempre plantava, assim nas margem da... na... da lagoa, e aí eu aprendi e continuei cultivando o mesmo trabalho que ela fazia e eu até hoje faço! (risos)

D: Eeh... e seus contatos com os Movimentos Sociais começaram quando?

E: Começou em 2008, em 2009, né? Fortaleceu mais que aí a gente veio, teve jun... se juntamos e fundamos a... o Movimento de Mulheres na época, era o movimento, foi em 2009 a fundação do movimento, e aí a partir daí, eh... nunca mais eu me afastei, né? Estou sempre na luta, graças a Deus! Hoje, na Tenda Solidária fazendo parte, hoje a associação de mulheres, e tamos aí com

hortaliças, continuamos com as, com hortaliças e com outras coisas.

D: Eeh... antes da criação do... do movimento de mulheres daqui de Quixabeira, tu não teve contato com outro movimento, outro tipo de movimento social? Eh tipo essas pastorais da igreja mesmo, trabalho com juventude...

E: Sim.

D: É?!

E: Tive. Fiz parte da... da Pastoral da Criança, lá também tive muito conhecimento né? Essa questão de alimentação. Também no sindicato, na própria comunidade (pausa prolongada) e... e a luta né? Continua (pausa prolongada) aí, no meio rural, graças a Deus! Com esses conhecimento cada dia a gente vai adquirindo mais conhecimentos, né? Sempre a assim, temos acompanhamento de técnicos pra nos... pra tá nos auxiliando e aí nossa luta continua.

D: Eeh... aí vindo mais pra associação de mulheres, o que tu lembra assim do inicio dessas atividades, como foi essa formação da associação de mulheres? Porque não começou em, em 2009, né? (hum) Que foi a criação da associação realmente, mas anteriormente qual era a movimentação que já tinha? Quais era as atividades que foram levano essa criação? **E:** Eh... a gente sempre participou do sindicato, e lá no sindicato a gente sempre... se reunia pá participar da... das assembleias, né? E foi e surgiu um grupo, a gente formou um grupo de mulheres e desse grupo a agente começou a... a fazer merenda, pra a escola, né? E aí foi onde veio essa união e essa força pra gente conseguir fundar a associação.

D: Eh. Então do teu ponto de vista o que animou essas mulheres. Foi esse tamb... essa articulação desse grupo? Ou teve mais alguma coisa? Teve influência de... de algum outro movimento de fora, de alguma outra associação? Quem foram esses apoiadores também da associação?

E: Além do sindicato, né? Teve também APPJ ela sempre nos incentivou também, com os acompanhamento técnico. A Escola Família também, né? Assim fo... foi uma grande parceira e é até hoje, né? Uma grande parceira nossa, então assim (pausa prolongada) são vários, vários movimentos que nos apoiou e nos apoia até hoje, né? (humhum) Várias entidades.

D: Eeh... tu citou eh... a escola, né? A Escola Família Agrícola, eeh... tu teve filhos que vinheram dessa, que passaram por essa escola, como tu acha que isso impactou também na tua vida como mãe de aluno de EFA? Tu sentiu assim, que teve diferença no teu modo de viver na

roça ou só foi quando realmente alguém de fora veio, que tu sentiu esse efeito? **E:** Sim, já tivemos eeh... dois filhos, né? Ex-alunos da EFA. Graças a Deus! Que eles também trouxeram pra gente assim, muitas experiências, e apart... a partir daí, a gente foitendo mais conhecimento, como sobreviver no campo, né? Com a agricultura familiar. Foram assim muitos aprendizados que eles trouxeram, muitas experiências pra gente. Prafamília.

D: Aí, tu acha que esse contato que tu teve com a EFA também foi uma coisa, um diferencial, né?

E: Um diferencial! Pra nossa vida.

D: Para o trabalho.

E: Pra o trabalho do campo.

D: Eeh... quais atividades, uma atividade ou pode citar mais de uma também que marcou tua vida que foi realizada pela associação?

E: Eeh... Teve muitas atividades, inclusive eeh... o Festival do Licuri, né? Que a gente já forneceu alimentação, o sorvete também, né? Que a gente tem a máquina e faz o sorvete, o grupo de mulheres dentro da associação. Então assim, isso marcou de mais a nossa vida e esse, esse aproveitamento também da... das frutas, né? Da... das polpa também foi com incentivo da do grupo da associação de mulheres, então assim, são coisas que tá dentro também da nossa renda, né? Que tá nos ajudando a nossa sobrevivência.

D: Humhum. Eh... e dessas que atividades ou projetos que foram ligados a associação, não só que a associação, né? Que criou, que idealizou, mas que tivesse de alguma forma ligado a associação, que trouxe impacto, assim, na vida de outras mulheres também ao teu ponto de vista? Dessas outras mulheres do município, tanto como social, como formas de trabalho, eh...

E: Assim Darlane, teve (pausa) esse... esse... (pausa prolongada) violência, a violência contra a mulher mesmo, foi um dos projetos que a gente trabalhou, logo quando a gente formou a o movimento de mulheres, a gente participou dos primeiros encontros, né? E assim, tivemos uma formação pra falar sobre violência contra a mulher. Então assim, foi uma coisa muito forte, né? na nossa vida, na vida das mulheres que a gente conseguiu também, eh... dentro da associação, (hum) então foi um grande avanço pra gente, né? Que as vezes a gente, talvez algumas mulheres fossem violentadas e não sabia que era violentadas, né? E a partir daquele momento que a gente participou dessa formação de violência contra a mulher, a... eh... a gente se acordou pra vida,

né? Então assim, foi umas coisas também boa que a associação conseguiu (humhum) foi essa formação de violência contra a mulher.

D: Eeh... tu consegue lembrar de algum evento... de intercâmbios, assim que, que tu acha que fez diferença nessa movimentação das mulheres? Pode ser um pouco mais antigo dos anos 90 (risos) pode ser mais recente também.

E: Filha, já tivemos, só que não me lembro assim a data, mas já tivemos intercâmbios, teve um mesmo no município de Várzea da Roça que a gente passamos três dias, né? Emuma, uma associação também, que eu não me lembro agora, não me recordo o nome da associação, mas foram três dias também de conhecimento que foi lá onde a gente, a questão da polpa e de vários outros alimentos, né? Então assim, foi tudo através da associação, né? Então assim, cada intercâmbio, cada encontro desse é uma, um aprendizado e uma força a mais que a gente ganha e consegue, né? Pra tá na luta até hoje (sussurro: sim) essa resistência!

(risos)

D: Eeh... tu ainda tá ligada a associação? De que forma? Ainda tá tendo eh... atividades na associação?

E: Sim. Estou ligada até hoje, graças a Deus! Sou sócia, sou também coordenadora, faço parte da coordenação e a gente tem a Tenda Solidária, né? Que faz um trabalho também da associação, que lá a gente pega os produtos, né? Das produtoras como questão de hortaliças e outros alimentos e, e vende na Tenda Solidária. Então assim, é um trabalho que a gente faz voluntário, cada quinta-feira uma fica, né? Revezando, e tamos lá nessa luta né? E espero que continue e que venha outras pessoas também a se mobilizar e entrar na luta com a gente, né? Pra não parar e a questão também do sorvete também que é feito, agora mesmo a gente tamo pensando de fazer pra o Festival do Licuri, né? E tamos aí, juntas na... na luta. (riso)

D: Eh... tu tem mais alguma coisa a colocar? Assim, que tu lembra da associação lá do início da, das movimentações que tu acha que acabou deixando passar.

E: Eeh... que eu me lembre também já tivemos assim, o dia 8 de março, né? Que é um... no dia Internacional da Mulher a gente já passamos por muitos momentos bons, mas infelizmente... por falta de recurso financeiro, também nós tínhamos um... um governo⁴¹ passado que assim, não...

⁴¹ A entrevistada se referia ao Governo Federal, gestão do Presidente Jair Bolsonaro.

não... como eu quero dizer, não nos apoiava, né? E aí a gente ficou, porque sempre a gente fazia algo pra, pra a sociedade pra marcar aquele momento, aquele dia, né? Pras mulheres, mas a gente não pode perder a esperança estamos aí, etemos que lutar pra que volte a acontecer novamente, né? Esse dia de luta pra cada uma de nós!

D: Pronto, então obrigada viu! Por esse tempinho aqui pra me receber (risos) (elasussurra: oh fia), por a gente poder conversar um pouco.

E: Tamos aí, tamos juntas qualquer coisa, e lhe desejo sorte no seu trabalho! (risos)

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

HILDA RIOS DOS SANTOS

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalho na roça; como as atividades se manifestavam na renda familiar; origem da aprendizagem dos trabalhos do campo; contato com o Movimentos Sociais através da Igreja; surgimento da associação; parceiros do movimento; o que animou as mulheres; atividades que marcaram; valorização da mulher.

Data de Nascimento: 12/01/1979

Duração da entrevista: 27:38 minutos

Data 17 de outubro de 2023

Local: Casa da Entrevistada, Fazenda Pintado, Quixabeira - Bahia.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Hoje dia 17 de outubro de 2023, a entrevistada é Hilda. Eeh... Primeiramente, né? Queria que tu se apresentasse com teu nome, tua idade, eh... se é daqui do município mesmo, se é do meio rural ou da cidade?

HILDA RIOS DOS SANTOS: Pois é, né? Hilda Rios dos Santos, tenho 44 anos, sou moradora aqui da Fazenda Pintado, né? Agricultora, filha de produtora rural, né? Sempre morei próximo aqui... aqui em Quixabeira, né? Na fazenda e logo quando eu me casei, a 27 anos atrás, né? Eu continuei aqui na... na zona rural, é continuo aqui na roça nessa mesma localidade na Fazenda Pintado.

D: Eh... quais foram os trabalhos, que tu desenvolveu durante a tua vida até hoje? Seja ele no meio rural, no meio urbano. (risos)

H: Assim, né? Eu desde de criança, (barulho) como se diz, a gente me... conheci trabalhando na roça ajudando minha mãe, minha família, sempre a gente... trabalhou na roça, né? Quebrando licuri, catando andú, na questão da, da mandioca também que é o porte aqui da gente, e aí sempre a gente tava ali no mei, né? No período como criança, depois adolescência, jovem, né? Na casa de farinha sempre imprensando massa, que antigamente era nós as mulheres que fazia isso e sempre eu tava por ali, é imprensando massa, raspando mandioca, a gente quebrava bastante licuri, minha mãe era tipo, como se fosse “quebra”, né? Fazia a quebra durante o dia, e a noite ajuntava os filhos ali tudinho e a gente quebrava e tirava esse licuri, então assim, sempre eu vivi, né? Da agricultura sempre da questão dá roça, né? Nunca sai pra fora pra trabalhar, sempre aqui.

D: Eeh... Tu já falou, né? Que esses trabalhos foram com a família, eeh... e como é que ela se

manifestava na renda familiar? Por exemplo: Eh... essa renda na roça, sempre foi a... a... o pilar da família ou tinha alguns outros meios, que sustentava.

H: Assim, naquela, naquela época, né? Porque sempre minha mãe além disso ela fazia peneira, ela fazia chapéu, fazia não faz, né? (risos) Chapéu, peneira, né? Esteira, então assim, além disso ela fazia isso. Meu pai também, ele tinha carroça e ele pegava areia, pegava água pra o pessoal, né? Colocando assim, então assim, além da roça, do licuri que a gente quebrava, do, do milho, feijão, a mandioca que a gente colhia, né? Ficava pelo consumo e o restante sempre vendia, porque tinha o bom tempo e uma boa parte era pra consumir, né? Consumia e a outra parte, né? Pra vender pra ajudar na, na feira, porque a gente sempre criava, né? Na questão da criação porco, galinha tinha ovos a vontade, então assim, essa questão de mistura, como diz os mais velho, a gente sempre tinha, mas a outra parte a gente precisava, né? Vender aquilo e o restante pra... compra as outras coisas que, as outras complementações, né? Que faltava. Porque assim, pra ganhar dia era difícil meu pai ir, só nesse sentido, né? Que tinha a carroça, né? Os meninos sempre tava todo mundo (sussurro: humhum) junto ali, fazia multirão ou se ele pegasse um... um... uma terra de alguém pá capiná tipo a gente tava todo mundo junto, né? Como se fosse pegava impreita, então isso era o jeito da gente sobreviver.

D: (Sussurro: humhum) E hoje, como é que tá? (risos)

H: Hoje assim, né? Não é diferente, né? A gente também, eh... eh... da agricultura, né? Temos a horta, temos na questão também da galinha, é menos que nem antigamente, né? Mas assim, o pouco que a gente planta quando a gente colhe deixa pra o consumo e o restante a gente, né? Vende, temos também a gente trabalha na roça, e aí é isso que a gente vai sobrevivendo, né? Tem os bichinhos, a gente vende também e aí dá pra complementar a renda da família.

D: Eeh... esses ofícios assim, que tu aprendeu na roça, como trabalhar na roça, eh... foram oriundos só da família? Quais, eh... as técnicas que tu aprendeu, assim, quando era criança que tu até hoje desenvolve, ou teve também, eh... técnicos de fora. Como foi esse processo, assim, de aprendizagem (pausa) trabalhar na roça.

H: Não assim, né? Antigamente era como nossos pais ensinavam, né? Nossos pais, nossos avós, eh... uma cultura, né? Chegava o tempo da trovoada, do inverno, né? Fazia a roça lá, lá fazia roça, queimava ou como se fosse arava, era essa cultura, né? Mas hoje já é tem um diferencial, né? Na questão com a tecnologia, a gente sabe que tem muitos técnicos e aí acaba ajudando a gente, né? Principalmente que antigamente era tanque, né? Tinha os tanque ia lá pegava água,

hoje não, é tipo a cisterna, então no período eu lembro que minha mãe tinha bastante horta, né? Então molhava lá de todo jeito, água a vontade lá, hoje não, a gente temos na questão da cisterna. Então, o que também nos incentiva é os técnicos que faz lá o canteiro, que tem que ser com menos água e você colhe também a mesma coisa, então assim, a tecnologia avançou um pouco, né? Então a gente também tem essa orientação dos técnicos, né? (Sussurro: humhum) Que faz parte, e sempre agente nunca fica sem esse acompanhamento técnico.

D: Eeh... e dessas técnicas assim, que tu via quando criança qual tu ainda leva assim, comesses trabalhos? Tem alguma coisa que ainda é marcante, que tu ainda continua fazendo?**H:** Assim, eu... eu... eu sempre vejo... na questão da horta, né? Tem muita coisa que minha mãe fazia, e até hoje eu ainda faço. Tem a parte na questão da tecnologia, né? Que é os canteiros mais sofisticado como se diz a gente, entre aspas, mas assim, tem na questão de fazer ainda aquele canteiro no chão, que nem ela colocava a palha do licuri... pra sempre ele fica úmido, então assim, (sussurro: humhum) a gente... eu ainda trago isso, né? Como... tipo assim, uma recordação e um ponto positivo.

[ENTREVISTA TEVE DE SER PAUSADA NO MINUTO 6:50.90]

D: Então, eeh... eu percebi quando tu falou dos trabalhos que tu desenvolveu, tu ficou bem na roça mesmo, mas a gente sabe (risos) que, eh... hoje em dia tu assume o papel de presidente da associa... do Sindicato dos Trabalhadores, né? E Trabalhadoras Rurais e assim, quais outros, atividades tu conseguiu desenvolver assim, nesse meio um pouco mais social. De onde é que surgiu eh... Hilda nos movimentos sociais?

H: Assim, eeh... esse surgimento talvez era um, um até um desejo, porque assim, quando eu era criança, na adolescência eh... a catequese, né? Eu sempre tinha vontade de ser catequista, e eu brincava de catequista, de ser catequista quando eu chegava da catequese, eu chegava com os meus primos, né? Que a gente brincava e lá eu tentava desenhá ou alguma coisa, e eu ser a catequista. E aí isso era um sonho! E aí a gente foi, foi crescendo, né? Na questão da comunidade, meus pais sempre ia, era pessoas de missa, só ia cada um mês, a cada dois meses antigamente e aí foi desenvolveno, mas isso, eu já tinha um despertar em mim. Depois que... eu casei que eu vim pra cá, quando eu já tinha já os meus dois filhos, eu sentia a necessidade de eu tá no social de eu tá... mais próxima da comunidade, e aí não tinha aqui em Pintado, não tinha, eu participava em Ramal que é daqui a 8 quilômetros (risos) mais ou menos. E aí com os meus filhos pequenos eu sempre ia, e tem uma pessoa que é a minha inspiração, além da catequese, da minha catequista

aqui, né? Uma pessoa que é o finado Antônio que, né? Não posso deixar de esquecer eleque foi quem me incentivou, e eu sempre pedi ajuda a ele, fui, a gente formou a comunidade aqui. E ele viu em mim, e isso ele falava, né? Pra o pessoal do sindicato queele via que eu era uma pessoa capaz, né? Além do que eu fazia na comunidade, de tá no meio social, sindicato. Fizeram uma reunião, e ele me convidou inclusive eu tava até na casa de farinha raspando mandioca, né? Aí ele chegou lá com o pessoal, e aí disse: eu vimaqui lhe fazer um convite! E aí nesse convite eu disse: o que será meu Deus? (riso) Aí elefoi falou pra mim fazer parte, né? Do sindicato. Eu disse: a não seu Antônio, porque eu sou muito tímida, né? Então assim, pra mim eu acho que não vai dá certo. Eu achava bonito, mas ao mesmo tempo Darlane, eu achava que eu não ia conseguir, (sussurro: humhum) né? Naquele sentido, eu não ia conseguir. Ele disse: ‘mas vai!’, então eu disse: ‘então me coloque na suplência’. E aí foi onde ele me colocou, o pessoal lá colocou na suplência, aí eu comecei a participando e nisso pela distância daqui lá em Quixabeira, é muito distante, “não, você vem uma vez na semana.”⁴² E eu ia, né? Uma vez na semana com os meninos, então assim, é muito gratificante com dois filhos, uma bicicleta, botavaum na garupa, o outro eu rodava com uma mão só, aqui no braço, né? Pra não, o cuidado, né? Porque o outro da garupa não aguentava segurar porque ainda era pequeno, e nisso eu comecei participando lá do sindicato uma vez na semana, aí eu limpava e ficava por ali observando, porque eu sempre observava. De uma vez, começaram a me colocar duasvezes, depois, né? As três vezes, aí nisso eu tava na suplência do conselho fiscal, depois eu fui pra o conselho, né? Como ativo, afetivo⁴³ [sic], depois disso eles viu que eu era capaz, mas eu dizia: não... pode me deixar aqui. “Não, você vai, né? Continuar.” Aí eu fui pá tissoraria, e da tissoraria, né? Eu passei a hoje o segundo mandato como, né? A questão da presidência, mas antes disso a gente também com a Associação de Mulher, né? Que asmeninas ali, a gente via a necessidade entre nós, que a gente tinha como nós formar a Associação de Mulher, ou seja, pra que, né? Pra gente tá organizando as mulher na questão de documento, porque sempre o homem era quem tinha documento, quem tinha Bolsa Família, quem tinha isso, né? Era direito, (barulho externo) isso, mas na hora de levar o filho na escola, na hora de levar no médico sempre era a gente mulher, e aí nós formou uma associação, né? A Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira, aonde também eu fiz parte, né? Da coordenação, e aí eu passei um bom período na tissoraria também da associação, depois eu fui pá presidência e hoje eu voltei de novo pra a tissoraria, por conta também do sindicato, né? Da presidência do sindicato, então assim, isso pra, pra mim eh... um, um... muito gratificante, você começar, né? Da base ali

⁴² Alguém da diretoria falou para ela.

⁴³ Afetivo é a corruptela de efetivo.

da igreja, bem simplesinha brincando de ser catequista, né? E hoje está aonde eu estou, que tem hora que eu olho assim, não por mim, mas pela mulheres, pela sociedade, pelo homem e a mulher do campo, isso eu me vejo assim, né? Muito gratificante, porque eu sei que o que eu tô fazendo um trabalho voltado, né? Pras mulheres, que principalmente as mulheres que precisam da gente está ali, né? (risos) Engajando cada dia mais.

[ENTREVISTA TEVE DE SER PAUSADA NO MINUTO 12:26.63]

D: Eh, tu já citou aí um pouco sobre como foi, né? Essa... um pouco do... da tua visão desse início, mas o que tu lembra mais desse início das atividades pra a... a... a... não é nem construção, mas o surgimento mesmo da associação de Mulheres?

H: Assim, né? Ela surgiu, como até eu falei antes, na questão que teve a gente via a necessidade das mulheres, principalmente porque assim, as mulheres as vezes participavam e não tinha nem a voz, nem voz nem vez, né? Por mais que a gente tava num tempo já avançado mais assim, não tinha ainda essa, e aí onde surgiu, né? A associação, “vamos criar!” e aí a gente criou e nós temos no... no todo canto e recanto do município, né? A gente temos mulheres, e aí nesse momento o que a gente pensou?! “Vamos formar grupos”, e aí a gente pensou em vários grupos, né? Grupos de mulheres onde lá tem questão de sequilhos, dos beiju, eh... o próprio sorvete, a polpa de fruta e aí nesse período, a gente viu que nós não era que a gente não tinha capacidade, também o tempo, a gente precisava da tecnologia e a gente foi buscar, né? Na questão do MOC, a gente foi buscar no MMTR Regional que eh... fica a sede fica em Serrinha onde a gente foi pra vários encontros, né? A gente buscou também parceria com outras associações, onde a gente temos, né?... aqui próximo da gente que é Várzea da Roça e... Mulheres Organizadas em Ação, onde teve vários projeto e a gente tava ali nessa construção de buscar a melhoria pra nossas mulheres na questão da produção, além delas produzir, a gente capacitava e a gente trouxe vários cursos, né? Cursos de culinária, cursos na questão... até pra beleza a gente conseguiu em parceria também, no período, né? Com a primeira dama da cidade, a gente conseguiu alguns cursos de pintura, de artesanato, então a associação junto com o poder público a gente também, né? Conseguiu esses cursos, pátrazer o autoestima da mulher. E além do autoestima, rendas, né? Pra ela, porque além delas produzir tinha autoestima e também elas vendia, e hoje a gente sabe, né? Que tem meninas que vendi vários artesanato pra fora, também na... na pintura, né? A gente temos pessoas e na questão da... da culinária, alimentos, né? Os sequilhos essa coisa, a gente temos as meninas que já produz e tem o selo. E outra coisa também, parceria com o CESOL, né? Da Bacia do Jacuípe, que é através do território, a gente conseguimos também

vários cursos e com a COOPES, né? O Consulado da Mulher a gente conseguimos, eeh... material como aparelho, na questão máquinas, né? Freezer, fogão essa coisa toda pra gente tá equipando mais as meninas (sussurro: humhum). Aí, diante disso tudo surgiu a Tenda Solidária, né? Darlane, que a gente tem várias meninas com... cisterna de produção e junto com alguns técnicos com parceria com APPJ nós fizemos, né? Essa parceria. “Vamos trazer, você planta lá um pouquinho e desse pouquinho que sobra você não vai jogar fora”, então a gente, né? Passa lá pá tenda e isso graças, deu super certo, né? Está dando, então a gente precisa tá conscientizando, talvez a palavra não é nem, nem tanto conscientizar, né? A gente tá se mobilizando, a gente tá vendo que à necessidade pra nossas mulheres pra gente trazer.

D: Eh... a outra pergunta eu acho que... talvez tenha sido respondida, talvez não. (risos) Que é, do teu ponto de vista o que animou as mulheres da cidade, mesmo, a criar a associação?

H: Eeh... eu vejo assim, como um... um... uma expectativa de organização, e aí a gente percebe que nós já estamos com a décima quinta ou é sexta, né? Dia Internacional da Mulher onde a gente sempre coloca, né? Que... o Dia Internacional da Mulher não é aquele dia pra gente ficar tipo lamentando e sim de luta, não a gente só comemorar, mas o que a gente traz vários temas, e aí a gente traz, né? Todas as mulheres do campo e da cidade, e nessas comemorações a gente traz bem presente as meninas da cidade, porque assim, elas vem e além disso elas mostra, né? Que é capaz, então assim com a autoestima elevado, então assim, a gente... pra mim mesmo é muito gratificante a gente trazer além do campo nós não ser separado, né? A Associação de Mulheres ser só pra mulheres do campo e sim, né? Envolve todas elas, e nesses cursos inclusive pega de jovens asenhorinhas pra fazer esses cursos. Então assim, eu vejo que é, foi elevação e uma autoestima, né? Pra elas.

D: (Sussurro: humhum). É que, também pela estrutura de Quixabeira, Quixabeira é uma cidade considerada rural ainda, né? Então querendo ou não até o pessoal da cidade ainda tem um pezinho no campo (risos). (Ela sussurra: é com certeza) Eh... qual ou quais atividades, eh... tu acha que te marcou, mas que foi desenvolvida ou teve apoio da associação? Assim que marcou na tua vida.

H: Oh, pra mim foi a troca de experiência, (barulho) então assim, a troca de experiência quando... a gente aqui olhava, né? “Ah, nós não vamos conseguir”. E aí a gente ia em outra comunidade, que a gente conversava com as mulheres, que a gente via que talvez elas tinha mais dificuldade, então isso pra mim, né? É bem marcante, então assim, essa troca de

experiência a gente sentar, conversar, né? Dialogar e também o que é marcante é esse encontro que a gente tem com as mulheres, só mulheres, né? A gente marca assim um encontro e lá senta com elas, a gente ouvir elas, né? Então assim, pra nós é muito gratificante, a gente dizer assim: hoje a gente vai fazer uma reunião com as mulheres, vamos ouvir. E lá Darlane, a gente ouvi, né? Tanto testemunha, a gente vê as mulheres, ela falar um pouco delas, né? O sentimento! Talvez assim até a vivência, uma dificuldade que elas tá lá, né? Que elas não conseguem, aí quando a gente se ajunta a gente ouvi elas, né? Pra tá conversando, pá tá dialogando, ou seja, eh... um... um... uma conversa, né? Esse... esse diálogo. E como eu falei anteriormente na questão dá troca de experiência, eeh... a gente, eu mesma eu fui em vários município e lá, tipo na minha produção na hortamesmo, eu via que hoje eu saindo como eu saiu de manhã, né? Pra ir no sindicato muita das vezes a gente tem mais tempo pra tá no social, talvez até em casa por conta, porque isso chama a gente num é isso?! Isso traz, isso a gente é gratificante, a gente trabalhar no social. E... várias experiência que eu apliquei aqui e deu certo, né? Então assim, eh... tanta experiência que a gente se for contar, né? (risos) A gente passaria o tempo todo falando, mas assim em... em conversar com as mulheres e ouvir, em a gente... essa troca de experiência mesmo com a associação de Várzea da Roça, onde a gente fez, né? Mulheres Organizadas em Ação, então a gente ouvia elas, elas ouvia, né? A gente ia pro município de lá elas vinham pra cá, e também o que eu achei assim, que foi bem marcante foi quando a gente convida uma jovem que nem você, que nem Livia, que nem Jeane, né? E assim: Oh, meninas vocês vão e isso é bom. E tipo assim, hoje a gente tá vendo fruto, né? Que assim, que é umas meninas que... desenvolve o trabalho, (barulho) né? Que tá junto coma gente, então assim, muito gratificante!

D: Eh... e dessas atividades ou projetos que tão ligados a associação, que tu acha que trox... trouxe um impacto, assim, na vida das mulheres que tavam na associação ou que também tinham al... podia até não ser associada mesmo, mas que tava ali ligadas a associação. Tipo algum projeto, alguma atividade, eh... intercâmbios, alguma reunião mesmo como encontros de Dia 08, que tu acha assim, que tenha marcado mais mulheres.

H: Assim, eeh... a gente olhando tem muito, a gente percebeu muito autoestima, né? Principalmente quando a gente fizemo essa troca de experiência, então assim, a gente percebeu que as mulheres, né? Elas diziam assim: ‘Poxa! A gente é capaz, então, o que eu tenho aqui, eu pensei que era só aqui, né? Que... que tinha isso, mas oh tá vendo fulana sofre mais que a gente’. Esse modo dá gente dizer, né? Na questão assim, do sofrimento, tem filhos, tem marido, tem... tem cuidar, esse cuidar da casa e assim, quando ia, né? Que chega lá conversava, então a gente percebeu que o autoestima elevou, então eu percebi, que muitas vezes quando a gente falava

que ia tê o encontro: ‘ah eu num vou por conta que eu tenho que cuidar do... do filho, tenho que cuidar do marido, tenho que deixar issopronto, tenho que deixar isso, tenho que deixar aquilo’. E assim, nas nossas conversas, né? A gente percebeu que muitas levantou a autoestima. Até porque na questão da produção elas ia tê o dinheirinho, né? Tê o dinheirinho a mais, na questão do... do... do...do artesanato além de ser um... uma trapia, né? Também uma renda, também um aprendizado, também é cuidada da natureza, porque assim, além de... de o da palha mesmo, né? A gente fez várias oficinas e... a gente tava observando “meninas como é que vocês tiram a palha? Qual é o cuidado”, então assim, além dos cuidados com elas também com a natureza, (sussurro: humhum) então é assim, a gente percebeu esse cuidado, né? Tanto, prestar atenção: ‘sim tu faz esse artesanato, mas onde é que tu consegue a matéria, né? Como é que você tira?’. Então sempre a gente tava ali observando, e pra elas também eu acredito que elas aprendeu muito, né? Aprendeu, aprende junto com a gente, que... nesse último mesmo 8 de março, né? A gente achou que não ia tê muitas mulheres, porquetambém foi pós pandemia e a gente viu, né? “Pronto nós pode levar o nosso produto?”, ea gente sempre tá com nossas barraquinhas e elas amostrando, né? Então assim, a gente sabe que nós é capaz, que elas são capaz.

D: Eh... as perguntas terminaram(risos). Tu tem alguma coisa assim, pra falar... sobr... que tu acha que seria interessante. Falar sobre a associação, sobre esse movimento.

H: Assim, né? O que eu quero... eh... pedir pra as mulheres, né? Principalmente as mulheres do campo e da cidade, e que a gente se organize e que a gente não solte uma mão da... da outra, né? Que a gente se organize, porque... nós hoje não queremos estar frente do homem, a gente que está lado a lado, a gente está querendo o nosso direito. Direito esse que a gente é capaz, como eu sempre falei, né? Aquela mulher tímida que veio lá da roça, hoje assim, tem hora que, eu nunca imaginei hoje eu estar na presidência, né? Do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira, que é um exemplo pra o território, né? Que é um exemplo pra Bacia do Jacuípe, pá o Polo Sindical. Então assim, eu quero dizer pra nossas meninas, né? Nossas mães, nossas mulheres, né? Que a gente primeiro a gente se cuide, né? Nós precisa se cuidar, agente precisa olhar pra nós mesma e dizer que a gente é capaz, né? A gente pode tá na câmara, no sindicato, professora, né? Mãe, amiga, médica, então assim, muita coisa a gente tem e principalmente quando a gente fala na produção, por que na produção?! Porque a gente tem aquele carinho, né? A gente tem aquele olhar de... alimentar e se alimentar, alimentarnos nossos filhos com comida, né? De boa qualidade, então assim, por isso que tem váriastécnicas, né? mulher, por isso que tem várias mãe de família, né? Hoje indo pra faculdade, então assim, que a gente... sempre sonhe, né? No objetivo que a gente quer, porque a gente alcança. Porque quando

eu olhava, né? Muitas das vezes aquele sofrimento lá atrás, hoje pra mim é um aprendizado, eh... imagina uma mãe com dois filhos, né? Levar seu filho um na garupa e o outro no braço rodando bicicleta com uma mão só (risos), e você hoje estar, né? Aonde eu estou, então assim, eu vejo várias mulheres assim no meu lugar, né? Então é como se diz, né? Várias Hildas, várias Marias, várias Darlanes, né? Várias professoras, então a gente precisa, né? Ocupar o nosso lugar, né? A gente precisa tá como nosso autoestima lá em cima, né? Pra gente tá mostrando que nós somos capazes!

D: Muito obrigada viu! Por, por esse tempo (risos).

H: Né? Eu que agradeço, né? Em... em... aí como se diz, né? Em nome de todas as mulheres, né? Da Associação de Mulheres de Quixabeira, do sindicato, então assim, eu é que agradeço, fico grata, né? Não peço desculpas porque (risos) isso não é motivo, né? De desculpa, a gente só tem o que agradecer. Grata mesmo por eu ter sido escolhida e lhedesejo um bom trabalho, né? E uma boa... uma boa profissão, né? Que você vai continuarsim cuidando uma das outras, porque esse é o nosso papel!

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

ELIENE ALVES ANDRADE VIEIRA (LENE)

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos; como foram realizados os trabalhos rurais e como se manifestavam na renda familiar; como aprendeu as técnicas; grupo de produção; contato com o Movimentos Sociais; momentos marcantes; o que animou as mulheres; ligação com cooperativa; ligações com as associações.

Data de Nascimento: 09/10/1973

Duração da entrevista: 17:34 minutos

Data 21 de outubro de 2023

Local: Casa da Entrevistada, Povoado de Baixa Grande, Quixabeira - Bahia.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Hoje dia 21 do 10 de 2023, essa é a nossa sexta entrevista. Eh... a gente tá aqui, né? Eu queria que tu falasse teu nome, tua idade, eh... setu sempre morou aqui em Quixabeira, se era na zona rural ou na cidade mesmo, como foi tua vida.

ELIENE ALVES ANDRADE VIEIRA: Oh, eu sou Eliene, eeh... sou agente comunitária de saúde. Eh... nasci na Fazenda Jurema, mas dê... desse município, na época pertencia a Jacobina, eh... depois pertencia a Capim Grosso, e hoje pertence a Quixabeira e... sempre foi nesse território aqui, né? Sempre morei aqui nesse território.

D: Eh... quais foram os trabalhos que tu desenvolveu, assim, pela tua vi... [inaudível]

E: Durante minha trajetória de vida.

D: É.

E: Eeh... eu nas... nasci filha de agricultor, desenvolvi os trabalhos, eh... da roça depois, eh... passei a frequentar a Pastoral da Criança e através da Pastoral da Criança eu consegui, eh... através do padre Xa... Xavier a inscrição pra... fazer a seleção de agente comunitário de saúde e na qual eu conseguir, eh... atuar e tô atuando até hoje nessa área, e... através disso, eh... eu fiquei conhecida e passei a... a participar dos movimentos sociais, associação (barulho), eh... cooperativa, eh... a... apoiando também o sindicato dos trabalhadores rurais, apesar de eu ter, eh... a minha profissão, mas a gente sempre esteve, eh... junto, unido ali.

D: Eh... e desses trabalhos desenvolvidos no meio rural, né? Quais atividades tu fazia com tua família, eh... e como isso se manifestava na tua renda até o momento que tu se tornou agente de

saúde do povoado?

E: Ô, antes a gente tra... eh... desenvolvia o trabalho de... de... da mandioca, eh... naquele... naquela época tudo que se plantava, eh... a gente colhia, então, era mamona a gente ainda foi muito de... de... de catar mamona pra poder vender e comprar um docinho... no final de semana, eh... a... da mandioca a gente secava tapioca quando... quando fazia aquelas ranca, e ali vendia seca, porque naquela época não tinha, assim, a forma da gente comercializar o beiju... eh... alguns derivados da mandioca, então, era só da tapiquinha seca, que dali a gente tirava, eh... a renda pra poder comprar um... uma sandália, comprar um... um docinho.

D: Eh... então, foi muito importante, né? Pra renda familiar! Eeh... e dessas... desse ofício que tu aprendeu, foi com a tua família que ensinou, veio isso de gerações, foi técnicos de fora, é a junção de tudo isso? Eh... e quais são essas técnicas, assim, que tu traz até hoje que tu aprendeu com a família, na comunidade, com os vizinhos tal?

E: Ô na família a gente, eh... sempre aprende, né? Porque o pesso... sempre a família é o... é o... é a escola, né? A gente, eh... começa dali, da base, mas a gente tem aprendido muito com os ensi... ensinamento técnico, pessoas que vem dá suporte pra gente na agricultura, eh... através de projetos, né? Como tem as técnicas da... da APPJ do... que sempre acompanha nós aqui, eh... na... na... no grupo de produção, na associação e aí a gente vai aprendendo cada dia mais.

D: E quais, assim, quais técnicas que tu traz até hoje? Por exemplo: antigamente tinha um negócio, né? Da quadra da lua, tinha o período certo de arrancar, tinha o tempo certo de colher. Tu ainda consegue levar isso? Nos momentos que tu vai na roça faz um plantio, se tem animais, como é essa... esse diálogo mesmo de tu como agricultora (riso) com a roça mesmo, com a natureza.

E: Ô hoje como eu... eu li falei que sou agente comunitária de saúde, tenho orgulho de ser, mas, eh... meu maior or... orgulho mesmo é ser agricultora! Isso... isso não, nunca vaimorrer no caso na minha vida. Eeh... sempre todos os dias tenho uma hora pra mim prestana minha roça, né? De trabalho lá na minha roça, né? Lá eu tô cultivando, eh... minhas hortaliças, (humhum) cultivando minhas pranta frutifica, eh... quando posso também pranto lá um pé de aimpinho, tô colhendo dali da roça. Mais, assim, além do conhecimento que já veio da geração dos nossos pais, eh... com os técnicos a gente aprendeu como cuidar melhor (humhum), porque eles não tinham o conhecimento que ostécnicos tem, e que hoje passou pra gente. Então, hoje a gente sabe como cuidar melhor d... da... da produção, pra que a gente também possa colhê mais, eh...

do que colhia antes(humhum). Né? através disso.

D: Eh... tu falou um pouco também, eh... do grupo de produção, né? Como foi, assim, que isso surgiu pra vocês aqui da comunidade? Que, eh... não aca... acabou não falando, né? Mas a gente, tu mora num povoado, com essa a relação? Como é que tu consegue desenvolver esses trabalhos na comunidade?

E: Ô isso surgiu ne 2005, eh... quando o Conviver⁴⁴ tava ali tentando articular as comunidades pra, eh... fortalecer, eh... mesmo a questão da... da... de grupos da agriculturae criar cooperativa, e aí eles fizeram convite a nós aqui, eh... eu criei o grupo, naquela época fiz o convite na comunidade juntei até 30 mulheres pra, eh... participar do curso e dessas 30 a gente se tornou em 40, mulheres, e depois veio PNAI, depois veio PAA que...que comprava nossos produtos e... isso gerava uma renda, né? Tinha mês de... de nosso grupo entra até 5 mil reais, eh... pra, eh... produção do grupo (barulho) devido, assim, o tempo, né? (humhum) E aí, depois a gente foi se perdendo, assim, eh... desses mercados e ficamos, o povo também foi saindo, foi buscando outros... outros emprego, e aí, hoje a gente se encontra com umas 10 mulheres, aí, na ativa mesmo fica em torno de 4 a 5 mulheres quando se precisa, pra tá fazendo uma produção, mas ainda está na ativa (humhum), ainda estamos produzindo.

D: Eh... aí voltando mais, né? Pra esses meios sociais (sussurro: movimentos sociais), como foi que tu chegou nesses movimentos? Tu lembra, assim, datas momen... algum momento marcante.

E: Eh... como assim, eu te falei, né? Eh... quando a gente tem atividade que muitas vezesé vista, aí, as pessoas também conhe... começa também a nos procura. Aí, isso a gente vaiadentrando aos poucos, e assim eu fui me... me... me interagino e fui me entrando nas associações, na cooperativa e tantos por aí (humhum).

D: E o que tu acha, assim, do... eh... eeh... quais foram esses movimentos que tu entrou, que tu participou? Mesmo que hoje tu não teja ativa mesmo, mas tu pode citar nomes, assim, do...

E: Eh... lembrar...

D: das cooperativas.

⁴⁴ Programa de Convivência com o Semiárido – APPJ Disponível em: <https://appj.org.br/programa-conviver.php>
Acesso em: 23/06/2024

E: ... o primeiro movimento que eu te disse, assim, como trabalho voluntário, mas foi a Pastoral da Criança, né? (humhum) Eh... depois, eh... nós fomos pra ass... o movimento de mulheres, né? De quixabeira que é onde buscava reforçar, né? Os trabalhos das mulheres, né? Nem só da mulher do campo, mas de todos os trabalhos. Porque quando se chama movimento de mulheres engloba todos os trabalhos, voltados pra vida da... da mulher, né? Então, eh... foi... foi esse aí, e... e os outros são a questão da cooperativa, porque é através da cooperativa também a gente tá, eh... buscando conhecimento, mas conhecimento e desenvolvendo os trabalhos, eh... da... da agricultura, né? Da produção e buscando renda.

D: Humhum. Eh... e dessas [inaudível] atividades, né? Do movimento de mulheres da associação de mulheres de Quixabeira, o quê que tu lembra do início, assim, quando foi que começou.

E: Ô, na verdade lembrar data, assim, a gente não consegue lembrar não, mas já tem aí uns 12 anos (humhum), mais ou menos por aí que começou, né? Eh... eu sei que atrav... a... através do início a gente já desenvolveu algumas atividades, eh... voltada pra o dia da mulher, dia 8 de março, eh... me recordo de um momento que houve, eh... uma tal de 'bicique... cretada' (risos).

D: Bicicletada (risos).

E: É, um nome muito difícil, né? Que a gente, eh... veio de Quixabeira até Ramal, né? Um dia de... todo mundo, eh... pedalano, né? E aí lá... lá todo mundo se concentrou ali e ali foi um momento, assim, de falar um pouco da... da vida, da trajetória de vida das mulheres. Me recordo disso, me recordo de um outro momento que foi apresentado lá no... no coreto na cidade de Quixabeira, onde que resgatava algumas... algumas (sussurro: [inaudível]) histórias de mulheres que, guerreiras, sofrida que viveu uma luta e apresentava ali, só não me lembro como era o... assim, o nome da... das mulheres que, eh... que foi apresentado, (humhum) mas isso houve, nessa apresentação que eu lembro desse, e outros momento foi apresentado o dia internacional das mulheres no sindicato, foi apresentado lá ne... na... em Jabuticaba, teve um dia lá voltado pra isso também, um ano na verdade, que cada ano se celebra e... é o que recordo (humhum), assim, de... de interessante, de importante, né? Que foi feito.

D: Sim. Eh... e no teu ponto de vista o que animou essas mulheres a criar esse movimento, a criar a associação?

E: Eh... eu acho que é pra buscar fortalecimento, uma com as outras, né? Porque sozinhas gente

não somos nada (risos). Por isso Deus fez o homem pra viver ao lado da mulhere a mulher ao lado do homem, e juntos, né? Todos nós juntos samos mais fortes (humhum), porque ninguém veve sozinho, a gente precisa se unir cada vez mais, buscar união, buscar força e conhecimento e compartilhar aquilo que sabemos.

D: E, assim, tu falou bastante da... duma cooperativa, não falou o nome, mas essa cooperativa também, eh... ajudou no início desses trabalhos? Qual foi a participação de outros movimentos de fora, tu lembra um pouco? Pra ajudar a fortalecer essas mulheres...do gru... do movimento de mulheres de Quixabeira.

E: Ô a cooperativa no caso na qual se refiro, eh... a... de início é a Cooperativa do Piemonte da Diamantina de Capim Grosso, né? Que a gente chamamos de COOPES. Então, eh... essa... essa cooperativa ela... ela nos ajudou, né? Na verdade a... a comercializa os produtos e até hoje está comercializando, mas nos agora estamos tambémjá com outra cooperativa, então, hoje já não é mais um são duas, mas assim, como nós jásomos sócia da cooperativa de Capim Grosso nós temos uma sócia na cooperativa de Jacobina, e ai, a gente levamos os produtos de todas pra cooperativa de Jacobina. Então, eh... onde eu terminei de falar, né? Eh... a união faz a força (humhum) e juntos conseguimos ir mais longe (risada).

D: Eeh... e assim, o que tu acha que marcou nessas atividades? Tu falou das atividades que aconteceram, mas o que tu acha que marcou a tua vida mesmo, que foi feito pela associação ou que teve influência direta da associação? Que tu mais acha que te marcou.Pode ser uma das que tu já falou também...

E: Eh... rapaz eu acho que, assim, eh... todos os momentos que a gente vive as vezes eles... eles sempre é marcante (humhum) ou que seja de alegria ou, de tristeza mas a marcafica (humhum), ou de dor ô de alegria, então, o importante é viver (risos) o momento. Então, a gente tá vivendo o momento, tá tra... trabalhano, então o importante é isso, é viver o hoje, então, tudo pra mim é marcante hoje, agora o amanhã pertence a Deus (risos),o ontem é melhor a gente tem hora... tem hora, tem momentos que não é bom a gente tá lembrando do passado, né? Porque assim, tem momentos bom do passado que a gente lembrar, eh... a gente fica feliz, mas tem momento também que nos traz tristeza (humhum). Então, é melhor a gente viver o hoje, tudo pra mim é marcante.

(Risos)

D: E dessas atividades tu lembra de algum projeto que realmente teve mesmo influência, eh... nas mulheres? Pode ser daqui do povoado, eh... lá na cidade mesmo, nos outros povoados que foi idealizado pela associação?

E: Ô, eh... pela associação eu posso falar da daqui de Baixa Grande, né? Que nós... nós, eh... conseguimos o Pró-semiárido (humhum), que nem só veio pra... pra ajuda como financeiro, mas veio também pra ensinar técnicas, né? De como melhorar a produção e...e também, eh... trazer outros conhecimento, né? [inaudível] como que eu quero dizer meuDeus, voltado pra saúde, não só no trabalho, mas voltado pra saúde das pessoas também, então, eu acho que marcou um pouco (humhum) é quem tá atuante ainda.

D: Eh... tu tá de alguma forma ligada a associação ainda? Qual é o teu papel? Como é que tu tá conseguindo desenvolver isso?

E: Ô, eu sou uma pessoa, assim, eh... quando eu entro numa luta é difícil de eu sair, (riso) eu acho, assim, eu tinha medo de mim se eu... se eu tivesse que ir pra guerra, porque eu

acho que eu só saía de lá ou morta ou vencida, (risos) porque eu não sou de entrar numa determinada atividade e eu saía antes do fim. Eu... eu vou até o fim, então assim, eu nunca desisti de nenhuma... de nenhuma associação que eu entrei até hoje! Né? Eu faço parte da associação daqui, eu faço parte da AFACAMUQ, eu faço parte da... do movimento de mulheres, eu faço parte da cooperativa e tô aí, né? E faço parte também da... da... no caso frequente minha... minha religião e na... na... na associação aqui eu... eu ajudo sempre que posso (humhum) e tô por aí.

(Risos)

D: Então, é isso. Se quiser falar mais alguma coisa, tem algum ponto que tu lembrou. **E:** Não, acho que é isso mesmo (risos). (sussurro: então) Tudo que era pra falar foi falo. **D:** Obrigada!

E: Por nada!

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

FIDELCINA FRANCISCA DA CRUZ (DONA FIDEL)**Sumário**

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos na roça; busca por melhorias; desenvolvimento dos trabalhos no campo; Movimentos Sociais antes e depois; início da organização; parceiros do movimento; o que animou as mulheres; atividades que marcaram; ligação da entrevistada com a associação.

Data de Nascimento: 27/10/1946

Duração da entrevista: 26:15 minutos

Data 27 de outubro de 2023

Local: Casa da Entrevistada, Cidade de Quixabeira - Bahia.

Obs.: Como a entrevista ocorreu na casa da entrevistada na cidade, mesmo procurando um espaço mais isolado, durante a entrevista tivemos algumas situações de barulhos externos que não poderiam ser controlados como carros passando, vizinhos conversando, sons de animais etc.)

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: A entrevista dia 27 de outubro de 2023. Eh... primeiro eu queria que a senhora falasse o seu nome, né? Se apresentasse. Sua idade, de onde que a senhora vem... onde a senhora morou?

FIDELCINA FRANCISCA DA CRUZ: Eh... boa tarde! Tô aqui me apresentano, pá Darlane, né? Eu me chamo Fidelcina Francisca da Cruz, eh... moro na Fazenda Alagadiço, município Quixabeira Bahia.

D: Eh... assim como a senhora falou, né? A senhora viveu na roça, sempre. Aí, eu queria que a senhora falasse também um pouco quais foram os ou... os trabalhos que a sem... a senhora desenvolveu, durante toda a sua vida, né? Tanto na roça, como em movimentos sociais, quais foram as atividades que a senhora já teve.

(Pausa breve)

F: Eh... e sempre que morei na roça, a atividade da... da gente na roça, minha atividade na roça, era mesmo o, eh... o prantio né? Cuidá da... da... da... da roça. Eh... do... partiça...participava também dos movimentos, né? Mais o principal, [inaudível] o ponta pé prin...principe foi a roça e da roça a gente foi também tomando outros conhecimento e participando dos movimento, né? E a gente (a entrevistada sussurrou: não era a gente eraeu, só tô errando) e eu, eh... toda vida gostei de participa nos movimento, então, a minha profissão sempre foi roça e participa dos movimento, trabalho da igreja, né? E me atuei nessa, nessa linha de serviço.

D: Eh... e esses trabalhos que a senhora desenvolveu no meio rural, quais foram? Se a senhora pode falar, eh... se foi trabalho com hortaliças, foi na agricultura, foi na pecuária? Como é que foi? Quais foram essas atividades?

F: Eh... de tudo eu já experimentei um pouco, né? Trabalhei na roça, com agricultura, eh... trabalho com, trabalhei com verdura, com, com horta, né? E, e enfim, né? Aí, o queera de... de serviço da roça de tudo eu contava um pouco (humhum), né?

D: E como era, que esses serviços, esses trabalhos, né? Influenciavam na renda da sua família? Pode ser quando a senhora era, eh... ainda morava com os seus pais... depois quecasou também se continuou da mesma maneira, [inaudível] esse trabalho rural com a renda da família?

F: Eh... a gente conti... continuei da mesma maneira, eh... com a renda da... da agriculturae com todos aquilo que aparecia na... no... na... na zona rural que dava um incen... incentivo para a renda da família, né? A gente prantava a... a... agri... trabalhava na agricultura, depois veio, eh... as participação da... da... da horta, da gente mexer com a horta e... de tudo tira um pouquinho daquela renda, né? Então, todas essas coisa da... da agricultura eu já fiz parte, um pouco, né? (humhum) participava dos... do... dos evento, participava dos curso, né? Aí, vem a história, assim, dos curso pra gente, aquela coisa vai evoluino, vai mudando, né? A gente mesmo não deixando aqui a... a produção da agricultura mais vai tentando outos meio de renda melhor pra... pra família (humhum) sobreviver, né? E aí, eu sempre tava aí nesse... nesse meio, buscando sempre esses conhecimento, pá melhoramento da vida, da... da gente do campo rural, né? Do povo rural. Nem só, a vés assim pra mim quando eu participava das reuniões, eh... dos curso e que passei também a... a sê socia de associação, sócia de syndicate, dos meios movimentoda sociedade. Aquilo que tava no meu alcanço e que eu tinha aquela vocação, sempre eu aí buscar aquilo entorno da sobrevivência do campo (humhum), busquei muito essas coisas.

D: Eh...

F: Busquei, encontrei e também tive bons resultado.

D: Humhum. Com esses trabalhos no campo, eh... quem foi que lhe ensinou, a trabalhar na roça?

F: Aí veio de... de família. Da... da... da minha família, né? Do... do... dos meus pais, né? E que naquele tempo, só era mesmo o conhecimento que eles tinha era mais a roça, e naquilo a gente aprendeu com eles, eu aprendi com eles (humhum), né?

D: Até hoje a senhora tem alguma prática assim, que a senhora ainda faz, que a senhora aprendeu com os seus pais? Com sua família...

F: Sim! Como mexer mesmo com a terra, pranta a... fazer o prantio, tem aquelas datas certas do prantio, aquelas experiência de pranta na... ne... na lua nova, ou na... ou colhe na lua nova, prata na lua cheia. Essas coisa tudo, aque... naquele tempo a gente tinha, hojeque a gente num... num... num liga mais pra isso, né? Também mudou, e a gente acompanhou outra téticas também que sibistituiu essas mais velhas que a gente tinha (humhum), que era de pranta um feijão, eh... numa data que aquele feijão a gente ia colhê, e ele ficar mais difícil de dá o gurgulho, por causa daquela data parece que era mais forteoutras era mais fraca, se plantasse em tal data, em tal quadra de lua o feijão ou o milho a... eh... dava o gurgulho ligeiro. E sempre tinha essa simplicidade, né? Do... do... dos meus criador e [inaudível] eu cresci com essa... essa tética, né? (humhum) Depois em determinado tempo a coisa foi valuindo e a gente foi mudano! Então hoje eu ainda a... a...a... adoto essas, mas já tem outras que a gente já segue em frente, né? (humhum) Como bem mexer com... com as horta, né? É... é coisa mais novata, depois da... dessa nova sociedade que a gente começou já mudano o jeito de trabalha, aí hoje a gente já tem um...um outro jeito, né? Mas o primeiro aprendizagem foi essa, dessa simplicidade com nossos... meus pais (hum), naquela época, né? Mas hoje a gente já mudou, mais um pouco essas técna através das prendizagem dos curso, né? Que ajuda, ajudou e ajuda muita gente. É um conhecimento que a gente tá velho e tá aprendendo e tá adotano e a gente acha que é muito válido, que é muito importante, né? (humhum) Basta que a gente se interessa a aprender, busque e siga, né?

D: Eeh... aí, com esse envolvimento, né? A senhora falou que, tinha os movimentos, assim, na igreja, começou a participar de associação, de sindicato. Aí, a senhora lembra, assim, qual... quando foi esse contato que a senhora começou a ter realmente com... com os movimentos sociais? Foi através de que? Foi através da igreja... e depois da igreja quais foram esses outros movimentos que a senhora entrou?

F: Daí o primeiro.. o primeiro passo que a gente teve foi na igreja. A nossa primeira aprendizagem de buscar mundo melhor, já veio... veio dá educação da igreja. A gente participava bastante da igreja e estudava um pouco da... da bibrilia daquilo que, a gente...apren... aprendeu, eh... com os ensinamento bibrlico, né? Duma história do bem comum para todos, né? Querê o bem de todos. E por aí a gente foi, eh... sondano uma vida melhor, não pra gente só, mas pra um povo, pra um todos. Então, esses foi os primeiros passos pra gente aprendeu a levar nossa...

nossa caminhada, né? (humhum) Em frente de... em busca de melhores dias pra todo, foi a igreja que nos deu essa... esse... esse ensinamento e essa educação, né? E essa umidade [sic]⁴⁵ de trabalhar (humhum), né? E de buscar.

D: E outros movimentos que a senhora, eh... entrou depois?

F: Eeh, daí depois, a gente começou a conhecer, né? Uma história da... da sociedade, eh...de... de... de associação, cooperativa, eh... movimento de mulheres, e aí, a gente foi, eu fui participando, eu digo a gente, porque a gente sempre ia com todos (humhum), aquelesque... que gostava também da... da... da participação, mas aí, eu fui buscano a me utilizar nesses eventos, né? Como bem participa de movimento de mulher, participa do sindicato, eh... conhecer quais são os direitos que a gente tem, né? Aí, essa coisa a... eu fui buscando no dia-a-dia, nessa caminhada.

D: Humhum. Eeh... a senhora lembra, o quê que a senhora lembra, assim, do início das atividades dos... do movimento de mulheres, da associação? Que primeiro... primeiramente, né? Começou com um movimento e depois que se tornou associação. E o que a senhora lembra assim?

F: Eh... eu lembro assim, que a gente foi aprendendo e que a gente tinha que buscar um direito, e através dessa... dessa caminhada, a gente foi se re... foi se descobrindo, né? E aí, a gente seguiu em frente e... e hoje a gente já temos as associações criadas, né? De mulher, temos a cooperativa onde as mulheres também fazem parte, que é também um... uma... uma... uma associação do movimento, né? E por aí, a gente se engrajou nessa... nessa história. E temos aí, dessa época, né? Até hoje, buscamos esses meios de sempre conhecer e sempre melhorar a... as nossas condições de... de vida, alimentá-lo, né? E enfim, né?

D: A senhora lembra quais foram, eh... quais ou se teve, eh... algumas entidades envolvidas com essa, esse início da associação de mulheres? Quais as... quais as entidades que estavam presentes nesses movimentos, assim? Tipo algum sindicato...

F: Si... sim.

D: Alguma outra associação?

F: É, sempre eu lembro, a gente o pri... primeiro passo nosso aqui foi pelo sindicato, e depois

⁴⁵ Humildade.

do sindicato a gente conhecemos também o MOC, que era um grande parceiro (humhum) do sindicatos, né? E teve, assim, um... um momento de oportunidade da gente começar a participar desses curso, né? Que a gente foi avançano nesses conhecimento, né? (humhum) Através do sindicato participa de outros movimento. Aí também, já agoramais recente esses ano todo, que isso aí é uma caminhada de longo, aí veio também aqui pra nossa cidade de Quixabeira, eh... foi criada a Escola Família Agrícola [sic]⁴⁶, e que essa ajudou muito as nossas família, principalmente no desenvolvimento de... de nossos jovens, né? Aquilo que nós não tinha, não teve, já tivemos essa portunidade pra... pra nossos filhos e... e... e filhas, e amigos, e neto e parente, e que isso foi uma grande evolução que teve aqui na nossa cidade, nas nossa comunidade, então esses... essas coisastodas ajudou a nós avança nos conhecimento, eh... da sociedade que tava aí pela nossa frente, né? (humhum) Que tava cada dia mais chegando, avaliundo e a gente também foibuscano valuir dentro desses movimento, né? (humhum) Pra gente ter esse con... essa... essa consciência de movimento. E de associação, (humhum) e de cooperativa e de sindicato, então, a escola foi uma grande parceira e é até hoje aqui no nosso município. Escola, sindicato, as igreja esses foram os primeiros passo que a gente deu com eles, e depois, claro que a gente foi avançano pra ter outros conhecimento, como eu falei MOC, eh... outas participação que a gente teve, né? De... dessas coisas. (Breve pausa) De curso,né? Eh... participei de algum curso, participei muito de curso. (ahmham) Eu não sei nemlembrar quantos, mas eu participei viu de bastante curso. Eu fiz um... um curso d... feito con... tive um convite pela igreja em Juazeiro, esse curso durou por 5 ano, e esse curso, é... é... um curso que começa, eh... um estudo que a gente tem sobre o conhecimento bibrlico dento da igreja, e movimento e sociedade, né? Então, foi um curso muito rico (humhum) a gente passou 5 ano, passava... (nesse momento da entrevista algumas pessoas de D. Fidelcina estavam conversando próximo onde estávamos) passava um mês lá, e sóvortava com 1 ano, então 5 ano eu fiz esse... esse curso. Foi muito importante nessa aprendizagem aí dentro do... dos conhecimentos de igreja e movimento.

[ENTREVISTA PAUSADA NO MINUTO 14:53.08]⁴⁷

D: Então, eh... do seu ponto de fis... de vista o que foi que animou as mulheres aqui em Quixabeira, a criar, né? Esse movimento. Assim, a senhora falou que teve o apoio, né? Do sindicato, as mulheres começou a se reunir, mas o que a senhora acha que realmente foi o... a...

⁴⁶ Agrícola.

⁴⁷ Os familiares de D. Fidelcina estavam conversando, quando saíram voltamos a conversa.

o ponto de partida, que essas mulheres se animaram realmente, pra criar a associação.

F: Olha, a... eh... o primeiro ponto de partida foi... foi o sindicato mesmo, (humhum) né? E que a gente pegou se reunir com... com as mulheres fazer os nossos encontros, e encrotamos a... a... vimos essa necessidade, né? E aí, a gente vimos essa necessidade e asmu... das mulheres se organizar e aí começamos, né? Aos pouco se organizano chamanoas companheira, e fomos descobrino aí agora as formação, pas companheira da continuidade a está luta de movimento de mulher e chegar até nossas associações, né? No sindic... nos sindicaliza, eh... criá nossa associação e partir pra luta aí na... na sociedade. Então, teve outos órgãõ que nos ajudou muito, mas o primeiro ponta pé (humhum) nós iniciamos com as... as pouca mulher dentro do syndicate.

D: Eeh... Quais foram as atividades que a senhora acha que marcou a sua vida, que foi idealizado pela associação? Ou que também teve alguma influência da associação. Associação trouxe através de outra entidade, ou essa entidade procurou a associação também para reunir essas mulheres. Qual foi, assim, no seu ponto de vista? Qual foi a quemarcou a sua vida?

F: O que mais marcou minha vida, repito outra vez, o que marcou mais a minha vida foi o... o... o syndicate porque eu peguei, adquiri certos conhecimento numa luta, né? Que nãoera só pra os companheiro, mas era pras companheira também, né? E que através disso, até o syndicate nessa época quando comecei a me engraja no syndicate, não era bem visto por mulher, eles não aceitavam mulher, eh... ser... ser sócia, então, só era sócia os homens, né? Mas eu que tava lá, e eu fui usano a... aquela... aquele meio do porquê disso, né? (humhum) Aí, fui descobrindo que nós também tinha esse direito, então, meus início do conhecimento de minhas luta do (nesse momento vizinhos estavam falando alto, mas a entrevistada decidiu continuar conversando), eh... dos movimento partiu tudo desse pouco conhecimento que eu fui adquirino dentro do syndicate, né? (humhum) E depois, eu repitonovamente, depois veio través a... a história da Escola Família Agrícola, né? Que já era um, eh... já era um avanço com nossos tético, aí, a gente foi sempre tano nas... na... na... participano e conheceno mais e cada dia mais a gente se... se descobria (humhum). E descobria a história, das companheira mulher. E eu engrajei mesmo e... e... e fiz pé nisso, e até hoje eu ain... ainda identifico com... com essa... essa força feminina dentro dessa luta, né? (humhum) Eu tenho aquela [inaudível] não tenho muitos conhecimento, mas conheci um bando de coisa através disso aí, né?

D: Humhum. E da associação, assim, algum curso que associação trouxe, alguma pale... eh... palestras, né? (ela sussurrou: ajudou) Ou alguma, eh... como é que falo, alguma atividade, tipo...

alguma manifestação que a associação trouxe, que a senhora ache que mais marcou pra senhora?

F: Eh... a... a... eeh... a luta de nós companheira, porque se nós não tinha esse ditreito e adquirimo, aí, a gente já não deixando o syndicate, mas se engrajava mais nos conhecimento mesmo (humhum) da... da... da... da... da luta das mulher, do direito da importância que nós mulher temos, e que nós divia cada dia mais buscar nos conhecer e, que saber que nós mulher tem o mesmo direito que eles tem, né? (humhum) Então, através da... do... das associações nós sentano com nossas companheira junta, aí, fumo avançano nesse trabalho da... da... da... das associações, eh... do conhecimento de... do direito que nós mulher tinha, que sempre nu... nunca era esclarecido e a gente nem conhecia, né? (humhum) Aí, passemos a conhecer que nós temos nossos direito e temos que briga por eles, e temo que ser igual, né? A gente sabe que o homem tem mais força que a gente, mas tem... mas não tem, não tem direito mais que a gente, que nossos direto é igual. Só que até hoje, a gente luta por esse direto igual e, mas a gente não pode dizer que não tem, né? Já tamo (humhum) no... no... no meio da embuscada desses direito igual. Que o nosso objetivo era já tá alcançano tudo de direito que as mulê tem, mas infelizmente ainda tamo nessa jornada e vamo [inaudível] vamos mais tempo, né? (humhum) Assim, através do... do meu intendimento a gente ainda vamos mais tempo, mais a luta não para. E a gente já sabe que a gente vamos cê vitorioso com essa luta (humhum). Samos vitoriosas e vamos ser cada dia mais, porque é isso que nós sonha e não vai ficar só no sonho, vai ficar numa re... realização (humhum), né? Vamos realizar esse sonhos.

D: Eh... e qual a senhora acha que foi uma atividade ou um projeto que tro... que a associação trouxe, parceria com a associação que mudou a vida das mulheres no município de Quixabeira? (Breve pausa) A senhora lembra de algum projeto? Ou alguma palestra, assim, mais específica (oh!) que a associação trouxe, que a senhora acha que alifez um efeito nas mulheres de Quixabeira?

F: A gente teve um bando de... de... de ajuda, de esforço nessa luta, (ela sussurrou: mas eu não lembro assim em mente).

D: Por exemplo, eh... alguma manifestação de do Dia da Mulher...

F: Os encontro Dia da Mulher nos ajudou, nos ajuda muito, né? (Humhum) Esses encontro o... eh... cada vez, cada ano faz nós mulher despertar mais, né? E conhecer mais, e teve vários, né? A vez eu não lembro nem de todos, mas aí, a partir daí nós já temos, eh... como a gente já tendo

essa parceria todinha com... com syndicate, com eh... Escola Família, eh... como o MOC, com esses ôtos movimento, né? A gente já tem, lá na Bahia a gente já temo com o FETAG, CONTAG, já participei de vários encontro, eh... de mulheres falando sobre a luta de nós mulher, então (humhum), esse... esses aí foi o que mais me chamou atenção, né? Que já tivemos sim, já fui muitas vezes participar desses encontro, pra tá junto com minhas companheira, a gente cada dia mais se fortalecer (humhum), né? Aí, já participei, esses aí foram bem importante pra nós, porque era um...um encontro só de nós mulher, só falar da nossa vida de mulher, dos homem aonde tinhaprecisão de falar. Mas esses... esses aí, foi um dos encontros que mais me chamou atenção,e fez a gente criá mais... ma... mais firmeza no... no nosso na nossa esperança da luta dasmulher, né? (humhum) Pelos os nossos direito.

D: Eh... a senhora ainda tá ligada de alguma forma com a associação? Qual a sua posição agora, dentro da associação?

F: Eu tô ligada ainda na associação, principalmente na... na... na... na minha comunidade que eu moro eu fui presidente da associação que nós criamos, que nós criamos associação lá (humhum), isso era pra tê falado lá atrás, lá na... na comunidade criemos a associação. Fomos beneficiados por associação mais de uma vez já e depois nessas quando... mudando de... de presidente, aí deixo a associação parada, aí essa associação nossa ela tá como não existe, os papel tá tudo atrasado, né? Mas eu lutei nessa associação como presidente só que quando ela deu essa... essa queda já não tava na minha mão, e faço parte também da associação de mulheres da Quixabeira, né? (humhum) É. Da... do...eh... ainda é o M... MTQ?

D: AMTQ!

F: É. AMTQ, essa eu faço, eh... parte dela (humhum) e tô firme ainda com elas, as companheira, que conta ainda, as companheira conta comigo e eu conto com elas ainda. Então, ainda faço parte da associação (humhum), faço parte da minha igreja, nunca deixei minha caminhada (risos), e faço parte também do meu syndicate.

D: Humhum. No caso na associação a senhora tá como membro da diretoria? Tá como associada?

F: Eu ainda faço parte da diretoria, não tô na frente da coisa, mas ainda substituiu um lugar na diretoria, da associação de mulher de Quixabeira. Tá com uns dias que a gente não tá se reunindo, mas tamo de pé (humhum). Qualquer hora aí as companheira vai, queluta lá na frente

vai tá renovando tudo, se Deus quiser.

D: Humhum. Pronto dona Fidelcina, eh... obrigada, né? Pela entrevista, se a senhora tiver alguma coisa a mais pra colocar também.

F: Eh... eu... eu peço, assim, desculpa se não tiver tudo no foi do... da... da... do... do seu desejo, mais eu acho que alguma coisa da pra você acatar, né? (risos) Acho que alguma coisa vai dá pra você acatar. E assim, como lembrança eu não tô lembrando agora se tem mais alguma coisa a mais a colocar, eu sei que tem mais, mas sempre a gente sempre se passa, depois a gente fica lembrando, “ah! A gente podia ter colocado assim, né?” (risos), mas é, é assim, mesmo. Só peço minhas desculpa, espero em Deus que dê pra você acatá um pouco pra seu trabalho. (Risos)

D: Obrigada!

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

NELCIMÁRIA SANTOS MORAES

Sumário

Apresentação da entrevistada; trabalhos que já foram desenvolvidos: projetos; relação com a vida no campo; formação técnica x conhecimentos tradicionais; contato com o Movimentos Sociais; quando as mulheres começaram a se organizar; parceiros do movimento; quando entrou na associação; projetos com apoio da associação e parceiros; como as mulheres de Quixabeira se animaram; eventos da associação; apoio as mulheres; parceiros; ligação com a associação.

Data de Nascimento: 23/04/1989

Duração da entrevista: 31:52 minutos

Data 08 de novembro de 2023

Local: Casa da Entrevistadora, Fazenda Ramal, Quixabeira - Bahia.

Obs.: A entrevista foi marcada para acontecer em outro local, porém a entrevistada estava com a agenda apertada e preferiu ir à casa da entrevistadora.

DARLANE FAGUNDES DE SOUZA: Dia 08 de novembro de 2023, entrevista com Nelcimária. Eh... queria primeiro, né? Que tu se apresentasse, falasse teu nome, de onde é que tu vem, onde é que morou. Como é que foi essa trajetória tua?

NELCIMÁRIA SANTOS MORAES: Bom, eh... Meu nome é Nelcimária Santos Moraes, eu tenho 34 anos de idade. Morei a vida toda em campo, eh... desde que... eh... desde criança, né? Meus pais são agricultores, então, eu saí apenas pra estudar, eh... quando terminei os estudos me casei continuo morando no campo.

D: Eh... Quais foram os teus trabalhos desenvolvidos até hoje? Tipo, tanto no campo como ne projetos, movimentos sociais, quais atividades assim?

N: Bom, eh... eu comecei a trabalhar assim que terminei os estudos, né? Por volta dos 18 anos de idade, aí meu primeiro... meu primeiro emprego na área técnica, que eu sou técnica em agropecuária, foi no movimento social chamado MPA, aí, teve um projeto de ATER com atuação de 2 anos e pouco, eu atuei nesse projeto e... depois eu fui convidada também, passei numa seleção pra trabalhar num outro projeto, que foi o projeto do IPB que é Instituto de Permacultura da Bahia, né? Nesse outro projeto eu trabalhei com o foco, era trabalhar com mulheres que é o projeto organi... Mulheres Organizadas um Desejo Nossa Ação, eh... e aí, a gente trabalhou nos municípios de Quixabeira e Várzea da Roça, por 2 anos também. Depois, eh... eu comecei a vida acadêmica, né? Me ausentei um pouquinho... da área de campo, mas na terceira oportunidade que me surgiu, é a que estou até hoje que é, eeh... trabalho no... no projeto

Pró-semiárido, através da COFASP, que é uma entidade de Jacobina, eu trabalho no município de Saúde já faz, eh... 6 anos aproximadamente, no projeto Pró-semiárido, que é financiado pela CAR e pelo Banco Mundial.

D: Eh... e assim os trabalhos no meio rural, propriamente dito? Ali antes de tu saí da casade teus pais? Como é que tu fazia? Tu tinha essa participação na família? Como foi que tu aprendeu... como era... eh... que... como é que ele influenciava na renda de vocês?

N: Humhum. Então, eh... meus pais como eu já disse, eh... foi...são agricultores, né? Desde... desde sempre são agricultores, então, a gente cresceu tanto eu quanto meus irmãos na... na lida do campo ajudando eles no que fosse preciso. Então, como a gente mora em uma área de sequeiro não tinha, eh... os trabalhos eram basicamente pesados, né? Como todo mundo sabe, trabalho de campo não... não é leve, mas era um trabalho que não tinha tanta rentabilidade, né? Então a gente vivia com (riso) o mínimo possível, né? Pra sobreviver, era... de fato, era uma vida não muito fácil, mas era uma vida também muito agradável, né? A gente, eu me lembro que a gente, eh... eu acompanhava meu pai na... na... na época de plantio principalmente, né? Que a gente plantava feijão, o milho a mandioca, a gente passava o dia na roça, a família toda, minha mãe, meus irmãos e a gente ajudava ele, eh... a trabalhar, né? Planta semente principalmente. Na época de... delimitar a roça, de fazer o roçado, aí eu já não ia tanto, eu ficava mais ajudando minha mãe em casa e quem ia mais era meus irmãos, mas sempre pelo meio, né? (risos) Volta e meiatava pelo meio.

D: Acaba que quando a gente é adolescente/criança, a gente acaba participando um pouquinho mais, porque também tem aquele meio de diversão, né?

N: É, é.

D: Quando é obrigação realmente é um pouco mais. (risos).

N: É, então assim, na verdade a gente não tinha muita opção, tinha que ir, né? Todo mundo ia (risos), então, não tinha essa: ‘ah! Eu quero ficar brincando hoje’, não tinha essa. A gente fazia do trabalho uma diversão, né? E. e tinha os momentos da gente para “ah! Eu tô cansada, vô para um pouquinho aqui na sombra”, mas meu pai sempre puxava, sempre chamava, né? Pra gente tá ajudando, porque de fato é uma mão-de-obra muito pesada, né? Pra... pra trabalhar sozinho, então... a uma ajuda mesmo que seja de crianças como a gente era na época, mas sempre ajudava, (a entrevistada sussurrou: de alguma forma).

D: Eh... então, como tu falou, né? Tu ap... Teve esse contato desde criança e como tu também já disse, tu estudou, né? Na escola (humhum), se formou como técnica e o que foi, assim, que tu traz desde esses tempos até hoje, tu ainda tra... tem algum trabalho, assim, com alguma horta na tua casa mesmo, ainda tem o trabalho com sequeiro?

N: Ah, sim. Sim, eh... como eu disse eu, assim que eu me casei a gente já construiu a casa, eh... no campo, né? Na roça, e lá a gente tem, a gente planta todo ano alguma coisinha, né? Mesmo que seja pouco no cercado mesmo, em volta da casa, mas a gente sempre planta, eh. agora a gente tá investindo mais em frutíferas, né? Porque devido ao acidente que meu marido teve, então para trabalhar mesmo em roça é um pouco complicado, mas a gente tá sempre mexendo com a terra, né? A gente cria animais também, animais de pequeno porte, e tá plantando muita frutífera (humhum) ultimamente. Horta a gente nunca mexeu muito por conta da água, né? A gente, o acesso o acesso da água que a gente tem não é uma água de qualidade, que é uma água da EMBASA, então pra hortaliça é um pouquinho ruim, e também veio agora, né? tem um ano e pouco e que a água encanada chegou pra gente, antes a gente só sobrevivia com a água da... da cisterna, né? Que a gente tem duas cisternas, cisterna de... de bica, cisterna de... de enxurrada, né? Calçada na verdade (humhum), e com essa água agente supre as necessidades da casa, aí não dava para plantar muita hortaliça, né? Então, o que a gente planta é bem pouquinho mesmo, é só um coentro, uma cebolinha coisa pouca mesmo, só pro consumo da família (humhum).

D: Eh... eu sei muito bem como é a vida de técnico (riso), eh... a gente que estudou lá, conviveu a gente sabe que tem... a gente aprende técnicas que não são, eh... que é meio contraditório do que a gente aprendeu quando criança, né? (humhum) Mas assim, tem alguma coisa que tu ainda leva que tu aprendeu com teus pais, ou com algum outro parente, que... assim, não foi uma coisa que aprendeu na escola, na tua formação?

N: Sim, eh... meus pais, principalmente meus avós eles tinham sempre o (barulho) costume de plantar, eh... tinha assim, a questão de plantar de acordo com as fases da lua, né? (humhum) Eh... tem cu... tem cultura que só é plantada por exemplo na fase crescente ou na fase minguante, enfim tem o ca... calendário lunar que tu pode até pesquisar depois (humhum) pra se orientar melhor (riso), que tem essas orientações, por exemplo, o que plantar no mês de novembro (humhum), aí a gente, eh... por exemplo a melancia, a melancia a gente geralmente planta no mês de agosto, né? Porque quando vem as chuvas de outubro a semente já tá nascida, né? Já tá um pouquinho maior, e aí com as chuvas ela se desenvolve com mais facilidade, então a gente ainda tem esses... esses costume, né? (humhum) De... de seguir em algumas vezes o calendário

lunar, não é sempre não, acho que o mais a gente... a gente consegue. Isso a gente aprendeu, né? Tanto eu, quanto meu marido aprendeu com os nossos antepassados, né? (humhum) Com os nossos pais, com nossos avós.

D: Eh... aí agora eu queria saber mais um pouco, como foi que iniciou esse teu contato, assim, com os movimentos sociais. Não só assim, eh... ligados projetos, mas talvez a igreja (humhum), esses primeiros contatos mesmo.

N: Bom, assim, o meu primeiro contato com o movimento social de fato foi na escola (humhum). Porque assim, oh, quando eu... eu era... antes de eu entrar na escola eu participava da igreja, mas assim, a gente não tinha contato com o movimento de fato social (humhum), a gente tinha contato só mesmo catequese... (barulho) né? Com as coisas da igreja mesmo, aí quando eu entrei na escola agrícola, na Escola Família Agrícola, foi que eu ouvi pela primeira vez essa questão dos movimentos sociais, e aí depois eu concluí meus estudos, eh... em Juazeiro (humhum) que... que era no CETEP, né? Antes era agrotécnica, hoje já é CETEP, e lá eu... eu morei no IRPAA, que é uma instituição que é muito ligada no movimento social, então, frequentemente a gente tinha dias de estudo voltado pra esses temas, né? De conhecer os principais movimentos sociais, que tinha na região ali do São Francisco, né? (humhum) Que Juazeiro, né? Faz divisa como Rio São Francisco, né? O Rio São Francisco corta a cidade na verdade, e aí, foi os meus primeiros contatos, quando eu tava na escola agrícola eu conheci um camarada do movimento que é, que foi Leomárcio, e aí, através dele, assim que eu terminei os estudos, fiz... ele fez contato comigo e lembrou, tinha essa oportunidade do trabalho (humhum) técnico do Projeto de ATER, que antes era um ATER-seca, não tinha benefício nenhum, só era mesmo passar na casa dos agricultores, e aí ele me convidou pra... pra... pra, eles tavam formando uma equipe, iam contratar umas cin... umas cinco pessoas na época, eu tinha acabado de me formar, então através do contato de Léo eu entrei no MPA, aí eu fui me aprofundando mais sobre o movimento, participei de algumas atividades, eeh... ligadas ao movimento, alguns tinha... na época tava tendo um assentamento, né? Ponto Novo, não sei se tu lembra?! (humhum) Mais, aí a gente partici... participava, né? Das atividades do assentamento, a gente ia fazer manifestações quando precisava, eu lembro quando a gente foi pra Salvador, paramos a Paralela uma vez em busca do... do projeto... do projeto de habitação (humhum), projeto das casas, e... foi uma época muito boa, né? Que... além da gente, de eu tá aprendendo (riso) a ser técnica de fato, porque a gente aprende é no campo, eh... eu aprendi muito sobre o movimento social, sobre o MPA, né? (humhum) E de lá pra cá, eu só admiração pelo movimento sabe, eu vejo que são pessoas que realmente, eh... se dedicam, dedicam a vida em prol de... de algo que não é, não

é frase, né? (humhum) E sim coletivo.

D: Eh... assim, o que tu lembra, quê que tu viu assim, no início dess... do movimento de mulheres em Quixabeira?

N: Hum... o quê que eu lembro?

D: Sim.

N: Bom, eu vou reprisar a final (risos)! Eh... o movimento, eh... de mulheres em Quixabeira, pra mim se iniciou junto com outro projeto que foi o projeto do IPB, né? Queeu acho que já citei aqui na entrevista (humhum), aí através desse projeto eu me associeiao... a associação, que já existia, tinha pouco mais de um ano, mas já existia, né? As meninas da... do sindicato de trabalhadores rurais fundaram essas associação, e aí, comoeu tava chegando, né? Eu também me associei, fui me... me aproximano, né? Dá questãodo movimento de mulheres. Eu lembro que no início era bem animado, né? Tinha uma grande número de participantes, as mulheres tavam bem empenhadas e um... um dos principais, eh... focos era a venda, né? Do... do... do grupo de mulheres, do produto que as mulheres faziam nos grupos, pro PNAI, né? Na época surgiu a... a lei, acho que a lei jáexistia, mas não era aplicada no município de Quixabeira, mas aí, com a entrada do... doprefeito, do prefeito Eliezer, ele, eh... fez com que a lei fosse cumprida, que seria a comrade 30% da merenda escolar oriunda de produtos da agricultura familiar. Então foi aí queas mulheres se fortaleceram, né? E eu, como atuava no projeto como técnica, eu acompanhava esses grupos de mulheres, inclusive o meu TCC, também, eu tive, tem uma pequena participação, eu fiz sobre agricultura familiar, aí (humhum) eu foquei um pouconessa questão dos produtos oriundos da agricultura familiar, também entrevistei algumasmulheres dos grupos então, eh... alguns grupos já existia, por exemplo como o grupo de Jaboticaba que é um grupo um pouco mais um bem antigo que fazia polpa de frutas, né?Tem também o grupo das mulheres de... de Baixa Grande que fazia beiju, esses grupo jáexistia, então, através do projeto e do meu acompanhamento técnico a gente fortaleceu esses grupos, o projeto se baseava mais em informação. Então, a gente trazia várias oficinas pras mulheres, era uma oficina por mês que a gente mobilizava, tanto no município de Quixabeira, quanto no município de Várzea da Roça, e aí a gente procuravasempre focar nesses temas da produção. né? No trabalho das mulheres, na valorização do trabalho. Inclusive a gente também focou. teve alguns temas também voltados pra saúde da mulher, autoestima da mulher, violência, então, eu me aproximei muito dos movimentos feministas nessa época (humhum), e aí através do projeto mulheres

também eu tive oportunidade de participar da Marcha Mundial das Mulheres em São Paulo, e aí foi o... foi assim, a grande virada (risos) de de chave, né? Na minha vida (humhum) em relação aos movimentos feministas, e a partir dessa ida na marcha mundial eu comecei me aprofundar bastante nessa... nessa linha, né? (humhum) De feminismo, na agroecologia e fui me... me caminhando por esses caminhos aí (riso). Eeh... hoje o movimento de mulheres de Quixabeira está um pouco enfraquecido, né? Devido a mudanças de... de... de governo⁴⁸ houve uma certa... uma certa desestimulação, uma certa, eh. desmobilização, né? Dos grupos produtivos, então, hoje em dia existe bem, acho que bem pouquinho que tão, a maioria dessas mulheres as que trabalham, trabalham separadamente, não trabalha mais em grupo, tem algumas que entregam, mas entregam separadamente (humhum), né? Não é mais em grupo, mas foi uma fase bastante interessante. A gente também, eu lembro que a gente celebrava o oito de março (humhum), então, todo ano a gente celebrava, né? Com ajuda do sindicato a gente celebrava o oito de março e... a gente também mobilizava as mulheres a tá participando das marchas que acontecia, dos eventos territoriais (humhum), né? A gente já foi pra Pintadas, pra evento territorial de mulheres, eh... também tinha uma mobilização mais forte voltada pra as... eh... pra Marcha das Margaridas, enfim esses eventos, né? Que trazia a mulher como foco, a gente sempre mobilizava as companheiras para tarem participando. E foi uma fase bem bacana, depois que eu comecei a estudar me distanciei um pouco do movimento, mas até hoje (humhum) eu faço parte... até hoje eu faço parte da associação, já me colocaram como diretoria também, já fiz parte da diretoria, eh... a gente não tem muitas ações que na verdade é até um sonho meu, a gente tê... ter um projeto, né? (humhum) Um outro projeto que... a gente consiga, eh... se levantar de novo, que a gente consiga celebrar, que a gente consiga se unir de novo, porque acho que a lutadas mulheres não pode parar, né? (humhum) E aí, é um... é um dos objetivos meus também futuramente, a gente tentar, eh... reerguer a associação de mulheres, né? Que hoje existe, mas tá bem parada.

D: Eh... do teu ponto de vista, o que animou essas mulheres, assim, de Quixabeira a criadeira... essa associação? Tu falou um pouquinho assim, mas queria tentar aprofunda (riso) mais nisso.

N: Bom assim, o que motivou eu acho que, eh... eu acho que assim, teve algumas figuras, né? Nessa história (humhum), que foi muito importante, assim, que encorajou bastante. Eh... quem coordenava o projeto Mulheres Organizadas por exemplo, é uma companheirada luta feminista, que é Joilma Rios, hoje ela é vereadora lá no município de Várzea da Roça, então, ela já tinha

⁴⁸ A entrevistada se refere ao Governo Municipal.

muito essa garra, né? Essa... essa parte de animar as mulheres, então assim, eu acho que o principal motivo, eh... que fez com que elas começassem a seorganizar, é realmente é ocupar os seus espaços, né? Realmente tomar (humhum) uma decisão, dizer “assim não, pera aí, esse campo, né? Da agricultura, de vender produtos daagricultura familiar pra merenda escolar é um campo nosso, então, vamos ocupar esse espaço”, acho que nasceu mais daí, né? E... eu acho que por muitas delas, muitas delas mesmo que faz parte desse... desse movimento, eh... eh... foi nessa missão mesmo (humhum), de ocupar espaço, né? E... fazer valer essa... a voz e principalmente o trabalho,né? A gente sabe que muitas mulheres, elam... elas trabalham em seus quintais, em suas casas, mas não são vistas, né? (humhum) Não são valorizadas, não... não é todo mundo que reconhece o trabalho das mulheres, então, eh... houve também essa deixa e acho queelas aproveitaram como oportunidade de realmente mostrar o seu trabalho, né? Mostrar que são capazes, mostrar que de fato não é só fazer comida e lavar roupa, e limpar a casa,cuidar de menino, né? (humhum) Tem todo um trabalho também, eh... voltado pra... pra fora, né? Pro coletivo, pra união das mulheres. Enfim, acho que foi isso.

D: Eh... pra tu qual foi uma das atividades que a associação... que teve através da associação ou criada pela associação que te marcou?

N: Um... um evento? Uma coisa assim?

D: É, evento uma... uma... algum projeto que venha... veio da associação, pode ser tipouma reunião, um encontro (hummm) que teve, que marcou assim, tu.

N: Bom, eu, eh... me lembro bem do... do... de um evento que teve que assim, foi um marco pra gente, foi, eh... um evento celebrativo que a gente fez para celebrar o 08 de março, que foi uma passeata de bicicleta (hum), a gente conseguiu se organizar, fizemos camisa, né? Teve a participação de muitas mulheres, e foi uma... um momento assim, bastante, eh... interessante, né? Foi um marco assim, eu acho que foi esse... foi essapasseata de bicicleta, que foi um evento comemorativo, mas que teve um significadobastante importante, né? Que foi da nossa união, né? De celebrar cada conquista que a gente tinha até ali, né? De a gente se unir continuar na luta (humhum). Acho que é isso. **D:** Eu acho que nenhum outro evento, acho que marcou tanto o pessoal daqui como esse.**N:** (riso) Foi mulher, (porque realmente) todo mundo fala desse evento. Por que...

D: Nem... nem o sindicato, nem a associação, assim, conseguiu trazer uma [inaudível], e nem o pessoal de fora (humhum), conseguiu trazer uma coisa tão marcante assim.

N: É. Foi...

D: E a gente vê, né? Agora com esse atual governo⁴⁹ sempre tem algum evento ou alguma coisa assim, não marcou (ela sussurrou: não, é), quando a gente pergunta as mulheres alguma coisa a... uma das primeiras coisas que lembra é a bicicletada. (risos)

N: É a bicicletada! Não teve outra. Aí... aí.

D: Acho que nem só as mulheres, mas os homens também...

N: Também, é também...

D: Porque (ela sussurrou: teve) teve uma participação direta. (Ahmham) Foi bem... (risos)

N: Foi legal! A gente podia até repetir essa... essa fase.

D: É que hoje em dia as mulheres estão bem mais... (risos)

N: Hoje, até pra andar de bicicleta.

D: Algumas diz que tá fraca, que não sei o que, mas quem sabe...

N: É.

D: ... futuramente aí. (risos) Eh... aí já um pouco menos pessoal, já mais... na tua visão como técnica mesmo naquele tempo, o que tu acha que a associação fez, os projetos que teve, que afetou a vida dessas mulheres, eh...

N: Negativamente?

D: Não, positivamente! (ham) Como foi que a associação, ou algum projeto, alguma coisa assim que afetou elas diretamente, que foi um ponto positivo. Além dessas... desse fortalecimento das... dos grupos de produção.

N: Ham. Eu acho que foi Darlane, nessa linha mesmo dos grupos de produção (humhum), eu lembro que, eh... a da... a diretoria da... da associação junto com... o sindicato, que assim, sempre foi um braço muito forte, né? O sindicato, sempre apoiou as mulheres, até porque as mulheres que estão na associação, que estavam na época na diretoria da associação estavam

⁴⁹ A entrevistadora se referiu ao Governo Municipal.

também no sindicato, então, não tinha como andar separado, era sempre juntas. Então eu acho que, o que mais, o que mudou assim, de fato, que as mulheres, fez com que as mulheres percebessem que de fato tinha uma organização, que estava ali do lado delas, que tava apoiando elas, eh... foi eh... os encontros que a associação, eh... marcou com o poder público, né? Que foi, eh... depois que saiu a chamada... a chamada pública da prefeitura, pra compra do PNAI, eh... houve uma divergência em relação a preços, né? Eu me lembro muito bem, que as mulheres não tavam concordando com os preços que a prefeitura queria comprar os produtos os produtos (humhum), então, houve uma grande reunião que foi mobilizada pela associação, eh... nessa reunião esteve presente além do prefeito, né? A secretaria de... de agricultura na época, eh... e também a nutricionista do município, então, eu lembro que esse... esse evento foi um evento tão marcante assim, para as mulheres, que, eh... a prefeitura de Quixabeira foi conhecida, né? Na região toda por tá abrindo as portas, por tá sentando com as agricultoras, pra que... pra que haja um... um no caso, eh... uma... uma... um diálogo, né? Pra que houvesse esse diálogo entre o poder público e as agricultoras familiares, que antes não tinha, antes não tinha. Antes ninguém tinha coragem de dizer assim: “ô vamos mobilizar aqui o prefeito, vamos convidar aqui o prefeito ou o secretário pra gente fazer uma reunião. Eu quero, né? Que ele escute o lado das mulheres”. Antes não tinha isso, até poderia até ter reunião mais o prefeito como sempre fazia o discurso dele, al... alguém... alguma representante das mulheres falava por todo mundo e tchau! Acabou! Não, nessa reunião foi um marco diferenciado porque todas as mulheres que estavam presentes, que tiveram vontade de falar de se expressar, elas falaram (humhum), e aí o prefeito teve que entrar em acordo, ter que melhorar o preço, né? Porque quando ouviram, né? As dificuldades das mulheres em produzir os biscoitos, de produzir o bolo, pensaram: “não, a gente vai ter que realmente mudar porque se não, não vai valer a pena pras mulheres”. Então eu acho que foi um marco, assim, e serviu também, eh... e quem puxou isso tudo foi a associação, né? De mulheres, então, foi... foi um marco pra elas porque fez com que elas, como eu já disse, elas se sentiram, eh... representadas, né? Pela associação.

D: E isso foi um marco bem importante não só para as mulheres, mas (ela falou: foi!) como para o município, né?

N: Exatamente, e assim, de fato foi para as mulheres porque tipo assim, eh... todo mundo depois, as mídias enfim, né? Não era como antes a questão da mídia, eh... hoje em dia tá muito mais fácil, né? Publicação de vídeo (humhum), essas coisas, mas antes teve entrevistas, né? Na rádio, inclusive teve comentários de outros municípios, eh... procurando saber, né? Como foi (risos), qual foi a iniciativa, quem puxou, porque realmente mudou, né? A cara assim do... do... do acesso

ao... ao PNAE (humhum), porque antes disso não tinha, né? Daí os preços vinham pronto, o prefeito comprava se ele quisesse (humhum), então, não tinha isso de ouvir agricultor. “Que ouvir agricultor, pra que?”, não tinha isso entendeu, e... a partir desse... desse evento foi realmente marcou mesmo, marcou na vida de todo mundo, nem só das mulheres como tu disse, mas a vida de todo mundo.

D: É que, Quixabeira acho que, foi um processo, claro?! Mais chegou a 70% da produção...

N: Foi.

D: ...da agricultura, né?

N: Exatamente.

D: E que nenhum outro município da Bacia do Jacuípe conseguiu.

N: Nenhum município da Bacia do Jacuípe, eu acho que da Bahia toda, nnum... num conseguiu chegar a essa marca, né? (humhum) Pra você vê, então assim a associação contribuiu muito, muito, muito mesmo com... eu acho que a palavra que define é tipo... oempoderamento mesmo (humhum) das mulheres, sabe. Porque assim, como a gente trabalhava nas oficinas, as oficinas do projeto, (humhum) a gente trabalhava autoestima, a gente trabalhava empoderamento, a gente trabalhava esse poder de fala (humhum), da mulher ser ouvida, então, eu acho que as mulheres já começaram meio que incorporar sabe! (risos) Aí, nessa reunião pensaram: “não, vamos falar! Vamos abrir o verbo, porque o prefeito vai ouvir a gente e vai mudar as coisas”, e de fato aconteceu, por incrível que pareça.

D: E ainda bem, né? (risos)

N: Ainda bem!

D: Eh... eu queria, assim, se tu lembra também, quais foram esses movimentos além do...do projeto que tu falou já, né? (humhum) Quais foram outros movimentos que estavam ali presentes nesse início do... do... dos mov... do movimento de mulheres da associação emsi. Tu lembra de mais alguns parceiros além do sindicato?

N: Bom, além do sindicato a prefeitura também, vou ser sincera, ajudou bastante, porque assim, para os eventos tinha... as mulheres tinha que se deslocar, né? Quando tinha evento em Várzea da Roça por exemplo, as mulheres tinham que se deslocar, então, a... a secretaria de... de transporte,

por meio da prefeitura foi uma parceira e tanta nesse projeto,(humhum) porque sempre doava, né? O veículo pras mulheres participarem. Eu me lembro do... do apoio também da APPJ, nesse sentido (humhum) também de fortalecer o trabalho das mulheres. E me lembro também do apoio do Sicoob se não me engano, era (humhum) o Sicoob, que também nessa época, a gente... a gente pedia patrocínio (riso) por exemplo, pra fazer algumas coisas, alguns eventos e a gente sempre, sempre conseguia, né? Então, também (humhum) foi um parceiro. Eh... que eu me lembre foramesses [inaudível].

D: E fora do município? Tu lembra de algum? Assim...

N: Ela sussurrou: fora do município de Quixabeira? Aí só tinha o IPB que era quem financiava o projeto, que de certa forma se tornou um parceiro, né? (humhum) A gente teve... teve alguns momentos da gente levar as mulheres pra... pra Salvador, pra conhecer a praia por exemplo, né? Teve alguns eventos que a gente levou as mulheres (humhum), a gente fez uma viagem no final do projeto, o IPB também apoiou bastante.

D: Eh... tu já comentou, né? Que tu não fez parte exatamente daquele iní... (ela sussurrou: início) início.

N: Não.

D: Ativamente, né? (humhum) Porque eu tenho certeza que provavelmente tu tava por láou... ou tua mãe (ela sussurrou: é, mas assim, eh... Humhum) ou alguém estava por lá. Mas aí agora tu ainda faz parte da associação, né?

N: Sim.

D: Eh... então, não é mais da diretoria ou é, como é que tá se... tua situação agora na associação?

N: Bom, eh... teve uma assembleia recente (humhum), que infelizmente eu não pude participar, que foi por conta do meu trabalho na COFASPI, às vezes eu não consigo conciliar as coisas que acontecem em Quixabeira, né? Por ser em outro município, por questão de distância (riso). Então, eu nem sei como é que tá de fato Darle (humhum), minha, até antes da assembleia eu estava como diretoria (risos), mas (humhum) aí agora como houve essa assembleia, e eu não participei, eu de fato eu não sei te dizer (humhum). Até um dia desse, tava como diretoria, mas agora eu não sei.

D: Pronto. Eh... brigada! (risos) pela... por esse apoio, né? (ela sussurrou: oh! Imagina) Por tirar um tempo pra poder conversar comigo, se tu tiver alguma coisa que tu lembra, que tu queira falar, pode falar (riso), e só a agradecer.

N: Eh... pra mim na verdade é um prazer, né? Falar dessa história, porque é uma história tão bonita, uma história tão, eh... de impacto positivo, né? Na vida (humhum) das mulheres que... e foi lá onde comecei, né? Hoje, eh... eu acho que quanto mais oportunidades como essa, de a gente tá escrevendo, da gente tá documentando (humhum), o trabalho que tu tá fazendo, né? De... de tu tá tirando um tempo pra estudar essa história, né? Pra documentar isso pra fazer um TCC sobre isso, é bastante gratificante, né? Pra gente (humhum), porque a gente sabe que o estudo nunca morre e nele vai sempre servir pra outras pessoas, né? (humhum) Mas que você conclua a faculdade que você, eh... “ah, tá sendo como meta pra concluir o curso”, mas talvez pra outras pessoas, pra outros estudantes (humhum) que vem futuramente vai servir como um estímulo, né? Como incentivo, como aporte mesmo (humhum), pra... pra estudar ou se aprofundar em algum desses assuntos, né? Que a gente acaba, eh... perpassando. Então, é só gratidão mesmo. (riso)

ENCERRAMENTO DA ENTREVISTA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho de conclusão de curso foi uma experiência inestimável, poder contar um pedacinho da história dessas mulheres, as quais tanto admiro por suas forças e resiliência em se renovar e continuar na luta para uma sociedade mais justa para todas as mulheres do campo e da cidade. A proposta desse trabalho foi a de construir uma coletânea de entrevistas das Mulheres Rurais que estão inseridas na AMTQ, para contribuir na preservação das memórias dessas mulheres, servindo como fonte de pesquisa a partir da metodologia da História Oral.

Vendo os passos dados, é imprescindível a utilização da metodologia da história oral para conseguir refletir a essência da história do tempo presente, pois, cada passo dado quando organizado se torna um conjunto.

Os caminhos percorridos não foram fáceis – e isso não foi nenhuma surpresa –, quando se pensa em trabalhar com a metodologia da História Oral, deve-se estar cientes disso. Como se trabalha com pessoas – testemunhos vivos – o cuidado na preparação da entrevista, em sua execução e organização são de grande responsabilidade, para que consiga evocar as memórias de determinados momentos e que sirvam como fontes.

Para além disso, a trajetória dessa pesquisa foi fascinante, pois, resultou no aprofundamento das memórias e conhecimento mais qualificado da história das mulheres da AMTQ, na compreensão de como conseguiram se organizar e conquistar diversas pautas de suas agendas, não só na conquista de bens materiais, mas também de experiências e conhecimentos, e na possibilidade de poder divulgar tais memórias e histórias para outros.

Considerando o que foi visto durante essa jornada, destaca-se a importância da representatividade que essas mulheres fortes traduzem e servem de referências, uma vez que lutaram não só por seus direitos, mas para um coletivo. Valores tão importantes atualmente, num mundo cada vez mais individualizado.

Os diálogos que foram realizados com as mulheres da associação mostraram a importância dos trabalhos sobre o cotidiano dessa parte da sociedade, que por muitas vezes é deixada de lado, esquecida, sem poderem acessar sua própria história. Ao fim do trabalho, importante relembrar o que foi refletido por Thompson, a respeito do início da história da mulher, quando essa era “esquecida” pelos historiadores homens e as produções existentes eram, em maior parte, advindas das próprias mulheres, e apesar de o tempo passar, na maioria das vezes somos escutadas apenas por nós mesmas. Por isso, a importância de se apoiar e escrever sobre as mulheres rurais, sobretudo, propiciar espaços em que suas vozes se

multipliquem e ecoem corporificando a continuidade das mudanças sonhadas por elas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.234.
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2007.
- ANJOS, Luciara S. “**Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança**”: coletânea de entrevistas de alguns moradores/as de São João do Paraíso- Mascote Bahia. Orientadora: Maria Sandra Gama. 2021. p. 149. Coletânea (Licenciaturaem História) - UNEB, Eunápolis-Bahia, 2021.
- BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: **História Geral da África I: Metodologia e pré- história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167 a 212.
- BARRO, D. S.; AMÉLIA, D. Arquivo e memória: uma relação indissociável. Artigo. **Transinformação**, Campinas, 21(1): 55-61, jan./abr., 2009.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revistas de Estudos Feministas**. Florianópolis, 2004.
- BUTTO, Andrea. Políticas para as mulheres rurais: Autonomia cidadania. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (org.) **Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011, p.11-36.
- COSTA, Maria U. da S. **A importância da mulher no contexto rural: desafios e perspectivas no ambiente doméstico**. Orientadora: Rosalina Semedo de Andrade Tavares. 2019. p. 12. Artigo (Bacharel em Administração Pública) - UNILAB, 2019.
- CUNHA, Murilo B. da; CAVALCANTI, Cordélia R. de O.**Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros,2008, p. 451.
- FARIA, Nalu. Mulheres rurais na economia solidária. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (org.) **Autonomia e cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011, p. 37-54.
- FERRANTE, Vera. **Situação legal e real da mulher trabalhadora no campo**. Perspectivas, São Paulo 5: 97 – 114, 1982.
- HERRERA, Karolyna Marin. Uma análise do trabalho da mulher rural através daperspectiva da multifuncionalidade agrícola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.
- LOZANO. Jorge. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO; FERRIRA. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-26.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista

do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

PAIVA, Fabrícia. P. de B. **Catálogo de entrevistas: História de mulheres quebradeiras de coco Babaçu da comunidade do coxo de dentro, em Jacobina-BA**. Orientadora: Polliana Moreno dos Santos. 2023. p. 64. Catálogo (Licenciatura em História) – UNEB, Jacobina, Bahia, 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história** [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros. Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; Tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François et.al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

SALES, Celina. de M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. Universidade Federal do Ceará. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007. p. 437-443.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP & A; FAPERJ; UNIRIO, 2003, p. 49-58.

SOUZA, Tainá N. de. Catálogo de entrevistas: **Entre prensas e fornos: história de vida dos trabalhadores da farinha em Canarana-BA**. 2023. p. 71. Orientadora: Maria Dalva de Lima Macedo. Catálogo (Licenciatura em História) – UNEB, Jacobina, Bahia, 2023.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZART, Paulina E. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminino e o princípio da igualdade: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico**. Orientadora: Ms Gimena Sichonany Samuel. 2019. p. 45. Trabalho de Conclusão (Artigo) - Bacharel em Direito, UNIVATES, Lajeado-RS, 2019.

Eletrônicas/Digitais

Prefeitura Municipal de Quixabeira

Disponível em: <https://www.quixabeira.ba.gov.br/site/dadosmunicipais> Acesso em: 09/06/2024

Site Oficial do Movimento dos Pequenos Agricultores

Disponível em: <https://mpabrasil.org.br/> Acesso em: 24/06/2024

História do MPA

Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595765944004/> Acesso em: 24/06/2024

O que é o Pró-semiarido

Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido> Acesso em: 26/06/2024

O que é o Bahia Produtiva

Disponível em: <https://www.car.ba.gov.br/projetos/bahia-produtiva> Acesso em: 26/06/2024

O que é o Programa Conviver

Disponível em: <https://appj.org.br/programa-conviver.php> Acesso em: 23/06/2024

O que é o PNAE

Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae> Acesso em: 26/06/2024

Importância do PNAE na Educação

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/pnae#:~:text=Com%20o%20objetivo%20de%20melhorar,das%20redes%20p%C3%BAblicas%20de%20ensino> Acesso em: 26/06/2024

O que é o PAA

Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-rural/paa> Acesso em: 26/06/2024

Site do Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais – Confecção do Mapa

Disponível em: <https://inde.gov.br/> Acesso em: 26/05/2024

Mapa do Território da Bacia do Jacuípe

Disponível em: <https://www.consorciójacuipe.ba.gov.br/municipios-consorciados> Acesso em: 26/05/2024

Mapa da Bahia

Disponível em : <https://www.portodaluá.com.br/praiadoforte-bahia/mapa-bahia> Acesso em: 26/05/2024

APÊNDICE

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Nome da entrevistada, idade? Sempre morou em Quixabeira, na zona rural ou não?
2. Quais foram os trabalhos desenvolvidos pela senhora/ por você até hoje?
3. Dentre os trabalhos desenvolvidos, eles foram todos voltados para o meio rural, quais eram as atividades e como ela se manifestava na renda familiar?
4. O ofício realizado foi aprendido como? Foi junto à família e quais as técnicas são/foram utilizadas, como são implantadas e se essas técnicas estão ligadas a alguma tradição?
5. Quando e como iniciou o contato da entrevistada com os movimentos sociais?
6. O que lembra do início das atividades do movimento de mulheres no município de Quixabeira?
7. Do seu ponto de vista o que animou as mulheres da cidade a criar a Associação de Mulheres?
8. Qual/quais as atividades que marcaram a sua vida que foi idealizada pela associação?
9. Das atividades e/ou projetos ligados à associação que trouxe impacto na vida das mulheres do município, tanto no âmbito social como nas formas de trabalho?
10. Ainda está ligada de alguma forma à Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira?

FOTOGRAFIAS: Arquivos da AMTQ.**Fotografia 2** – A ‘Bicicletada’: 1ª Passeio Ciclístico Feminino da AMTQ, 2016.**Fonte** - Arquivo da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira -BA.

Fotografia 3 – Marcha das Margaridas de 2011.



Fonte – Arquivo da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira -BA.

Fotografia 4 – ‘Cantigas’ de roda, comemoração ao Dia Internacional da Mulher em 2022. Primeiro evento de grande porte da AMTQ, “pós” pandemia.



Fonte – Arquivo da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira -BA.

Fotografia 5 – Comemoração ao Dia Internacional da Mulher em 2023



Fonte – Arquivo da Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira -BA.